

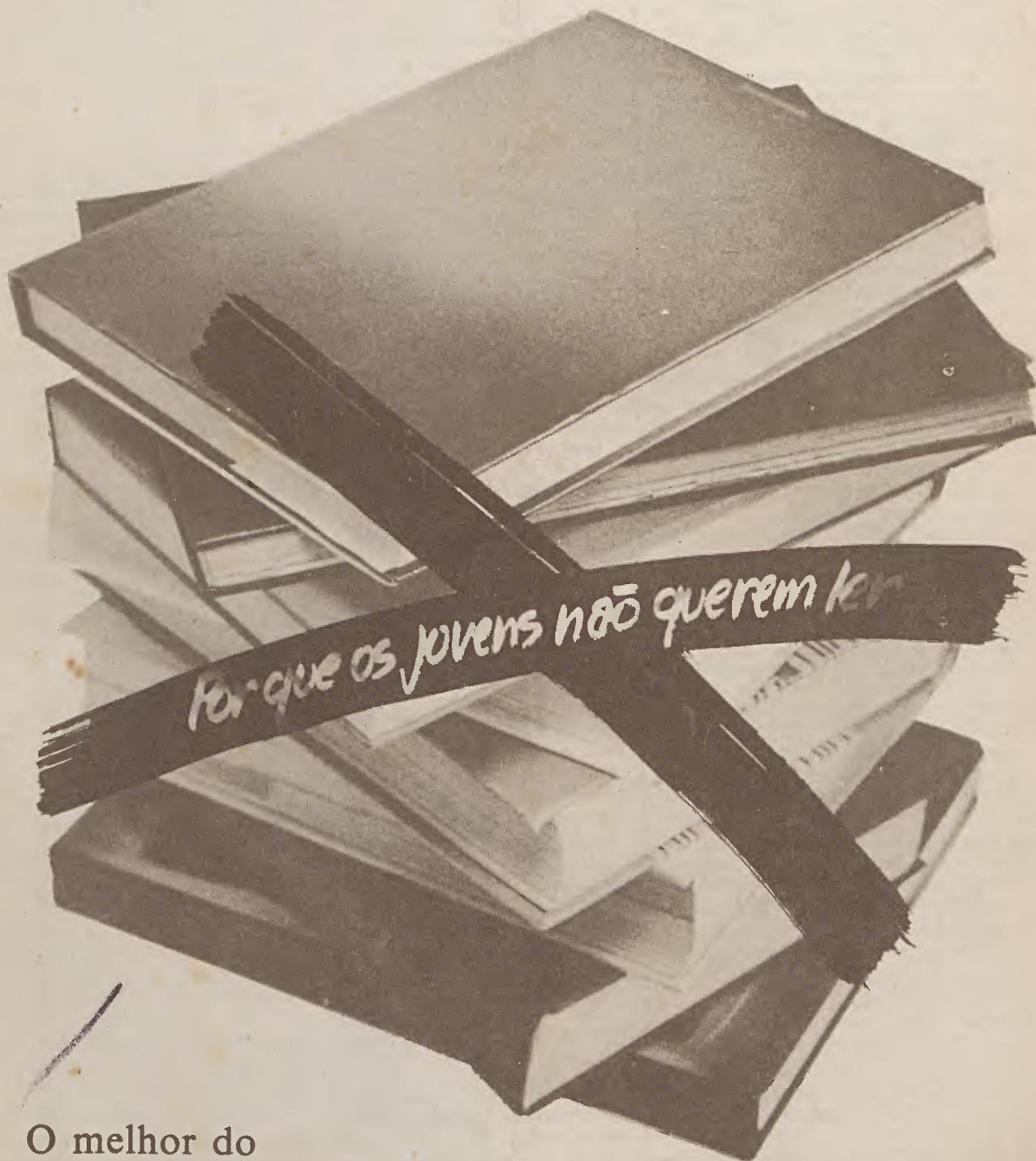
# ESCRITA

Ano III

Nº 26

Cr\$ 25,00

REVISTA MENSAL DE LITERATURA



O melhor do  
Primeiro Encontro  
com a Literatura  
Brasileira

A poesia peruana  
sob Alvarado

A poesia chinesa  
através dos séculos



# ESCRITA

Editor  
Wladyr Nader

Editores-assistentes  
Astolfo Araújo e Hamilton Trevisan

Redação  
Sônia Maria Faleiros da Costa Alcalay

Arte  
Hélio de Oliveira (capa), Sizenando,  
Saiti, Clauzet, Magdalena  
(ilustrações), WN (diagramação)

Colaboram neste número:  
Danilo Angrimani Sobrinho, Heloísa  
do Lago Alves Pequeno, Cecília Bonamine,  
Lêdo Ivo, Hugo de Castro, Lígia  
Averbuck, Flávio Moreira da Costa,  
Rykardo Rodriguez Rios, Fátima Miranda,  
Maria Stela Carrari, Antônio Carlos  
Villaca, Sérgio Amaral Silva, Salvador  
dos Passos, Carlos Emilio,  
Glaucio Mattoso

Assinaturas:  
(por cheque visado ou vale postal)  
anual: Cr\$ 250,00  
anual com direito a três números  
atrasados: Cr\$ 300,00  
semestral: Cr\$ 125,00  
semestral com direito a dois  
números atrasados: Cr\$ 150,00  
números avulsos: Cr\$ 25,00

Composição:  
Gazeta do Ipiranga  
Rua Bom Pastor, 1557 - S. Paulo

Impressão:  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446  
Fones: 62-3699 e 262-8861  
05007 - São Paulo (SP)

Distribuição:  
Vertente (São Paulo), Quadrelli - Mariz e  
Barros, 39 lojas 27/29 (Rio), Diálogo -  
R. Garibaldi, 1258 (Porto  
Alegre), Gighone - Al. Carlos de Carvalho,  
127 (Curitiba), R.A. Jinkings -  
Rua Mundurucus,  
1567 (Belém), Inéditos - Rua Goitacases,  
71, sala 1012 (Belo Horizonte), Livroteca -  
Rua Duque de Caxias, 47 (João Pessoa),  
Editora Nossa Ltda. -  
Rua Símplicio Mendes,  
867 (Teresina), Polly Livros - Rua de Santa  
Cruz, 198 Recife (Pernambuco, Alagoas,  
Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará),  
Livraria Galilei - SDS, Bloco E  
loja 11, Edifício Cine Atlântida,  
Brasília (Brasília, Goiânia, Anápolis),  
Lázaro Moreira - Av. das Amoreiras,  
3178, Campinas (Interior de  
São Paulo, Triângulo Mineiro, Sul  
de Minas, Interior do Paraná)

Escrita é uma publicação da  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Perdizes  
Fones: 62-3699 e 262-8861  
05007 - São Paulo (SP)

Registro na D.C.D.P.  
do D.P.F. sob nº 1464 - P.209/73

# PAUTA

Uma aluna da Escola de Comércio Álvares Penteado foi chamada à atenção pelo professor de português, por ter feito um trabalho com "escritor desconhecido". A aluna não recebeu a notícia bem humorada, pois supunha que Domingos Pellegrini Júnior já houvesse deixado de ser desconhecido, depois da publicação de dois livros ("Os Meninos" e "O Homem Vermelho") - mencionados por diversas revistas de informação (onde não faltaram entrevistas e comentários). Ao que tudo indica - nos próximos 10 anos (quem sabe) - os "bem informados professores", do tipo supracitado, tomarão conhecimento do Movimento Modernista e, talvez, daqui uns quinze anos saberão da existência de Érico Veríssimo. Até lá, sugerimos aos alunos que se detenham em Gregório de Matos. (Danilo Angrimani Sobrinho)

É parte da profissão do escritor, como é parte da profissão do espião, explorar a comunidade a que está preso, conseguir informações - com freqüência em segredo - e traduzir isso tudo para seus chefes, sejam eles seus leitores ou seus chefes de espionagem. Acho que as duas profissões talvez sejam um tanto solitárias... Não acredito que haja muito bons escritores que vivam sem tensão. Se não têm uma disponível no momento, geralmente dão um jeito de arrumar uma em sua vida privada. Mas a verdadeira tensão está no relacionamento entre o que chamariamos de perseguidor e a sua presa, tanto o escritor, como o espião. Graham Greene, certa vez, referiu-se a uma lasca de gelo que deve estar no coração do escritor. É essa é a tensão: temos de nos abster de relacionamentos e, ao mesmo tempo, travá-los. Temos aí, na minha opinião, a verdadeira relação metafísica entre o escritor e o espião. (John le Carré, autor de "O Espião que Saiu do Frio", no Jornal da Tarde, SP, 8/10/77).

Afinal uma notícia alvissareira: o surgimento, em São Paulo, Capital, de seis livrarias, no curto espaço de três meses: a Lorca, na al. Franca, 626, a Suindara, na av. Faria Lima, 1684, loja 51, a Boca do Livro, na rua Iguatemi, 480, a Klaxon, na rua Pamplona, 1704, loja 1, a Groenlândia, na rua Groenlândia, 1827, e também, a nossa, a Escrita. O mercado está exigindo ou o quê? Deixo para os pessimistas contumazes a resposta, certo de que vão levar semanas para curar sua perplexidade. (WN)

## Índice

3 - Prosa: "O Rádio Revelador", de John Cheever, "Estação dos Confundidos" - fragmento do romance de Moacir Amâncio - e o melhor conto do mês, "Conturbano", de Wanilton Cardoso Afonso.

11 - Poesia: "Seis Poemas Chineses", de seis autores diferentes, "Crescendo durante a Guerra numa Província Ultramarina", textos de um livro inédito de Silvano Santiago, e o melhor poema do mês, "Rastro de Caramujo", de Getúlio Cardozo da Silva.

17 - Teoria: "Uma Experiência com o Processo Criador", por Lígia Averbuck, "A Tradição e a Traição", por Flávio Moreira da Costa, e "Os Jovens Poetas do Peru", por Rykardo Rodriguez Rios.

25 - Serviço: "Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira - Depoimentos", "Os Inimigos da Leitura", reportagem de Fátima Miranda e Maria Stela Carrari/Livros/Registro/Informação/Cartas.



# PROSA

## O RÁDIO REVELADOR

John Cheever

Em 1952 o ainda não tão famoso Ray Bradbury selecionou para a Bantam os contos de uma das mais expressivas coletâneas de literatura fantástica já publicadas, "Timeless Stories for Today and Tomorrow". São 26 autores, entre os quais o próprio Bradbury, mas não apenas norte-americanos ou de língua inglesa. "Esta antologia foi feita por três razões", explica ele na introdução: "para reunir histórias de autores que raramente escrevem literatura fantástica; para revelar histórias até agora não usadas por outras antologias do gênero; e, sobretudo, para publicar histórias de qualidade." Sobre o conto de John Cheever aqui reproduzido - e publicado originalmente na edição de 17 de maio de 1947 de The New Yorker - afirma o autor de "Crônicas Marcianas" que ele nos dá uma dimensão da natureza humana dificilmente encontrada em qualquer forma de ficção. "A fantasia nos permite às vezes olhar a vida mais fácil e mais claramente do que a mais real das histórias realísticas. Certamente ninguém pode acusar Mr. Cheever de não ter criado pessoas como nós em seu conto", completa. Pg. 4

## ESTAÇÃO DOS CONFUNDIDOS

Moacir Amâncio

O livro de Moacir Amâncio, lançamento da Símbolo de que publicamos um fragmento, é apresentado pelo romancista baiano Antônio Torres, que diz: "Toda a cidade é uma imensa parede, contra a qual vamos, cegamente, bater as nossas caras: é isto o que parece dizer este "Estação dos Confundidos", de Moacir Amâncio. E assim, jogando nossas vidas nas paredes, nos transformamos nos palhaços molambentos e sem graça a provocar o riso de quem as construiu - para o seu deleite e domínio. / A cidade é São Paulo, que tem muito orgulho de sua vocação para o trabalho e muita vergonha de sua falta de jeito para a política, desde o vexame de 32. Mas as criaturas que se engarrafam dentro deste romance sabem que aqui há um tipo de política que não as inclui: a política do lucro. É isto o que se aprende nas ruas, na briga diária por um emprego miserável, na disputa por uns tostões furados, quando no substrato de cada um há o mito alienante do Eldorado - a locomotiva que arrasta generosamente o resto da nação. E já que a carga é muito pesada - convenhamos - é melhor tentar outros vagões - é o que dizem estes "confundidos", embarcando nas vias do sonho, mesmo que sejam sonhos impossíveis. / A estação tem sua porta aberta para a gente ir e vir. Mas isso é tudo? / Uma viagem de cegos, tontos, atordoados, à procura de uma réstia dentro do subterrâneo. O aqui e agora que testemunhamos. / Com tropeços, angústia, sangue, terror e medo." Moacir Amâncio, 28 anos, é também redator da seção de livros da Folha de S. Paulo. Pg. 8

## O Melhor Conto do Mês CONTURBANO

Wanilton Cardoso Affonso

De 14 meses para cá - ele teve um conto publicado em Escrita 12 - pouca coisa mudou na vida deste ex-estudante de filosofia, de 33 anos, colaborador do Suplemento da Tribuna, do Rio de Janeiro. Pelo menos uma injustiça ainda acontece com Wanilton: ele continua inédito em livro e não é por falta de talento, como vocês poderão verificar na pg. 10.





# O RÁDIO REVELADOR

John Cheever

*tradução de  
Cecília Bonamine  
Heloísa do Lago Alves Pequeno  
Sônia Maria de Faleiros Costa Alcalay*

Jim e Irene Westcott pareciam estar acima da média satisfatória de renda, empenho e respeitabilidade estabelecidos pelas estatísticas das associações de ex-alunos de faculdade. Casados há nove anos, tinham dois filhos ainda pequenos, moravam no décimo-segundo andar de um prédio de apartamentos em East Seventies, entre a Quinta Avenida e a Madison, iam ao teatro, em média, 10,3 vezes por ano e esperavam, algum dia, morar em Westchester. Irene Westcott era uma moça simpática, simples, de cabelos castanhos e

sedosos, fronte alta e clara, na qual o tempo ainda não havia deixado suas marcas. No inverno, costumava usar um casaco de pele que tingira para parecer mink. Não se poderia dizer que Jim Westcott, aos trinta e sete anos, aparentasse menos idade do que possuía, mas que, pelo menos, se sentia mais jovem. O cabelo, quase grisalho, era cortado bem curto, o tipo de roupa que vestia era o mesmo que sua turma usara em Andover, e seus modos eram austeros, impetuosos e intencionalmente simples. Os Westcotts diferiam

de seus amigos, de seus colegas de turma e de seus vizinhos apenas no interesse que compartilhavam por música séria. Iam a concertos - embora raramente mencionassem o fato a alguém - e passavam muito tempo ouvindo música pelo rádio.

O rádio dos Westcotts era antigo, sensível, imprevisível e sem concerto. Nenhum dos dois entendia de mecânica de rádio ou de qualquer um dos outros aparelhos que os rodeavam. Quando ele encrencava, Jim dava-lhe umas pancadinhas, o que, às vezes, re-



solvia. Numa tarde de domingo, no meio de um quarteto de Schubert, o som desapareceu por completo. Jim bateu várias vezes no móvel, mas não houve resposta: o Schubert estava perdido para sempre. Prometeu comprar um novo rádio para Irene e na segunda-feira, ao chegar do trabalho, disse-lhe que já havia encontrado um. Recusou-se a descrevê-lo, dizendo que seria uma surpresa.

Na tarde do dia seguinte, o rádio foi entregue pela porta da cozinha. Com a ajuda da empregada e do carregador, Irene desfez o pacote e levou o rádio para a sala. De imediato ficou chocada com a feiúra do grande móvel de madeira: Irene tinha orgulho de sua sala, tendo escolhido os móveis e as cores com o mesmo cuidado com que escolhia suas roupas, e, agora, o novo rádio parecia postar-se agressivamente ali, entre seus pertences íntimos, como um intruso. Ficou confusa com o número de botões do painel e estudou-os minuciosamente antes de colocar o plugue na tomada e ligar o rádio. No mostrador brilhou uma malévola luz verde e surgiu, ao longe, a música de um quinteto para piano. O quinteto ficou distante por um momento apenas: com uma velocidade maior do que da luz abateu-se sobre ela e espalhou-se pelo apartamento uma música tão amplificada, que fez com que um enfeite de porcelana caísse ao chão. Irene correu para o aparelho e reduziu o volume. As forças violentas contidas no feio móvel de madeira inquietaram-na. Nesse momento seus filhos chegaram da escola e ela foi com eles ao parque. Só no fim da tarde conseguiu voltar ao rádio.

A empregada tinha dado o jantar às crianças e estava supervisionando o banho delas quando Irene ligou o rádio, reduziu o volume e sentou-se para ouvir um quinteto de Mozart, que conhecia e apreciava. A música surgiu cristalina: o novo aparelho tinha um som mais puro que o velho, pensou. Decidiu que som era mais importante e que podia esconder o móvel atrás de um sofá. Mas, no momento em que tinha feito as pazes com o rádio, começou a interferência. Um estalo, como o barulho de um fusível queimado, começou a acompanhar a melodia dos acordes. Além da música, havia um farfalhar que fez com que Irene se lembrasse com desagrado do mar e, à medida que o quarteto prosseguia, a esses barulhos se juntaram muitos outros. Ela mexeu em todos os botões, mas nada fazia com que a interferência diminuisse. Sentou-se, desapontada e atrapalhada, e tentou acompanhar a seqüência da melodia. O poço do elevador do prédio ficava ao lado da parede da sala e foi o seu barulho que lhe deu a pista para descobrir o tipo de estática. O ranger dos cabos do elevador e o abrir e fechar de suas portas eram reproduzidos pelo alto-falante. Percebendo que o rádio era sensível a quaisquer tipos de correntes elétricas, Irene começou a distinguir no Mozart campainhas de telefone, discagens de números e lamen-

tações de um aspirador de pó. Prestando mais atenção, pôde perceber campainhas de portas de elevador, barbeadores elétricos, liquidificadores - sons que haviam sido captados dos apartamentos vizinhos ao dela e transmitidos pelo alto-falante. O feio e poderoso aparelho, com sua confusa sensibilidade, estava acima de sua capacidade de controle. Então, desligou a coisa e foi para o quarto das crianças.

Naquela noite, quando Jim Westcott chegou em casa, dirigiu-se confiante para o rádio e mexeu nos controles. Teve a mesma experiência de Irene. Na estação que escolheu, um homem falava e, instantaneamente, sua voz, a distância, atingiu tamanha força que sacudiu todo o apartamento. Jim girou o botão do volume, reduzindo o som. Um ou dois minutos depois, começou a interferência. Ao barulho de telefones e campainhas tocando, uniram-se outros: o ranger das portas do elevador e o chiado de painéis de pressão. O tipo de barulho mudou desde a hora em que Irene ligara o rádio; o último dos barbeadores elétricos estava sendo desligado, os aspiradores de pó já haviam sido conduzidos a seus respectivos armários, e a estática refletia aquela mudança de ritmo que invade a cidade depois do cair do sol. Jim girava os botões para todos os lados, mas não conseguia se livrar dos ruídos: desligou, então, o rádio e disse a Irene que logo pela manhã chamaria aquela gente que lhe vendera o aparelho e acabaria com eles.

Na tarde do dia seguinte, ao chegar de um almoço, Irene foi avisada por Ema de que um homem viera consertar o rádio. Antes mesmo de tirar o chapéu e o casaco de pele, foi para a sala experimentar o aparelho. Do alto-falante veio uma gravação da "Valsa do Missouri", que a fez recordar da musiquinha fraca e arranhada do antigo fonógrafo que ouvia, às vezes, no lago onde costumava passar as férias. Esperou que a valsa terminasse, na expectativa de ouvir alguma explicação, mas não houve nenhuma. A música foi seguida de um silêncio e, logo, a lamuriosa e arranhada gravação foi repetida. Girando os botões, ouviu uma explosão de música caucasiana - pancadas surdas de pés descalços na poeira e o tilintar de medalhas - mas ao fundo distinguia campainhas tocando e uma confusão de vozes. Neste instante, seus filhos chegaram da escola. Ela desligou o rádio e foi para o quarto deles.

Jim chegou em casa cansado, tomou um banho e trocou de roupa. Foi, então, sentar-se na sala com Irene. Tinha acabado de ligar o rádio, quando a empregada avisou que o jantar estava servido. Deixou o rádio ligado e foi para a mesa com Irene.

Jim sentia-se cansado demais para arriscar qualquer tentativa de sociabilidade, e, como não houvesse nada no jantar que interessasse a Irene, a atenção dela passou da comida para o acúmulo de polidor nos castiçais de prata e, daí, para a música na outra sala. Por

alguns minutos, ouviu um prelúdio de Chopin e, de repente, foi surpreendida por uma voz que irrompeu assim: *Pelo amor de Deus, Kathy*, disse um homem, *será que você tem sempre que estar tocando piano quando chego em casa?* A música parou abruptamente. *É a única hora que eu tenho*, disse a mulher. *Fico no escritório o dia inteiro. Eu também*, disse o homem. E, acrescentando algo obsceno sobre o piano, bateu uma porta com violência. A música sentimental e melancólica começou de novo.

"Você ouviu isso?" perguntou Irene. "O quê?" Jim comia a sobre-mesa.

"O rádio. Um homem falou alguma coisa no meio da música, uma coisa suja."

"Pode ser uma peça."

"Não acho que seja uma peça", disse Irene.

Sairam da mesa e foram tomar café na sala. Irene pediu a Jim que tentasse outra estação. Ele girou o botão. *Você viu minhas ligas (1)?* perguntou um homem. *Abotoe aqui*, disse uma mulher. *Abotoe o meu vestido, que já vou procurar suas ligas*, falou a mulher. Jim mudou de estação. *Gostaria que não deixasse restos de maçã nos cinzeiros*, disse um homem. *Detesto essc cheiro*.

"Estranho", disse Jim.

"É mesmo," disse Irene.

Jim girou o botão novamente. *Na costa de Coromandel, onde abóboras nascem ao léu*, disse uma voz de mulher com forte sotaque britânico, *no meio de um bosque azul, mora longue-bongue-bu. Um banquinho e meia vela, uma jarra e uma tigela...*

"Meu Deus!" gritou Irene. "É a babá de Sweeney."

*Era tudo o que ele tinha, pra levar sua vidinha*, continuou a voz.

"Desligue isso," disse Irene. "Podem estar nos ouvindo." Jim desligou o rádio. "Era a srta. Armstrong, a babá de Sweeney," disse Irene. "Deve estar lendo para a menina. Eles moram no 17-B. Falei com a Srta. Armstrong no parque. Conheço bem sua voz. Acho que estamos ouvindo os outros apartamentos."

"Impossível," disse Jim.

"Bom, era a babá de Sweeney", insistiu Irene. "Conheço sua voz, conheço muito bem. Gostaria de saber se eles estão ouvindo a gente."

Jim ligou o rádio novamente. Primeiro ao longe, e cada vez mais perto, como se trazido pelo vento, surgia de novo o puríssimo sotaque britânico da babá de Sweeney: *Srta. Joanhina!* disse ela, *que vive no bosque azul, quer morar na minha casinha, disse longue-bongue-bu...*

Jim aproximou-se do rádio e gritou "alô" no alto-falante.

*Cansei de viver sozinho*, continuava a babá, *neste mundo tão mesquinho; se você quiser me amar e comigo se casar, minha vida vai mudar...*

"Acho que ela está nos ouvindo", disse Irene. "Tente outra coisa qualquer."



Jim mudou de estação, e o tumulto de uma festa que havia chegado ao auge espalhou-se pela sala. Alguém estava tocando piano e cantando a Canção de Whiffenpoof; as vozes que rodeavam o piano eram animadas e alegres. *Coma mais um sanduichinho*, falou uma mulher de voz esganiçada. Ouviram-se risadas altas e, de repente, o barulho de um prato espatifando-se no chão.

"Devem ser os Hutchinsons no 15-B," disse Irene. "Sabia que estavam dando uma festa hoje à noite. Eu vi a Sra. Hutchinson no depósito de bebidas. Tudo isso não é maravilhoso? Tente mais alguma coisa. Veja se consegue pegar o pessoal do 18-C."

Naquela noite, os Westcotts ouviram um monólogo sobre uma pescaria de salmões no Canadá, uma partida de bridge, comentários rápidos de filmes sobre o que, aparentemente, foi uma viagem de quinze dias a Sea Island, e uma amarga discussão familiar sobre um cheque sem fundos. Desligaram o rádio à meia-noite e foram deitar cansados de tanto rir. A uma certa hora da noite, uma das crianças começou a gritar, pedindo um copo d'água, que Irene levou até o quarto. Era bem cedo. Todas as luzes estavam apagadas na vizinhança e, pela janela do quarto do menino, Irene avistava a rua deserta. Foi até a sala e experimentou o rádio. Ouviu uma tosse fraca e um gemido; um homem falou: *Você está bem, querida? Estou*, respondeu a mulher com uma voz cansada. *Estou bem, acho que sim*, e acrescentou pesarosa: *Mas, sabe, Charlie, eu já não me sinto a mesma. Às vezes, numa semana inteira, só sinto que sou eu mesma durante quinze ou vinte minutos. Não quero ir a outro médico porque as contas já estão tão altas... Mas, realmente, eu não me sinto a mesma, Charlie. Para dizer a verdade, nunca me sinto eu mesma.* Eles não eram jovens, pensou Irene. Imaginou pelo timbre das vozes que deviam ser de meia-idade. A melancolia reprimida do diálogo e a visão da janela do quarto fizeram-na estremecer. Voltou para a cama.

No dia seguinte, Irene preparou o café da manhã para a família - até às dez a empregada não saía de seu quarto no porão - fez tranças no cabelo de sua filha e esperou à porta até que Jim e as crianças tomassem o elevador. Dirigiu-se, então, à sala para ouvir o rádio. *Não quero ir pra escola*, gritou uma criança. *Detesto a escola. Não vou pra escola. Detesto a escola. Você vai à escola*, disse uma mulher enraivecida. *Pagamos oitocentos dólares para te colocar lá e você tem de ir nem que morra.* No número seguinte do mostrador o velho disco da "Valsa do Missouri" surgiu novamente. Irene mexia nos controles, devassando a intimidade de várias pessoas à mesa do café. Ouviu demonstrações de indigestão, de amor carnal, de extrema vaidade, de fé e de desespero. A vida de Irene era quase tão simples e resguardada quanto parecia e a linguagem direta e, às vezes, brutal que vinha

do alto-falante, naquela manhã, chocava-a, deixando-a atordoada. Continuou a escutar, até que a empregada entrou. Desligou rapidamente o rádio, pois tinha consciência de que essa intromissão era algo proibido.

Irene tinha um almoço marcado com uma amiga, e saiu de casa um pouco depois do meio-dia. Algumas mulheres estavam no elevador quando ele parou no seu andar. Observou seus rostos simpáticos e indiferentes, seus casacos de pele e as flores de pano de seus chapéus. Qual delas teria ido a Sea Islands?, perguntou-se. Qual delas teria passado um cheque sem fundos? O elevador parou no décimo andar e uma mulher entrou com um casal de Terriers. Tinha os cabelos puxados para trás e vestia um casaco de mink. Cantorolava a "Valsa do Missouri".

Irene tomou dois Martinis no almoço. Observava curiosamente sua amiga, imaginando quais seriam seus segredos. Pretendiam fazer compras depois do almoço, mas Irene desculpou-se e foi para casa. Após dizer à empregada que não queria que a perturbassem, foi para a sala, fechou as portas e ligou o rádio. Ouviu, no decorrer da tarde, a conversa hesitante de uma mulher distraindo sua tia, o histerico desfecho de um almoço comemorativo e uma anfitriã dando instruções à criada sobre um coquetel. *Não dê o melhor uísque para quem não tiver cabelos brancos*, disse a anfitriã. *E veja se consegue se livrar do patê de figado antes de passar as coisas quentes. Será que você poderia me emprestar cinco dólares? Quero dar uma gorjeta ao ascensorista.*

À medida que a tarde passava, crescia o volume das conversas. De onde estava sentada Irene via o céu aberto sobre o Central Park. Havia centenas de nuvens no céu, como se o vento sul tivesse rompido o inverno em pedaços, levando-o para o norte.

Pelo rádio ouvia a chegada dos convidados ao coquetel e as crianças e os homens de negócio voltando para casa. *Achei um diamante bem grande no chão do banheiro, de manhã*, disse uma mulher. *Deve ter caído do bracelete que a Sra. Dunston estava usando ontem à noite. Vamos vendê-lo*, disse um homem. *Leve-o ao joalheiro da Madison e venda-o. A Sra. Dunston não vai perceber a diferença e a gente vai ganhar um bocado de dinheiro... Laranja e limão, toca o sino de São Simão*, cantava a babá de Sweeney. *Só um tostãozinho, toca o sino de São Martinho. Quando você me pagaria? toca o sino da abadia... Não é uma bobagem qualquer*, gritou uma mulher, e ao fundo ouvia-se a algazarra de uma festa. *Não é uma bobagem qualquer, é um caso de amor! Foi o que o Walter Florell disse. Ele disse que não era uma bobagem qualquer, que era um caso de amor.* E depois, em voz mais baixa, a mesma mulher acrescentou: *Fale com alguém, pelo amor de Deus, meu bem, fale! Se ela te pegar aí de pé sem falar com ninguém, vai tirar a gente da lista de convidados e eu simplesmente adoro estas festas.*

Os Westcotts iam jantar fora à noite e, quando Jim chegou em casa, Irene estava se trocando. Como ela parecesse triste e distraída, Jim preparou-lhe um drink. Iam jantar com os vizinhos e foram caminhando até o local combinado. O céu estava aberto e iluminado. Era uma daquelas noites esplêndidas, que excitam a lembrança e o desejo. Uma brisa tépida tocava suas mãos e rostos. Na esquina, uma banda do Exército da Salvação tocava "Jesus é o caminho". Irene pegou no braço do marido, retendo-o por algum tempo para ouvir a música. "Eles são tão simpáticos, não?" disse Irene. "Têm uma cara tão simpática. Realmente são bem mais simpáticos que muita gente que conhecemos." Tirou uma nota da bolsa, dirigiu-se até eles e jogou-a no caldeirão. Ao voltar para o marido havia em seu rosto uma expressão de radiante melancolia, com a qual Jim não estava acostumado. E mesmo a conduta dela durante o jantar lhe pareceu estranha: interrompeu rudemente a anfitriã e ficou encarando intensamente as pessoas do outro lado da mesa. Ela mesma teria castigado seus filhos, caso fizessem semelhante coisa.

Ainda fazia um tempo agradável quando retornaram da festa. Irene, olhando as estrelas da primavera, exclamou: "Até onde os raios daquela velinha alcançam, brilha uma boa ação neste mundo perverso." Mais tarde, esperou que Jim adormecesse, foi para a sala e ligou o rádio.

Jim, na noite seguinte, voltou para casa lá pelas seis horas. A empregada, Ema, abriu-lhe a porta. Ele já havia tirado o chapéu e estava tirando o casaco, quando Irene entrou correndo no hall. As lágrimas brilhavam no seu rosto e estava toda despenteada. "Vá ao 16-C, Jim!" gritou. "Não tire o casaco. Vá ao 16-C. O Sr. Osborn está batendo na mulher. Eles estão discutindo desde as quatro horas e agora ele está dando uma surra nela. Suba lá e acabe com isso."

Jim, pelo rádio, ouvia gritos, obscenidades e pancadas. "Você sabe muito bem que não precisa escutar esse negócio." Com passos largos alcançou a sala e desligou o rádio. "É indecente", disse ele. "É como espiar janelas. Você não precisa escutar isso: pode muito bem desligar."

"Puxa, mas que coisa horrível isso tudo, meu Deus!" Irene soluçava. "Passei o dia todo escutando isso e é tão deprimente."

"Ora, se é deprimente, por que é que você escuta? Comprei este maldito rádio para te dar um pouco de prazer," disse ele. "Paguei um dinheirão. Pensei que fosse te fazer feliz. Eu queria te fazer feliz."

"Não, não, não, não brigue comigo," gemeu Irene, encostando sua cabeça no ombro dele. "Todos os outros brigaram o dia inteiro. Todo mundo esteve brigando. Estão preocupados com dinheiro. A mãe da Sra. Hutchinson está morrendo de câncer lá na Flórida e eles não têm dinheiro

para mandá-la para a Clínica Mayo. Pelo menos é o que o Sr. Hutchinson diz. E uma mulher deste prédio está tendo um caso com o fiscal - aquele homem horrível. É tudo tão nojento. E a Sra. Melville tem um problema no coração e o Sr. Hendricks vai perder o emprego em abril e a mulher dele não está gostando nada nada disso; e aquela garota que toca a "Valsa do Missouri" é uma prostituta, uma prostituta barata; o ascensorista está com tuberculose e o Sr. Osborn fica batendo na mulher," Irene chorou, tremendo de aflição. Com as costas da mão enxugou a torrente de lágrimas que lhe caía pelo rosto.

"Ora, por que é que você tem de escutar?" Jim perguntou de novo. "Por que você precisa escutar esse negócio se isso te faz tão infeliz?"

"Ah, não, não, não," chorou. "A vida é tão horrível, tão sórdida e tão horrível. Mas nunca fomos assim, fomos, meu bem? Fomos? Quer dizer, nós sempre fomos bons, decentes e apaixonados um pelo outro, não? E temos dois filhos, dois filhos lindos. Nossas vidas não são sórdidas, são, meu bem? São?" Atirou os braços em volta do pescoço do marido e aproximou sua cabeça da dele. "Somos felizes, não, querido? Somos felizes, não somos?"

"Claro que somos," disse Jim num tom cansado. O rancor estava passando. "Claro que somos felizes. Amanhã mesmo vou mandar consertar esse maldito rádio ou mandá-lo embora de vez." Acariciou os cabelos sedosos da mulher. "Coitadinha," disse.

"Você me ama?" ela perguntou. "Nós não somos obcecados, preocupados com dinheiro ou desonestos, somos?"

"Não, meu bem," disse ele.

No dia seguinte veio um homem consertar o rádio. Irene desligou-o cuidadosamente e ficou feliz em ouvir um comercial do vinho da Califórnia, uma gravação da Nona Sinfonia de Beethoven, incluindo a "Ode à Alegria" de Schiller. Deixou o rádio ligado o dia inteiro e não ouviu nada desagradável da boca do locutor.

Uma suíte espanhola estava sendo tocada quando Jim chegou em casa. "Tudo em ordem?" perguntou. Estava pálido, Irene pensou. Tomaram alguns drinques e foram jantar ao som do "Coro do Ferreiro", do "Il Trovatore", seguido do "La Mer", de Debussy.

"Paguei o rádio hoje", Jim disse. "Custou quatrocentos dólares. Espero que você se divirta um pouco com ele."

"Claro! Tenho certeza que sim," disse Irene.

"Quatrocentos dólares é muito mais do que poderia gastar," continuou. Queria comprar alguma coisa que te divertisse. É a última extravagância que vou tolerar este ano. Vejo que você ainda não pagou suas roupas. Vi as notas na sua penteadeira." Olhou diretamente para ela: "Por que você me disse que tinha pago? Por que você mentiu?"

"Não queria te deixar preocupado,

Jim," disse. Tomou um gole de água. "Vou poder pagar minhas contas com a mesada deste mês. No mês passado fomos as toalhas e aquela festa."

"Você tem que aprender a aplicar melhor o dinheiro que te dou, Irene," disse Jim. "Tem que entender que não vamos ter este ano tanto dinheiro quanto no ano passado. Tive uma conversa muito séria com Mitchell hoje. Ninguém está comprando mais nada. Estamos gastando todo o nosso tempo com a promoção de novos catálogos e você sabe como isso é demorado. Sabe, estou envelhecendo. Tenho trinta e sete anos. Meu cabelo estará grisalho no ano que vem. Não tenho sido tão bem sucedido quanto esperava. E não tenho esperanças de que as coisas melhorem."

"Sim, querido," disse Irene.

"Temos que começar a cortar despesas," disse Jim. "Pensar nas crianças. Para ser franco com você, me preocupo muito com dinheiro. Não tenho segurança nenhuma quanto ao futuro. Ninguém tem. Se acontece qualquer negócio comigo, há o seguro que hoje em dia não dá para muita coisa. Trabalhei duro para dar uma vida confortável a você e às crianças," disse amargamente. "Não gosto de ver todas as minhas energias, toda a minha juventude, perdas em casacos de pele, rádios, toalhas e..."

"Por favor, Jim," disse Irene. "Por favor. Vão nos escutar."

"Quem vai nos escutar? Ema não pode nos escutar."

"O rádio."

"Eh! Estou cheio!" gritou. "Estou por aqui desse seu medo. O rádio não pode nos escutar. Ninguém pode nos

escutar. E o que é que vai acontecer se escutarem alguma coisa? Quem está ligando para isso?"

Irene levantou-se da mesa e foi para a sala. Jim foi até a porta e de lá gritou para ela: "Por que você ficou tão cristã de repente? O que fez com que você virasse uma freira do dia para a noite? Você roubou as jóias de sua mãe antes de legitimarem o testamento. Nunca deu à sua irmã um único centavo do que era dela por direito - nem mesmo quando ela precisou. Você desgraçou a vida de Grace Howland, e onde estavam toda sua bondade e virtude quando foi fazer aquele aborto? Nunca vou esquecer sua frieza. Fez a mala e foi assassinar aquela criança como se estivesse indo para Nassau. Se ainda tivesse algum motivo, se tivesse um bom motivo..."

Irene ficou imóvel por alguns momentos diante do horrível aparelho, abatida e humilhada. Mas, antes de acabar com a música e com as vozes, conservou a mão no botão, esperando que o aparelho lhe dissesse algo agradável, que pudesse ouvir a babá de Sweeney. Jim continuou a gritar da porta. A voz que vinha do rádio era suave e reservada: *Um desastre rodoviário esta manhã bem cedo em Tóquio, disse o alto-falante, matou vinte e nove pessoas. Freiras apagaram um incêndio num hospital católico para crianças cegas, perto de Buffalo, logo pela manhã. A temperatura é de quarenta e sete graus Fahrenheit. A umidade relativa do ar é de oitenta e nove por cento.*

(1) Na época era costume nos países do hemisfério norte, os homens usarem ligas para prenderem as meias.

## O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO PELO SEU FILHO?

A criança precisa ter oportunidade para se encontrar, se conhecer através de suas próprias expressões, falando, brincando, modelando, dramatizando assim sua individualidade, sua criatividade, seu modo de ver o mundo em que vive.

É no exercício contínuo de atividades como essas que a criança fala, que seu gesto significa, que ela ocupa seu verdadeiro lugar no mundo. Permitir que a criança seja ela mesma e se descubra é a preocupação maior do ARVOREDO - Grupo Especializado em Educação.

Matricule seu filho no ARVOREDO.

Durantes as férias (de 10 de janeiro a 10 de fevereiro): turmas de manhã e à tarde, terças, quartas e quintas. Durante o ano (de março a junho e de agosto a novembro): turmas de manhã e à tarde, uma ou duas vezes por semana. Informações e reservas: telefones 65.7998 e 62-9219.

ARVOREDO: GRUPO ESPECIALIZADO EM EDUCAÇÃO  
RUA ALVES GUIMARÃES, 156 (NO BAIRRO DE PINHEIROS,  
A MEIO QUARTEIRÃO DA AVENIDA REBOUÇAS)



# Estação dos Confundidos

*fragmento*

Moacir Amâncio

Seu rosto - a descontração o incomoda, pode ser sinal de sono. Reluta. Algum guarda pode vê-lo dormindo e na certa que o acordará pedindo documentos, a chateação, o perigo, quem sabe. Evitar o sono, abrir os olhos, permanecer atento. Não pode dormir. Um casal cheio de malas e sacolas passa puxando uma garotinha sonolenta, chorosa, o homem adiante da mulher. Cansaço, mas demonstram animação, alarmados com qualquer ruído que ecoe pelas armações de aço e madeira, eles são comoventes na sua ingenuidade. As roupas grosseiras, calças de brim, vestido de pano ralo com florzinhas, uma corda fechando a mala de fibra, sacolas de saco de farinha. Existir em outra época. Outra estação. A luz inaugurada pela segunda vez no começo do século, cartolas, bengalas, vestidos longos, crianças de marinheiro, bigodões. Acha que a Estação da Luz sempre existiu. Foi por aqui que passaram os pais da sua mãe rumo ao interior, num dia entre os anos de 1920 e 1925, bichos d'água recém-despejados em Santos de um navio cargueiro, crianças nascendo durante a viagem, comida ruim, saudade, o pânico tão grande que fazia rir imitando a alegria nas caras novas, claras, olhos azuis. A menina chorosa também tinha olhos azuis. Joaquim sente vontade de agradar a menina. Lavradores, a família se espalhando, cada qual para um lado, São Paulo é grande, plantar café café café. América, fratello! Hoje nem se fala nisso. O avô dizia gostar da roça, mas há quarenta anos não deixava a cidade, há vinte anos no bairro de Vila Guilherme, onde morava com o filho, nora e netos, a avó morta ainda jovem, segundo contavam. Quantos filhos acabaram fazendo. Tia Aneta, ele não conhecera, falavam pouco dela. Tio Gaspar, tio Girólamo, tio Pico, tia Eva, os primos, porção de primos que nunca vira perdidos pelo interior, no Paraná. "Nono Bepe nono Bepe" - gritavam assim. Pra que ver parentes - engoliu seco ao se surpreender de novo olhando a menina a mijar atrás de um banco, tranqüila, indiferente, meiga.

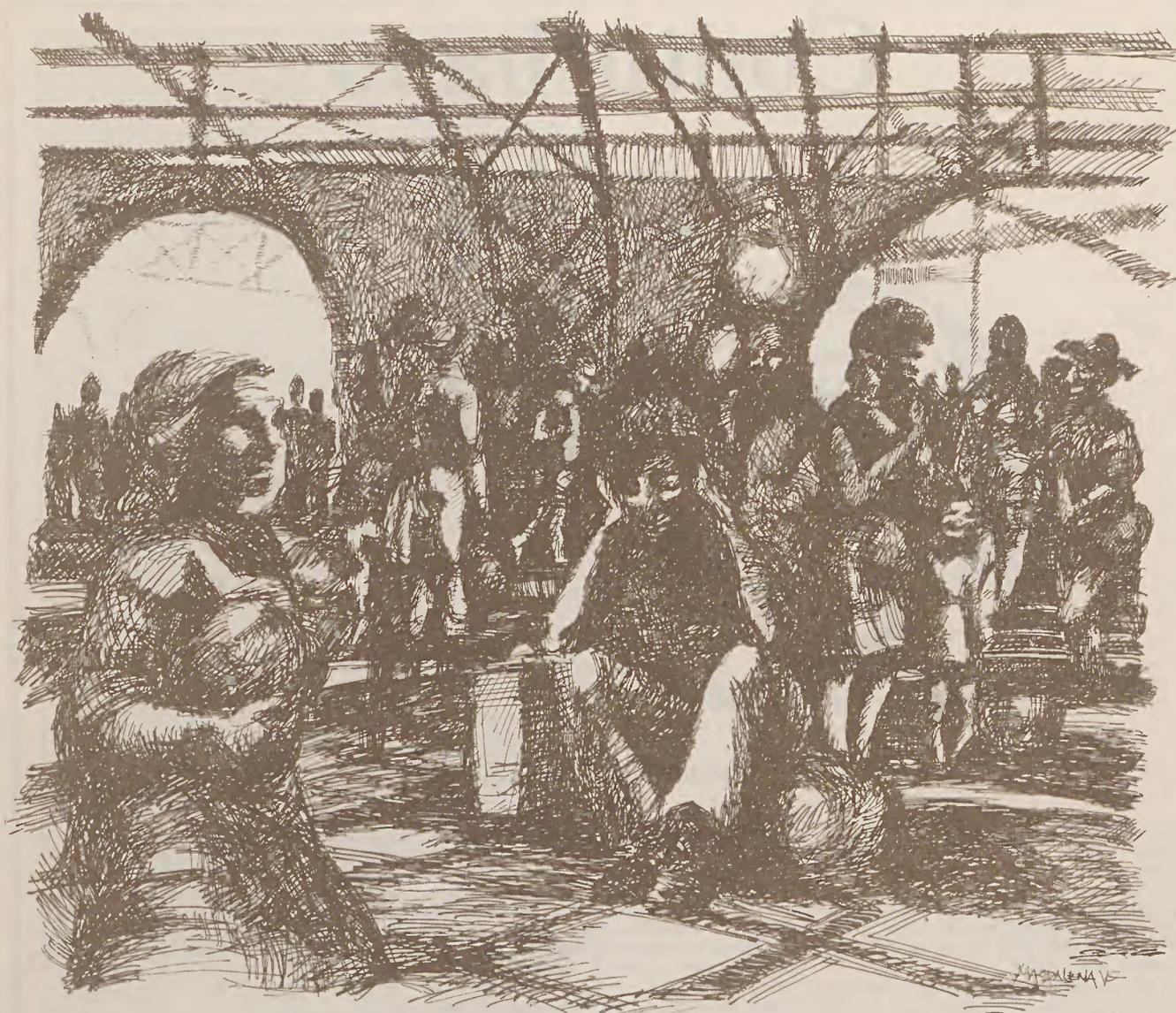
Começa o frio da madrugada.

A garotinha deitara no saco de farinha que dava impressão de ser macio, enquanto os pais se limitavam a olhar impacientes para os lados. Pareciam esperar que algo acontecesse mesmo. Talvez esperem novas pessoas, pensa Joaquim. Talvez, pouco acostumados a viajar, sejam vítimas daquela espécie de loucura que se manifesta nestes lugares em que, apesar de tudo vazio, parado, e de se ter chegado mais de um dia antes do horário previsto, sobrevém a sensação aterradora de que a partida ocorreu há muito tempo e que agora, agora parece que o examinam, desvia o rosto, passando a olhar através da grade de metal vermelho - isto lembra um túmulo grande, constata ao reimaginar a destruição que de súbito se abatera sobre a cidade. Escombros, carne podre. A sujeira que diariamente é levada pelos esgotos sendo exposta nas ruas, a intimidade das casas, porões, es-

conderijos e cantos escuros arrebatada por um fluxo de pus onde bóia, vez por outra, um cadáver de bicho ou de gente, um pedaço de sucata, ratos afogados. A torrente de geração espontânea que nada perdoasse. Isto, ou acordar num quarto atulhado de cadáveres descompostos, caras transformadas em bolhas viscosas, olhos loucos de vermes brancos muito atarefados a mastigar, a digerir. Sobressalto. Roça a ponta dos dedos na boca, gesto de quem procura se livrar. Caem tenros pelo queixo, ele cospe a multidão de vermes que lhe deixam um traço de cócegas no cérebro, não sabe porque mas é no cérebro que experimenta o revólver contínuo dos bichinhos. Nariz. Cigarro. Quem sabe a fumaça expelida com força não faça surgir a tranqüilidade - olham para outro rumo - e até certa plenitude, a impressão de que restou só um deserto imenso, a plataforma de cimento ampliada para todos os lados, nivelando todas as diferenças de terreno, assim, uma planície sepultada. Ele na Estação da Luz e a poucos metros uma família pobre espera o trem, a bagagem suja e com toda certeza improvisada pelos dois pouco antes de saírem. Há pressa de partir naquela gente, inclusive na menina que adormeceu. É bela a criança, pensa Joaquim. Vergonha. Vontade de lhes perguntar o que levam, não, de retirar a corda que fecha a mala, ir fufando, examinar os trastes até descobrir a arma, fazer com que a garota desperte mesmo que ela chore, acordá-la para ouvir exatamente o seu choro, ver seus movimentos tímidos - a vergonha aumenta e ele se ergue. Pega a maleta, vai para outro corredor, cabeça inclinada para o ombro direito apesar da consciência de que se encontra fora de visão e ninguém o observa. Caminha. Parede. De um lado, a porta que dá para o largo General Osório, do outro um corredor mais estreito que ele toma. Estreito e mais baixo, os arcos de aço, trilhos curvados e grades, espécie de túnel frio através do qual o vento é canalizado sem os assobios e uivos mencionados com tanta insistência nas histórias de paisagens remotas. Atira o resto do cigarro pelo vão das grades, a brasa avança um pouco no vento, descreve um arco, faiscar rápido e se apaga entre os pedregulhos da linha. Sorri, trazer o cigarro de volta para a boca? Não, ir apagando as luzes de uma casa enorme onde falte controle central de eletricidade. O toque leve - pléque - e a sala ou quarto ou corredor deixaria de existir. Um a um, os comutadores, todos. No final, a escuridão. Mas ainda haveria reflexos vindos da rua. Lacrar janelas, portas, eliminar frestas - pára - como apagar os rumores que a princípio se fazem notar fugidios, depois se aproximam corajosos numa espécie de rolo compressor invisível? Correr, fugir da Estação da Luz, pegar a avenida Ipiranga, Pablo's, praça, rosa dos ventos, Planeta dos Macacos.

O silvo intermitente da Patrulha que atinge o diapasão mais agudo e baixa e aumenta e diminui





como se um cachorro maluco uivasse cortando a respiração das pessoas encolhidas junto às paredes, susto e medo, morder a língua. Cachorro de um olho só no meio da testa que gira em relâmpagos vermelhos. A viatura: São Luís, Ipiranga, Dom José, ruas. Nunca os meganhas o haviam parado pedindo documentos, batendo revista à procura de qualquer coisa capaz de lhes despertar suspeita. Mesmo quando eles pareciam mais desesperados, deixavam-no passar sem aparentemente perceberem que ali ia mais um sujeito com tanta possibilidade de ser um bandido quanto qualquer outro daqueles prensados contra a parede, cano da metranca cravado nas costelas, a vítima põe a língua para fora e cai de joelhos. Isto é seu, responda! Eles colocam a prova do crime no bolso da vítima, adeus. Ou paga ou vai com a gente. Depois, as máquinas de fazer cantar. Espera o sinal verde. O edifício Itália, o mais alto da América Latina, ergue-se glorioso com poucas lâmpadas acesas, no alto as janelas enfumaçadas do restaurante e, após os três primeiros andares, o terraço onde fica o cavalo de bronze, patas dianteiras empinadas, parece que vai se mover, parece que briga, parece que se defende amendrontado, parece que vai saltar em meio às lâmpadas que o iluminam da base - reflexos de ouro.

Joaquim atravessa a avenida. Havia outros caminhos que poderiam levá-lo ao Planeta dos Macacos, mas prefere este. O navio desengonçado de concreto sempre no mesmo lugar, quilhas agressivas que lembram uma rosa dos ventos enlouquecida e sem propósito, absurda no seu pairar sobre a pista do elevado roncando dia e noite.

Ainda é cedo, há poucas pessoas no bar. Elas chegam mais tarde, meia-noite, uma hora da madrugada, as mesas cheias, vozes que se misturam, cigarros, barba, cabelo, mocinhas, rapazes, bichas, sapatões, sapatinhos sob a crueza da luz de mil velas que arranca lágrimas deste, daquela, desta, daquela. Espremidos, tosem, esfregam-se, gritam, gemem e dão risada, o som e o esgar independentes do resto da cara, dos olhos que ele imagina verdes de uma moça apoiada sobre os cotovelos na segunda mesa à direita de quem entra. Já haviam tentado fumar maconha no Planeta dos Macacos, o garção percebeu. Ainda bem, deu em nada, pensa. Vazio, apenas o barbudo sentado debaixo da escada que descreve uma espiral imunda ligando o "reservado" de penumbra ao bar escaldante sob as vinte mil velas.



# Conturbano



## Wanilton Cardoso Affonso

A campanha estava muda. Insistiu com o punho, batidas rápidas, fortes. A porta escancarou-se, o homem mulato apareceu.

— Pode falar, gente boa.

Perguntou se o Carlinhos estava. Tinham marcado um encontro praquela hora.

— Daqui a pouco ele tá por aqui. Vai entrando.

A sala, numa bagunça desgraçada, lembrava cenário de saloon americano depois da chegada dos homens do rancho KO - riu com a imagem. O mulato perguntou se tudo bem, disse que sim, porém, dependendo da resposta do Carlinhos, podia ficar melhor.

— Ah, quer dizer que você transa com o Carlinhos?

Confirmou com a cabeça. O mulato abriu a boca, dentes honitos, e gritou.

— Ô Zé Carlos, o cara tá dizendo que transa com o Carlinhos. Chega aqui pra você conhecer a figura.

Quando o outro homem surgiu sem camisa, harriga branca saliente, não sabe por que sentiu frio no espinhaço, as entranhas pedindo arrego. Num só tropeço confessou sem ninguém perguntar que tava ali pra arrumar um lugar pra dormir, nem sabia qual era a do Carlinhos. Não era marginal, não. Tá certo, já estivera preso mas por falta de documentos, eles podiam verificar. O Carlinhos, ele conhecia de vista; tava esperando um dinheiro de Recife, a irmã casada já passara até um telegrama avisando que o dinheiro ia chegar logo, e enquanto o dinheiro não chegasse ele precisava de um lugar pra dormir. Por isso tinha vindo conversar com o Carlinhos. Sim, se conheciam duma pensão para estudantes, mas isso tem muito tempo. O Carlinhos sempre pareceu um cara legal; na noite passada eles tinham se encontrado num boteco lá em Botafogo, estavam tomando umas cervas, aí ele falou pro Carlinhos que tava na menor, sem lugar pra dormir. O Carlinhos dissera não tem problema, que

pintasse na casa dele depois do almoço, a gente arruma um canto pra você.

— Tá sabendo que entrou numa fria, né, crioulo? O cara tá preso lá na federal, transa pesada, e tá entregando todo mundo. Seu nome é capaz de tá na lista... Esse seu papo de ervacideira na hora da verdade não vai colar, não. É melhor você entregar o jogo numa boa. Sacou? Cê num tá querendo levar um cacete de graça, tá? Então entrega o ouro, porra! Qual é a de vocês em Recife? Vai, senta naquela cadeira.

Desabou na cadeira, o suor correndo pelas axilas. O que é que eu vou dizer pras homens? Não sabia de nada, não transava com o Carlinhos nem jogava na pesada. Tá certo, uma vez ou outra dava uns barrufos mas era limpeza, sua ficha tava limpa, tinha até bronca de passeatas, a maior bronca desses festivas. Verdade! Tava por fora das transas do Carlinhos. Não sabia nada mesmo.

— O negócio é o seguinte: você tá criando dificuldades. Assim não vamos pra frente. Você vai ter que ir conosco até a federal. Lá você conta seu papo pro Inspetor. Certo? Agora vai saindo numa boa, sem bñancar o mais-malandro. Entendido?

Logo que desceram da viatura pediu misericórdia e proteção pra Deus, lembrou-se da mãe, como é que ia ser...nem podia avisar a mãe que entrara em cana, e o pior é que ele já começava a se sentir culpado de alguma merda que o Carlinhos tivesse aprontado e botado o nome dele. Porra, como é que ia se safar daquela?

(nome completo, nome dos pais, residência atual, onde trabalha, instrução, carteira de identidade, já foi preso alguma vez, nome de guerra, não tinham nome de guerra, ô rapaz, aqui não tem disso, não, diz o nome de guerra, mas ele não tem nome de guerra, o bofetão no

lado esquerdo da cabeça, tropeçando na cadeira de fórmica, nome de guerra. Crioulo, é estudante? não, trabalha? não, tava aguardando um emprego numa agência de publicidade, podiam verificar, eles têm o meu nome... ô cara, só responde o que eu lhe perguntar, tá bem? não tem residência fixa, não trabalha, mas moço, eu tenho família, já viu crioulo com família, ô macaco, passa lá pra dentro)

Na pequena cela chorava de bronca, vontade de pegar aquele mulato cara a cara, me chama agora de macaco, seu xibungo. Merda, nem sabia qual era a do Carlinhos, se aquele cara tivesse falado no nome dele, tava lascado.

— Ô vagabundo, levanta. Vamos conversar.

Pronto! Tava fudido. Tremeu, mas tremeu mesmo. O policial tinha nas mãos um cassete pequeno, roliço. Pediu pro homem manerar com ele, não sabia nada do Carlinhos, só fora lá pedir um lugar pra dormir até a grana chegar de Recife.

— Quer dizer que vocês também transam em Recife, né, seu safado? Sabe que você vai falar tudinho, né, seu porra? Vamos, vai desenhuchando. Se complicara mais ainda. Agarrado pelo cós das calças foi empurrado para o centro de uma sala branca sem janelas, um pressentimento que dali não ia sair vivo. Apelou. Não o botassem lá dentro, a mãe precisava dele, estava doente, só procurou o Carlinhos pra arranjar dormida, não fizessem isso com ele, não me mate, seu moço. Agarrou-se às pernas do mulato e este, bufando, desceu uma casseteada no ombro do crioulo, a dor afundando em direção ao peito, a porta da sala branca trancada. Ficou sozinho esperando a morte. Depois, nem sabe quanto tempo durou a espera, a porta abriu-se e seus olhos viram dois policiais aproximando-se calmos, determinados. Quando um deles o pegou pelo braço, não resistiu. Foi demais.

# POESIA

## SEIS POEMAS CHINESES

Chang Wu Kian, Li Tai Pô, Kung Fu Tsê,  
Su Tong-Pô, Wu Sseu-Tao, Tu Fu

Cerca de 14 séculos de civilização chinesa estão nestes poemas traduzidos por Lêdo Ivo ("Um Desejo para Meu Filho", "Os Cavalos Comem Grão" e "Canção") e Hugo de Castro (os demais). "Seis Quadros", "Esposas de Pá" e "Sabedoria" pertencem, aliás, à antologia "Cem Poemas Chineses", primeiro lançamento da editora Vertente em 1978. Pg. 12

## CRESCENDO DURANTE A GUERRA NUMA PROVÍNCIA ULTRAMARINA

Silviano Santiago

"Crescendo durante a Guerra numa Província Ultramarina", de que publicamos fragmentos, é também o título do novo livro de poemas de Silviano Santiago, de que a Ática está publicando, em 2ª edição, "O Banquete". Ensaísta e crítico, o autor é também professor de literatura na PUC carioca. Pg. 14

## O Melhor Poema do Mês RASTRO DE CARAMUJO

Getúlio Cardozo da Silva

O poeta do mês, de 25 anos de idade e um livro inédito, fundou com amigos o tablôide Formigão. Trabalhou em diversos jornais do interior mas hoje é vendedor em Mococa, São Paulo. Também já foi criador de porcos. Pg. 16



# SEIS POEMAS CHINESES

## Seis quadros

*nos quais sorri o meu filhinho*

CHANG WU KIAN

1879

### O começo

Ele deu seu primeiro passo lento  
levando uma laranja em cada mão.

Os arbustos resistem mais ao vento  
quando seus galhos vergam para o chão

### Sua canção

Põe-se a cantar para dormir, enquanto  
a mãe quer que ele cale... mas em vão  
pois antes ele quer que o próprio canto  
adormeça, embalado na canção.

### Os dois prisioneiros

A sua rã de jade transparente  
estava, um dia, fato extraordinário,  
junto da porta; então, prudentemente,  
prende-a na gaiola do canário.

### O fogo

Do fogo tem um medo enorme; quando

vê qualquer chama quase perde a fala,  
mas tenta reagir, pronunciando  
palavras graves, para intimidá-la.

### O espelho

Procura a mãe; procura-a sob a esteira  
e até no espelho; e salta, de contente,  
pois parece com a mãe de tal maneira  
que a julga atrás do espelho, sorridente.

### As gravuras

Com muita perfeição, já tenta o som  
das vozes imitar, dos animais,  
que mostra e aponta nas gravuras com  
ecos, à voz dos bichos quase iguais.  
E os animais e os homens das gravuras,  
que ele observa, quedam-se, parados,  
sem o mínimo gesto, deleitados  
ante suas feições gentis e puras.

## Os cavalos comem grão

WU SSEU-TAO

Século XIV

Os cavalos comem grão.  
No quartel há mais de duzentos  
e de cada vez comem duzentas medidas.  
No ano passado houve uma grande seca, e os homens agora  
sofrem fome  
e comem raízes de árvores e cascas.  
As autoridades requisitam o grão, temem que falte comida  
aos cavalos.  
Como os cavalos são preciosos, como os homens  
são pouca coisa!  
O coração dos homens não se atreve a ter-lhes rancor,  
alegra-se porque os cavalos do Estado estão gordos.  
Se os cavalos do Estado estão gordos, poderão correr  
como o vento.  
O Norte e o Sul estão inquietos.  
O general precisa de ginetes para dispersar os bandidos.

## Um desejo para meu filho

SUN TONG-PÓ

1036-1101

} Todos queremos ter um filho inteligente.  
 } Contudo, a inteligência me fez perder a vida.  
 } Agora quero um filho ignorante e estúpido.  
 } Sem dificuldades chegará a ministro.



### Esposas de Pá

LITAIPO  
702-763

O rio, em Pá, é mais veloz  
do que uma flecha; pelas suas  
águas abaixo, um barco, a sós,  
faz três mil lis em poucas luas.

Vossos maridos, felizmente,  
têm de subir essa corrente...

### Canção

TU FU  
712-770

Quanto a Li Pô, dai-lhe um vaso de vinho  
e ele vos escreverá cem poemas.  
Cabeceia numa taverna  
da cidade de Ch'ang an.  
Mesmo que o Imperador o chame,  
recusa-se a descer à barca imperial.  
Diz: "Por favor, Majestade!  
Sou o rei do vinho".

### Sabedoria

KUNG FU TSE  
551-479

Se uma mulher te fala,  
olha e sorri... sem escutá-la...





## CRESCENDO DURANTE A GUERRA NUMA PROVÍNCIA ULTRAMARINA

(fragmentos)

Silviano Santiago

“...levando em conta a base lingüística de toda a comunidade, em lugar de basear-me exclusivamente nos fatos e selecionar os acontecimentos mais extraordinários...”

Peter Handke

### Poema do lá

*Dizem: guerra  
lá na Europa  
como quem diz:  
chove lá fora.*

### O Carrasco de Hitler ou Canção do Exílio

*Aparece e desaparece  
com a constância  
de sol e lua.  
Ontem lá  
e hoje*

### Um e todos

*Tudo é uniforme.  
É brim cáqui,  
verde oliva  
ou azul marinho.  
É fustão branco.*

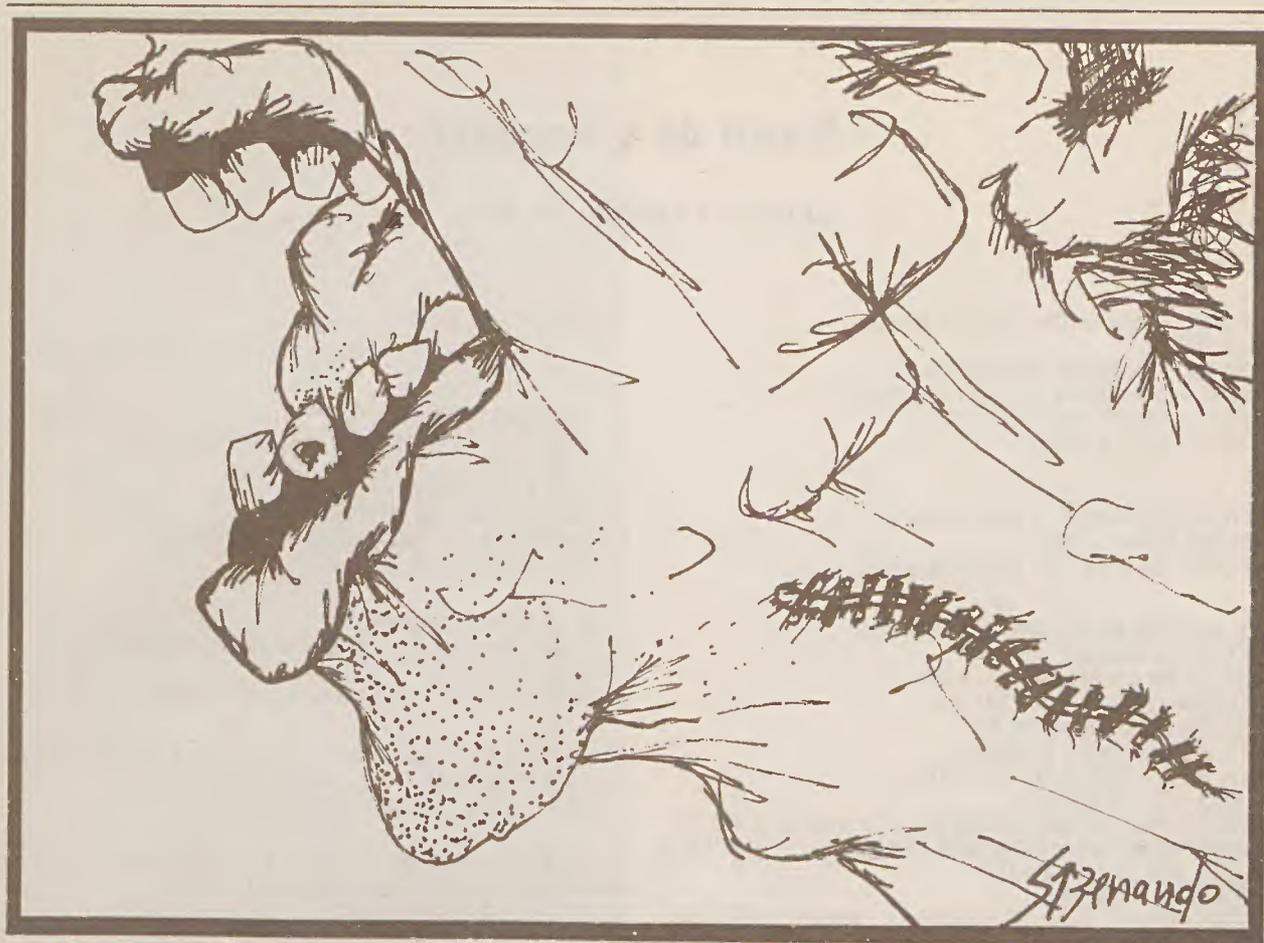
*Tudo é uniforme:  
na foto de aniversário,  
ei-lo marinheiro,  
na parada,  
ei-lo soldadinho,  
como atleta,  
ei-lo ginasta.  
É um e é todos.  
Está uniformizado.  
Estamos.*

### Pai

*A perseguição e a descrença  
marcaram tanto,  
que preferiu encaminhar  
os filhos  
para a classe média.  
Proibia que se falasse  
de política à mesa  
e indicava com o gosto  
e o dedo  
a profissão liberal  
de cada um.*

*Cultivava flores no jardim  
e esquizofrênicos em casa.*





## Um valor mais alto se alevanta

*O Príncipe Submarino  
emerge das águas e perscruta o horizonte:  
um torpedo alemão avança contra Wall Street  
em silhueta no fundo.*

*Agarra o torpedo à unha, desvia sua rota.  
No fundo do quadrinho seguinte um submarino explode..*

## 18 de abril de 1945

*É concedida anistia  
a todos quantos tenham cometido  
crimes políticos  
desde julho de 1934  
até a data da publicação  
deste Decreto-Lei.*

## Liberdade

*Falam alto e ninguém escuta.  
Põem-se a gritar  
e todos tapam os ouvidos..*

*De repente - é 1945 -  
tudo é permitido,  
e começam a falar baixo e confuso.*

*Alargar os limites do grito  
- escreveu Paul Eluard.*

## Política Municipal

*Em junho  
cria-se o PSD  
com todas as figuras gradas.*

*Em novembro,  
renuncia o Ditador.  
É hora de separar  
o joio do trigo.*

*Que fazer  
do Carlos Gomes,  
diretor do hebdomadário  
o Estado Novo?*

*Como reconstituir o PSD?  
Criando o PSD dissidente  
que desemboca na UDN.*

**SILVIANO  
SANTIAGO**



# Rasto de Caramujo

GETÚLIO CARDOZO DA SILVA

ESSE SEU CASCO DE TARTARUGA  
É SUA TOCA  
ONDE SEU OMBRO BIGORNA  
CONDUZ O ANDOR DA SUA CISMA  
DO SEU SANTO PRESSÁGIO  
DO SEU SANTO MEDO

ONDE O TEMPO É COMPRIDO  
E MUGE COMO BOI  
PORQUE OS PASTOS SÃO TRISTES

ESSE SEU ABRIGO DE CARAMUJO  
É SEU ORATÓRIO  
ONDE O PRANTO DA CARNE  
É MAIOR QUE O DA CHUVA  
ONDE PÉDES REDENÇÃO  
PARA SUA SANTA CONTA  
PARA SUA SAGRADA FAMÍLIA  
NA SUA FÉ ARDENTE  
COMO OS SEIOS DAS VIÚVAS  
A DESESPERANÇA DOS BÊBADOS  
NA SUA FÉ VIVA COMO  
OS RAMOS VERDES

ESSA SUA ENVOLTURA DE FULIGEM  
É SEU FENO  
ONDE CAMINHAS DEVAGAR  
E DEIXAS UM RASTO PRATEADO  
PORQUE ESSE É TEU ÚNICO E TRISTE BRILHO  
SUA ÚNICA E POBRE TRILHA  
QUE NÃO VAI ALÉM DOS MUROS  
E DOS CANTEIROS DE ALFACE

ONDE NOS DOMINGOS  
OU FERIADOS  
AS RUAS FICAM DESPOVOADAS  
E FICAS MASCANDO SEUS PENSAMENTOS  
COMO SE FOSSEM GOMA  
ENQUANTO A CHUVA CAI MANSA  
E TRISTE

ESSA SUA CARCAÇA HUMANA  
É SEU CUBÍCULO É SEU CIPRESTE  
ONDE AMANHECES COM OS TELHADOS SUBMERSOS  
NO SILÊNCIO E NO ESCURO  
NO QUEIXO DA NOITE  
NAQUELA HORA DE MURO E BOCA  
DE CHUVISCO E CALCINHA  
DE COBERTOR E TORNEIRA

ESSE SEU PÊLO DE CASTOR  
É SEU FAVO  
ONDE A NOITE RACHA NO TEU SONO  
LIBERTANDO TANTO VIDRO  
TANTO PÁSSARO  
ABRINDO UMA BRECHA NO TEU SONHO RASTEIRO

NA LAMA QUE AMONTOA  
NO BECO DOS SEUS PASSOS

SUA CROSTA DE FERRUGEM  
QUE É TEU GOMO E TUA ENXADA  
SUA TOCA  
SEU FERIADO  
SEU OLHO DE VIDRO  
MEDINDO A DURAÇÃO DA CHUVA  
NO DOMINGO

SEU SONO GORDO  
SUAS MIGALHAS QUE VALEM OURO  
SUA SOCA  
POVOAM-SE DE ANTIGAS SILHUETAS

NA BRECHA QUE TEU SONO ABRIU NA NOITE  
AS LARANJAS TOCAM FLAUTA  
OS OLHOS POLEM O MOFO

AS PAREDES DEVORAM A SI PRÓPRIAS  
O SILÊNCIO CRESCE COMO MATO  
EM VOLTA DA CASA

AS HORAS TOCAM PANDEIRO  
A BATATINHA COZINHA O FOGO  
A ALFACE TOCA ZABUMBA  
AS LARANJEIRAS SÃO MUSICADAS

NA BRECHA QUE TEU SONO ABRIU NA NOITE  
ARMAM-SE OS DENTES  
DE VELHAS GARRUCHAS  
ESPINGARDAS PICA-PAU  
VELHAS CRAVINAS QUE MOFAM  
DEPENDURADAS NAS PAREDES

ARMAM-SE AS UNHAS  
DE PALAVRAS OCAS  
ARMAM-SE OS PARENTES VIVOS  
PARA DEFENDER OS PARENTES MORTOS

O MEDO E AS HORAS  
NÃO ROEM NUNCA  
MARCANDO O COMPASSO DAS PALAVRAS  
E DE CADA MOVIMENTO DOS CÍLIOS

ESVAZIAM-SE MÃOS E JANELAS  
ABREM-SE AS PAREDES  
E UM FORTE CHEIRO DE SABONETE  
INUNDA A CASA

DEPOIS SERÁ O MOMENTO DE MAIOR BELEZA  
QUANDO JORRARÁ ÁGUA DAS TORNEIRAS  
É DA MOBÍLIA VELHA  
CONSUMINDO POR SEGUNDOS  
O TÉDIO E AS GORDURAS



# TEORIA

## UMA EXPERIÊNCIA COM O PROCESSO CRIADOR OU "PODE-SE FAZER UM ESCRITOR?"

Ligia Averbuck

Uma importante experiência está se realizando no Departamento de Filologia e Lingüística, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: o seminário de Criação Literária. Conta a ensaísta e professora gaúcha Ligia Averbuck que a disciplina é de caráter optativo, podendo ser cursada por qualquer aluno matriculado naquela Universidade, sem exigência de pré-requisitos básicos: é preciso, porém, que o interessado já tenha produzido algum texto literário. Pg. 18

## A TRADIÇÃO E A TRAIÇÃO

Flávio Moreira da Costa

A partir da afirmação de Octavio Paz de que pela primeira vez estamos sendo contemporâneos dos europeus, o ficcionista e crítico Flávio Moreira da Costa questiona: "como falar numa literatura latino-americana como uma força só, como uma unidade?" Moreira da Costa chega a propor uma tarefa à crítica: fazer o levantamento dos melhores momentos da criação brasileira, como primeiro passo. Este artigo pertence ao inédito "Subúrbios da Criação". Pg. 22

## OS JOVENS POETAS DO PERU

Rykardo Rodriguez Rios

Depois de alguns anos de efervescência, durante o governo Velasco Alvarado, a nova poesia peruana está em período de recesso. Com Morales Bermudes, muitos escritores precisaram deixar seu trabalho em jornais e revistas sob fortes pressões. A emigração para outros países latino-americanos foi para dezenas deles a melhor alternativa, como é o caso do autor desta matéria, jornalista profissional e poeta de vários livros publicados. Pg. 24



# Uma experiência com o processo criador ou "pode-se fazer um escritor?"

LIGIA AVERBUCK

É possível formar escritores? A criação literária poderá ser didaticamente apreensível? Existirá alguma fórmula para se desenvolver a capacidade de fazer literatura?

Estas e outras perguntas são feitas, variando da real curiosidade à ironia e à descrença, quando se fala em grupos de *criatividade literária*, *seminários de criação* ou *laboratórios de criatividade literária*, projetos que têm surgido com alguma frequência nos últimos tempos.

Evidentemente, não é fazer escritores o que se pretende nestes tipos de experiência, pelo menos, naquela que está sendo realizada em Porto Alegre, na UFRGS, junto ao Departamento de Filologia e Linguística, do Instituto de Letras.

Desde agosto de 1977, funciona naquele Instituto uma disciplina de tipo pouco ortodoxo, anti-acadêmica e que, de certa maneira, foge aos moldes tradicionais de nossos cursos de Letras: um *Seminário de Criação Literária*. A disciplina, de caráter optativo, pode ser cursada por qualquer aluno matriculado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em caráter opcional, sem exigência de pré-requisitos básicos, a não ser algum texto literário já produzido. É assim que neste 2º semestre de 1977 já um primeiro grupo participou da experiência (e está se propondo a continuá-la, dentro ou fora da Universidade), dando continuidade aos debates começados em dois encontros de duas horas cada um - que se realizaram durante o período de agosto e novembro, no Campus da UFRGS.

O modelo utilizado para este trabalho surgiu da análise ou da observação de outras experiências já feitas, na UFRJ, por Nélida Piñon, na Bahia, por Judith Grossmann (a experiência mais antiga), ou na PUCRJ, por Affonso Romano de Sant'Anna e Silviano Santiago. Cada uma dessas iniciativas tinha seus aspectos particulares e suas variantes, mas todas tinham um objetivo comum: o estímulo à criação, o desenvolvimento de uma consciência crítica do escritor novo em relação ao próprio texto, o debate das questões ligadas à literatura, numa concepção da produção vista como processo artesanal. Desmistificava-se assim a tradição do escritor "inspirado" e do texto como produto acabado e sem processo.

Em 1973, em Porto Alegre, o Instituto Estadual do Livro da SEC, juntamente com o Instituto de Letras da UFRGS montou um primeiro projeto desta natureza, o chamado *Laboratório de Criatividade Literária*, que se desenvolveu durante dois meses, dele tendo participado ficcionistas como Josué

Guimarães, Flávio José Cardozo, Moacyr Scliar e Carlos Stein, além de professores de literatura (que funcionaram como observadores) e, naturalmente, os próprios alunos inscritos, em número de doze. O grupo se integrou tão intensamente que, após o término do projeto, seus elementos continuaram a se reunir e a publicar juntos. Daquele grupo fizeram parte vários dos jovens autores que passaram depois a publicar em antologias (e em edições *marginais* ou não) como Suzana Kilpp, Paulo Kruehl de Almeida, Umberto Sudbrack, Jane Fraga Futikian, Ayrton Michels, José Eduardo Degrazia (duas vezes premiado em Porto Alegre) e outros.

O trabalho praticamente consistia na realização de encontros que tinham como finalidade a discussão dos textos produzidos pelos integrantes do grupo, criando-se assim uma integração, caminho para a formação da auto-crítica e da reflexão. O risco era justamente, o de que o *Laboratório* se transformasse num encontro de *crítica* mais do que de *criação*, o que muitas vezes realmente ocorreu. Apesar dos inúmeros pontos positivos - e o maior deles foi o de servir como base para outros trabalhos - o projeto apresentava a desvantagem de ter curta duração e de estar sujeito às variáveis dos orçamentos anuais de um órgão público.

Seguindo uma orientação já adotada por outras universidades é que a UFRGS se propôs a também realizar essa experiência, não mais como *projeto*, mas como disciplina inserida no currículo regular do seu Curso de Letras.

Sobre esta idéia diz Tânia Franco Carvalho, professora de Teoria Literária e de Crítica Literária do Instituto de Letras da UFRGS:

*"Sempre julguei que um Instituto de Letras não pode preocupar-se exclusivamente com a tarefa de formar docentes para nossas escolas de 1º e 2º Graus. É preciso, para que realize integralmente a atuação que lhe cabe na comunidade, que se constitua em um foco de cultura, um centro irradiador de estímulos às atividades criativas em todas as suas manifestações. Foi com esse espírito que se planejou e posteriormente, graças ao apoio do Departamento de Linguística e Filologia e da Direção do Instituto de Letras da UFRGS, se implantou a disciplina SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA.*

*O objetivo maior é de propiciar a alunos de toda a Universidade a experiência real e direta com a Literatura, ao enfrentarem os desafios da própria produção de textos literários.*

*Temos, então, uma intenção - o estímulo às potencialidades literárias que se inserem - que se completa com outra: realização de experiências no campo da metodologia do ensino da Literatura. Assim, procuramos discutir os textos dos participantes do grupo, levando - os a adquirir diante do próprio trabalho uma posi-*

*ção de autocrítica. Os conceitos da teoria literária surgem como um dado subsidiário, sempre que necessário para fundamentar as questões que se colocam. Além disso, as atividades desenvolvidas podem levar-nos a avaliar e a examinar, sob novos parâmetros, formas de atuação didático-pedagógica com o fenômeno literário.*

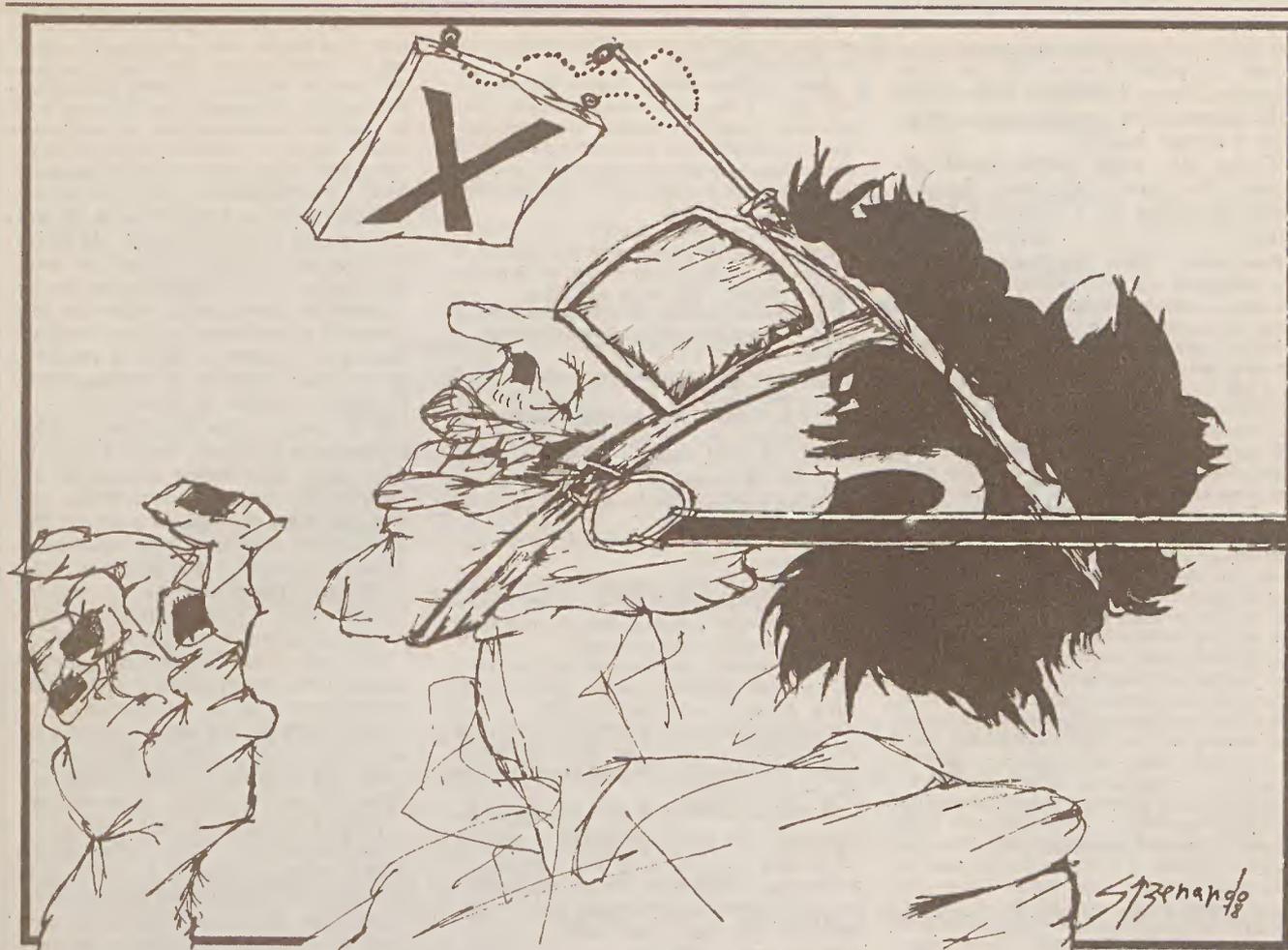
*O ensino da literatura não poderia ser uma aprendizagem de escritura? Elaborar um texto, reelaborar o texto de outro, lidar concretamente, internamente, com os problemas da criação literária - mesmo sem pretensão de ser ou de se comparar a escritores - não seria uma maneira efetiva de entender a literatura?*

*Além disso, os encontros são substancialmente enriquecidos pela participação de escritores. Quem melhor para discutir os problemas da criação literária do que os que nela estão inteiramente empenhados? Para os que se iniciam, o contato com escritores experimentados no fazer é valiosíssimo, pois que está subjacente às atividades propostas, a consciência de que a produtividade literária é inspiração adicionada à técnica, ao trabalho artesanal de construção e criação.*

Partiu-se, assim, da idéia de que estávamos trabalhando basicamente com pessoas que *queriam* escrever e que tinham, portanto, alguma coisa para comunicar. O ponto de partida - o fato de que estas pessoas tivessem uma proposta, ou estivessem na busca de sua proposta - era de fundamental importância. O que se faria através do seminário seria procurar os caminhos para que cada um encontrasse a melhor forma de dizer o que desejava. Este fato, condição *sine qua non* para o trabalho, permitia que, através da discussão de seus próprios textos, essas pessoas se conscientizassem de que só seriam entendidas no que queriam transmitir se encontrassem a melhor forma de fazê-lo, a melhor expressão. A consciência desse processo, que é, em última instância, a consciência da própria importância da *palavra* na literatura, deixava de ser um lugar comum para adquirir a dimensão da experiência vivida. Por outro lado, a discussão do texto oportunizava o questionamento do conteúdo veiculado ou da própria proposta subjacente.

Trabalhando inicialmente com o texto poético (e verificamos, com espanto, que quase todos os inscritos no grupo preferem a poesia à ficção) junto com o poeta Armindo Trevisan, trinta e oito poemas foram lidos, discutidos, relidos e refeitos, pelos autores e pelo grupo. Ao final da experiência, declarou Armindo Trevisan:

*Quando as Professoras Tânia Carvalho e Ligia Averbuck me convidaram para participar do Seminário de Criatividade Literária, promovido pela UFRGS, no segundo semestre do corrente ano, lembrei-me daquelas impiedosas palavras de Carlos Drommond de Andrade: "Todo escritor que surge reage contra os mais velhos, mesmo que o não perceba, e*



ainda que os admire. E se os admira, mais fe-  
roz é a reação, em que se casam amor e impa-  
ciência, ternura e tédio pela obra cristalizada:  
ácida compensação da pena de admirar." (1) Minha  
experiência no Seminário obriga-me a  
atenuar o pessimismo de nosso Poeta-Mor! Foi  
bem melhor do que imaginava. Sempre acreditei  
que os poemas de um poeta ajudam o  
aprendiz-de-poeta a encontrar-se, isto é, a  
achar os seus. Mas até onde vai a ajuda quando  
se trata de uma intervenção pessoal? Cheguei  
a uma conclusão relativamente meridiana: o  
poeta pode ajudar outro poeta de um ponto de  
vista subtrativo, na medida em que existe algo  
nos poemas ser excluído. Pode-se ajudar al-  
guém a aguçá-lo sua autocrítica. O poeta, even-  
tualmente de maior exercício no métier,  
contribui para abrir um pouco mais os olhos do  
colega a respeito de tudo o que está sobrando  
no poema. Não o ajuda intrinsecamente, no  
sentido da criação propriamente dita. É uma  
ajuda por fora. O poeta mais velho pode apon-  
tar num poema aquelas coisas que desvirtuam  
a força da inspiração, empanando o brilho das  
metáforas, prejudicando o lado melopeico do  
poema. Desde - é claro - que os participantes  
possuam sentido de humor e não adotem uma  
atitude de confronto em relação ao poeta mais  
velho, como se este tivesse atingido a perfeição  
poética, e fosse um Mestre... Sem esse lastro  
de humildade dos participantes, nada feito. O  
mesmo Drommond, no já mencionado livro, ci-  
tando por sua vez Machado de Assis, recorda:  
"Há que escolher a palavra mais discreta, mais  
almofadada, para veículo de nossa impressão  
negativa. E esta nunca nos será perdoada". (2)  
Tive sorte. Os participantes do Seminário de  
Criatividade da UFRGS eram indivíduos dota-  
dos de humor, e o que é mais notável, de ta-  
lento. Alguns deixaram-me funda impressão.  
São poetas jovens, já donos de uma expressão

própria, a caminho de uma expressão ainda  
mais límpida que, amanhã ou depois, os tor-  
narão conhecidos no Rio Grande e no Brasil.  
Terei contribuído para o desenvolvimento do  
talento desses moços e mocas? Acho que não.  
Mas aprendi com eles, pela milésima vez, uma  
coisa essencial a respeito da poesia: ela, é a nu-  
dez absoluta. Uma nudez que envergonha os  
reis presunçosos, mas que nos liberta quando,  
cães de orelha em pé, nos quedamos ao seu  
lado, à espera da revelação".

Após a etapa inicial de quase um  
mês de trabalho com Trevisan,  
seguiram-se os encontros com Flávio  
Moreira da Costa. Romancista, con-  
tista, jornalista e poeta, Flávio tinha a  
possibilidade de oferecer ao grupo uma  
experiência multifacetada, além de seu  
texto envolver muitas vezes, aspectos  
de uma narrativa confessional mes-  
clada à ficcional, o que dava margem a  
identificações e facilitava o debate.

Para Flávio, o valor do trabalho re-  
side, sobretudo, na possibilidade do de-  
bate e do desenvolvimento da auto-  
crítica, como nos dizia:

Se não se aprende samba no colégio, pode-se  
pelo menos acostumar bem o ouvido, tratá-lo -  
o samba, a criação - com intimidade e serie-  
dade. Já nos Estados Unidos (particpei em  
73/74 do International Writing Program, da  
Universidade de Iowa) me fazia esta pergunta:  
pode alguém aprender a ser escritor através de  
um curso especializado? Não - era a minha pri-  
meira resposta. Mas se alguém com a neces-  
sária comichão, talento ou interesse - vai para  
um um workshop de criação literária só pode  
sair lucrando. Ele vai ter outros olhos exami-

nando seu texto, vai aprender a vê-lo de outra  
maneira, a retrabalhá-lo.

Minha experiência, durante apenas uma se-  
mana, na Faculdade de Letras da UFRGS,  
com cerca de dez, quinze participantes,  
mostrou-se gratificante - para mim, em pri-  
meiro lugar, não posso falar pelos alunos. A  
idéia em si - um pequeno foco de criatividade  
numa instituição (não especialmente a univer-  
sidade gaúcha) que vem, de 64 para cá, en-  
chendo as salas de aula e esvaziando as idéias  
críticas que circulam nessas salas - já me a-  
traíu.

Não sou professor e procurei fazer a coisa na  
base do olho crítico, do convívio com o texto.  
Acho mais importante, num balanço desse tipo,  
a opinião dos próprios alunos. No meu caso, só  
gostaria de dar um exemplo das possibilidades  
de uma experiência como esta, que vem sendo  
levada a termo por Tânia Carvalhal e Ligia  
Averback. Sugeri a uma das participantes que  
reescrevessem seu conto com frases longas - e  
não curtas, como estava feito - para que assim  
a linguagem acompanhasse, de certa forma, a  
densidade psicológica exigida pelo conto. No  
outro dia, ela voltou com o conto reescrito con-  
forme esta sugestão. Todos concordaram: seu  
texto crescera, o conto estava pronto, bastante  
superior à versão original.

Acredito que seja neste nível - técnico, mas  
onde entra também nossa sensibilidade lite-  
rária, acompanhado pela humildade e dispo-  
sição de trabalho do participante - que um  
workshop de criação literária possa funcionar.  
O que já é uma abertura para aqueles que  
querem escrever e que, sozinhos, encontrariam ou  
não - a medida justa de seu texto com maior di-  
ficuldade.

Na terceira etapa, quando Moacyr  
Scliar atuou como escritor convidado,

o grupo, já mais amadurecido como um todo, tomava consciência da necessidade de *refletir o texto*, não por uma bizantina busca da melhor forma, mas pela necessidade real de comunicar mais e atingir o leitor.

Como diz uma participante do grupo, Ilsa Lima Monteiro Santos, aluna do curso de Tradutor e Intérprete:

*Para mim é muito importante frequentar este seminário. É a oportunidade que tenho de ser lido e avaliado o meu trabalho por professores e escritores e também ouvir a opinião dos colegas, o que muito me interessa por pertencer eu a outra geração e podendo assim saber se o que escrevo consegue atingi-los e como. Trabalhando sozinha não sabia se o que escrevia tinha algum valor ou não, se sentia que algo não agradava não sabia a razão. Uma crítica franca ajuda-nos a termos uma medida mais aproximada de nós mesmos, pois na hora em que escrevemos, geralmente gostamos do que fazemos, surgindo as dúvidas logo depois. Tenho aproveitado também as críticas feitas aos textos dos colegas, sempre algo pode aplicar-se a nós. Quando participei de concursos literários, não pensava, é lógico, em vencer mas em ser lida pelos críticos, mas suas opiniões não ficavam sendo conhecidas por mim para que pudesse aproveitá-las, o que estou tendo aqui, como a experiência que tive com as críticas feitas a um conto que apresentei, onde Flávio Moreira da Costa mostrou-me uma interpretação que nunca me ocorrera, embora já houvesse mexido nesse texto muitas vezes, continuava sempre presa à mesma forma e até às mesmas palavras. Concordando com o que foi dito, abandonei completamente o texto anterior e retomei o mesmo tema partindo de uma nova forma. Foi um trabalho feito com muita rapidez, mas penso ter dito as mesmas coisas e melhorado o conto, segundo as opiniões ouvidas durante a aula. Assim espero crescer um pouco em contato com escritores e críticos e deixar o seminário um tanto melhor do que entrei."*

É Roberto Olszewski, outro participante, aluno do 4º ano de Letras:

*"Curso de Criatividade Literária? Mas C.L. se ensina!? Confesso que já assim pensei. Com o passar do tempo, minha compreensão vem se ampliando; hoje é assim. Não se aprende a ser poeta; aprende-se a como saber sê-lo. Como diz Fernando Pessoa "quanto maior o artista nato, maior a sua capacidade para ser mais que o artista nato."*

*O conjunto de experiências proporcionadas pelo curso colaboraram, pelo menos para ampliar a minha consciência disto.*

*O esforço consciente é necessário para que se afine uma técnica; houve esforço consciente. Humildade é preciso para se enxergar as falhas de um texto próprio; houve, ao menos, tentativas.*

*O maior estímulo, todavia, foi-nos a presença de colegas bem mais velhos, chefes de família, voltando aos bancos escolares interessada e humildemente, à procura da mais técnica e compreensão da atividade literária."*

Escreve Sérgio Daieler, também aluno regular do Curso de Letras:

*"Criatividade é um exercício que envolve muito menos matéria a ser dada do que necessidade de tomar consciência sobre o que se escreve.*

*Muitas vezes se está amarrado a um individualismo fechado, onde o autor é o leitor e a obra um instrumento de auto-descoberta. Então as referências da palavra correm o risco de serem subjetivas ao extremo, impossibilitando o ato fundamental da comunicação. Neste ponto o trabalho funcionou, a troca de impressões a respeito dos escritos permitiram a cada um perceber até que ponto seus objetivos eram atingidos.*

*O risco do escritor, já definido literariamente, vir orientar pessoas ainda em processo de formação é grande.*

*Pode-se simplesmente ditar as descobertas individuais e propô-las como universais. Vivemos num tempo sem dogmas, sem comportamentos fechados. Para quem escreve uma lei só será válida se for auto-descoberta, ali, onde em cada um nasce a criatividade e a necessidade de criar.*

*Ainda é cedo para avaliar este risco. O tempo interior não é igual ao tempo exterior. É preciso que as idéias sedimentem, que a poeira baixe e se possa ter argila nas mãos.*

*"Realmente vivemos em tempos sombrios... onde a menor ruga denota insensibilidade..." Brecht.*

*Enquanto escrevo acontecem coisas na rua, coisas que modificam a história em geral e a minha particular, coisas que me determinaram e determinam. Por que fugir delas, quando são o centro do que me preocupa. O que se escreve, para que se escreve, estamos na lua ou na terra, na Europa ou no Brasil, ou isto não importa?*

*Esta questão, central para mim, ainda está em aberto.*

*Será que a resposta cabe apenas a mim, ou é a parede contra a qual batemos todos, no esforço de romper o devaneio e tocar a realidade de nosso mundo e nossa época?*

*Como balanço geral minha resposta será: foi bom, conseguimos arrancar o processo literário. E isso foi conseguido em pouco tempo. Mas só nos mesmos poderemos fazer com que nossas unhas, ao invés de apenas arrancar, prendam a carne e nos dêem a digerir o corpo do processo criativo."*

Ao final deste primeiro semestre de trabalho, já ficam algumas constatações, que podem funcionar à guisa de primeiras conclusões: os novos escritores - e o novo aqui tomado no sentido daquele que está começando - podem crescer sob o estímulo dos que já tem mais experiência; a crítica objetiva (nem sempre a mais simpática) pode ajudar mais do que delicados e estimulantes elogios; a literatura, quer sob o ponto de vista crítico, quer sob o ponto de vista criador pode ser descoberta gradativamente.

Este último ponto nos faz voltar às palavras de Osman Lins (3), quando comentava experiência semelhante realizada com os alunos da Faculdade de Letras de Marília. Dizia ele que "não se pode esperar criação de todo professor e aluno não porque lhes falte poder e sim vontade, de criar, mas que, no entanto, este tipo de trabalho serve para chegar à intimidade com muitos aspectos da criação literária que a simples teorização não permitiria."

Caberia registrar aqui as observações feitas por Moacyr Scliar, que aponta justamente para a utilidade didática deste seminário:

*"O Seminário de Criação Literária representa simplesmente a organização daquilo que os jovens escritores sempre fizeram: reúnem-se em grupo, mostram trabalhos uns para os outros, procuram a opinião de gente mais experiente. Que isto melhora a qualidade dos textos, não há dúvida. É um fato palpável. (E mais, do Seminário anterior realizado em Porto Alegre saiu um grupo muito bom, alguns inclusive com livro já publicado.)*

*No entanto, acho que a experiência pode ter resultados ainda mais importantes, exatamente por se realizar em marco universitário. Acho que ela pode fornecer subsídios para tornar o ensino da literatura (inclusive e principalmente para alunos do segundo grau) uma atividade*

*mais atraente. Frequentemente a literatura é, na escola, uma coisa chata, maçante, que vai tornar o jovem um inimigo dos livros pelo resto de seus dias. O mesmo pode ser dito dos exercícios de composição. Creio que o Seminário dará elementos para que professores possam tornar o exercício da literatura um campo fértil para o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade de criação dos jovens".*

Quem sabe se a experiência em prática, usada por professores de literatura, poderia ser tentada para se verificar a velha fórmula que diz que ensinar é caminhar junto com o aluno no processo de descoberta, em que ninguém ensina a ninguém e onde o mestre é apenas um instigador de perplexidades e um pesquisador de caminhos?

E já que estamos falando em ensinar literatura, o processo vivido parece indicar que, mais importante ainda que ensinar aos nossos alunos muitas teorias, modelos e fórmulas a serem aplicadas sobre os textos, mais valeria a flexão e o manejo dos próprios textos literários, lamentavelmente usados, muitas vezes, como simples pretextos para o arcabouço teórico.

Se ainda outra inferência puder ser tirada desta experiência é a de que é importante que a Universidade se torne, também, um lugar onde se debata livremente, onde o objeto de estudo seja a própria vivência do estudante e o objetivo seja o próprio aluno.

Feita a ressalva, correta, de que os beneficiados são, nesta experiência, muito poucos, parcela da minoria das minorias, de uma imensa população de brasileiros que nem chega à Universidade, fica ainda o registro de uma proposta de abertura para necessidades reais dos estudantes, para a valorização da criação e da expressão individual, áreas que ocupam espaços tão reduzidos em nossa época de corridas tecnológicas, mercadológicas e outras tais.

Novembro de 1977

Notas:

1) Passeios na Ilha. Rio, Organização Simões, 1952, pg. 120

2) Ibid. pg. 127

3) Lins, Osman. Problemas Inculturais Brasileiros, São Paulo, Summus Editorial, 1977, pg. 75 e 78.

Com um grito a empurrou,  
furioso à volta da cama.  
Ela interdita,  
sem se mexer  
a blusa meio erguida.  
Nem piscava o  
verde olho arregalado.

Ele sentou-se na poltrona, imagem do des-  
consolo, mãos na cabeça. Bebeu alguns goles,  
perdido em meditação: será que não exagero?

Este é um trecho de "MISTER CURITIBA", o  
conto inédito e premiado no 1º Concurso de Contos  
Eróticos da Revista "Status". Começa o novo livro  
de DALTON TREVISAN, "A TROMBETA DO ANJO  
VINGADOR",  
reunindo outros dezoito contos com a sua marca pessoal.

#### LANÇAMENTOS DE FIM DE ANO DA EDITORA CODECRI

TRANSUMANAS - de Paulo Mendes Campos - 122 p. Cr\$ 45,00

A LUA VEM DA ÁSIA - 3ª ed. - de Campos de Carvalho - 144 p. Cr\$ 45,00

IDAS E VINDAS - Contos e Causos - de Carmo Bernardes - Apresentação de Pe-  
dro Nava - Ilust. de Poty, 158 p. Cr\$ 45,00

A TROMBETA DO ANJO VINGADOR - Dalton Trevisan - Ilustr. de Glauco  
Rodrigues - 144 p. Cr\$ 45,00

O NOVO HUMOR DO PASQUIM - Antologia do novo humor brasileiro - Tex-  
tos e Cartuns - 80 p. Cr\$ 35,00

#### NAS BANCAS E LIVRARIAS

Ou pelo Reembolso Postal.  
pedidos à Editora Codecri  
rua Saint Roman, 142  
Copacabana  
20.000 Rio de Janeiro, RJ

#### Ensaaios Universitários

Se você é estudante e tem um en-  
saio literário guardado na gaveta,  
não perca tempo, envie-o à Escrita.

Mande trabalhos de até 450 li-  
nhas, datilografadas em papel ofício,  
com nome completo, pseudônimo,  
endereço, nº do CPF, nº da carteira  
de identidade com indicação do ór-  
gão que a emitiu e cinco linhas com  
informações sobre a Universidade  
em que estuda, sobre seus professo-  
res, etc.

Também aceitamos ensaios feitos  
em equipe.

Os trabalhos serão selecionados  
por Antônio Dimas, professor de li-  
teratura brasileira na Universidade  
de São Paulo, que é o responsável  
pela seção. Os melhores serão publi-  
cados na Escrita e, em princípio, re-  
munerados com uma assinatura  
anual da revista.



# A tradição e a traição

Flávio Moreira da Costa



Octavio Paz, o ponto de partida.

*Pela primeira vez estamos sendo contemporâneos dos europeus. Esta afirmação de Octavio Paz não significa, basicamente, que ser contemporâneo de uma cultura adiantada (ou decadente) seja um objetivo em si; reflete antes um alívio, o alívio de uma cultura até há pouco subserviente - pelo menos sempre em segundo plano - do que se fazia na Europa. É um orgulho de ex-colonizado cultural, como se dissesse: agora estamos à mesma altura, podemos dialogar no mesmo nível.*

*Mas como falar numa literatura latino-americana como uma força só, como uma unidade? Como encerrar no mesmo rótulo as ficções de Borges, os romances de Juan Carlos Onetti ou Vargas Llosa, os contos de Rulfo e Arreola, a poesia de Cesar Vallejo, Neruda e Ernesto Cardenal? E isso apenas em relação aos que tem em comum a língua espanhola, pois poderíamos falar igualmente, ao lado desses citados, em Guimarães Rosa, em Lispector, Drummond ou João Cabral. Diz Ricardo Piglia:*

*"É preciso respeitar a secreta ambigüidade dessa proposição, se não se quiser correr o risco de esconder o paradoxo mais estimulante, o eixo subterrâneo da narrativa contemporânea desta parte da América: pois o que tem em comum, hoje, os melhores escritores latino-americanos, é mais do que o manejo do espanhol, a traição ao espanhol."*

*Acrescentemos ao lado da palavra "espanhol" a palavra "português" e poderemos acrescentar Guimarães Rosa, por exemplo, no rol desses escritores. Traição como rebelião às "estruturas oficiais do idioma", que acaba tecendo um "desordenado mapa lingüístico". Seriam exemplos precisos disso o romance Tres Tristes Tigres de Guilherme Cabrera Infante (que apresenta seu livro como "falado em cubano"), Rayuela de Júlio Cortázar, Paraíso de Lezama Lima, quase tudo de*

*Guimarães Rosa, e talvez Avalovara de Osman Lins.*

*As diferenças que parecem existir nos diversos autores de distintos países encontram então uma unidade mais profunda: uma traição que é uma arremetida contra a (falsa) linguagem acadêmica, criando uma outra linguagem, esta sim mais rica, pois "vinda da espontaneidade de nosso formoso, inteligente, rico e mesmo deslumbrante estilo oral", a que se referiu Cortázar. É a textura secreta de uma língua que acaba se impondo, utilizando a estrutura rítmica, a sintaxe e a respiração de uma linguagem mais coloquial.*

*Este é o território comum de tão variados e distintos narradores, de Alejo Carpentier a Bioy Casares, de Asturias a Onetti, de Céspedes a Guimarães, de Arguedas a Adelino Magalhães, de Ernesto Sábato a Oswald de Andrade - e tantos outros. Como se todos eles tivessem assumido a proposta de Cortázar (de 1950): a de realizar uma "conquista verbal da realidade" - longe da compilação fotográfica do realismo. É desta diversidade que poderá nascer a melhor literatura do mundo. E os primeiros capítulos já foram escritos.*

*Uma literatura que constrói seus romances no nível da linguagem, depois da época primitiva, do "criollo"; que se preocupa em buscar seus modelos em Cervantes e Lasarillo de Tormes, recriando a realidade (colombiana) em tom de sátira-fantástica (García Márquez), ou em velhos cronistas coloniais, resultando num romance estruturalmente contemporâneo (A Casa Verde, Vargas Llosa). O novo portanto nascendo não de discursos inteligentes sobre o vazio, mas no levantamento - de linguagem e quase que antropológico - de um passado pequeno porém conturbado, como é o da América Latina. O novo nascendo do velho - do velho subterrâneo, não do oficial. Como o enorme "Eu o Supremo" de Roa Bastos (Paz e Terra).*

*Nosso passado histórico é curto mas o verdadeiro, o épico*

e social ainda está para ser descoberto; ou assume outras formas de expressão, com aproximações simbólicas (Carpentier), míticas (Asturias); ou passeiam por rincões pouco visitados pela experiência humana: por mais abstratas que pareçam as "fantásticas" histórias de Borges e de Cortázar (em certa fase), elas são verdadeiras metáforas da realidade. Não uma realidade tematizada, como antigamente, mas conforme as palavras de Vargas Llosa: "o descobrimento de uma realidade imediata que se trata de consultar, de negar, e isso unicamente a partir de contar uma história, converter em palavras uma determinada experiência de mundo".

A tradição do conto na América Latina é excelente, já se sabe, e foram os contistas os primeiros a praticar esta noção interna, o "eixo subterrâneo" na expressão de Piglia. Talvez porque a própria exigência estrutural do conto levasse a isso, se nos lembrarmos que o relato curto tende à organização, e em bases de pura situação narrativa, exigindo uma imprescindível integração dessas estruturas com a própria "mensagem" intencional. Não é por outra razão que - já nas primeiras décadas desse século - podemos notar um amadurecimento em escritores como os uruguaios Horacio Quiroga e Felisberto Hernandez, o peruano Abraham Valdelomar, os brasileiros Machado de Assis (já no século passado) e Adelino Magalhães (sua estória, Casos e Impressões, é de 1916).

Falando da sua experiência de vida na Argentina (no seu Diário) Gombrowicz se surpreendia com o excesso de monumentos em praças e logradouros públicos. E concluiu: isso seria inversamente proporcional a um passado histórico de curta tradição, ou pelo menos não tão rico quanto o de um país europeu. Em relação à literatura acontece alguma coisa de vagamente semelhante, embora muitas vezes os monumentos sejam "vivos".

Armando-se de argumentos contra uma vanguarda sobre a qual não possuem uma visão muito clara, mesmo alguns críticos bem intencionados gostam de frisar a necessidade de se preservar e seguir a tradição da literatura brasileira. É evidente que este problema não é tão simples quanto aparenta. Existe uma tradição, é claro, porém uma tradição recente: Machado de Assis está integrado nela, mas foi buscar sua concepção de romance no inglês Sterne. E durante muito tempo nossa literatura foi escrita em Lisboa e Coimbra; e mais tarde, no Romantismo, pulularam os sub-Lamartine, os sub-Byron, os sub-Victor Hugo.

Mesmo partindo da premissa que existe uma literatura brasileira, que precisamos conhecer, vale acrescentar: não necessariamente para segui-la ao pé da letra. Exigir um respeito quase religioso à tradição significa exigir do escritor um trilhar de caminhos conhecidos, um escrever que é quase reescrever, uma continuação que pouco acrescenta, por ser quase redundante. Para um escritor de valor indiscutível existir, quantos sub-Machados, sub-Guimarães precisamos aturar? Qual o interesse real, concreto, de livros como "Dora, Doralina", ou a obra do sr. Graça Aranha, para só citar alguns; Bem, estão na chamada História da Literatura Brasileira, mas isso é outro problema. Literatura não é seleta escolar ou mera referência.

O "respeito pela tradição" tem matado na fonte escritores em potencial. Bastaria observar os estreantes de quinze anos pra cá. Poderiam ser separados em grupos [distintos], segundo influências marcantes: a) de Guimarães Rosa, b) de Clarice Lispector, c) de Dalton Trevisan, ou d) de Jorge Amado.

O escritor que arrisca, que ousa, mesmo que não chegue a sair totalmente da tradição - a não ser que escreva nas nuvens, ou em francês como Butor, ou em inglês com Donald Barthelme - representa no entanto uma síntese de tendências. E principalmente, ao lidar com a tradição, inverte-a, coloca-a de cabeça pra baixo; são esses os momentos de criação na literatura. Se Joyce tivesse respeitado a tradição da literatura burguesa de sua época - e a mentalidade provinciana de sua Dublin - teria parado de escrever com Dublinenses e não seria lembrado. E antes dele Lautréamont (Oswald de Andrade fala da "fratura exposta de Lautréamont") que passou a ser revalorizado pela crítica, depois do Surrealismo, enquanto que um Anatole France, totalmente "tradicional", é jogado ao esquecimento.

Em suma: tradição, sim, mas tradição traída.

O nosso Modernismo também foi uma tentativa de "fratura exposta", pois surgiu como uma traição - traição inclusive ao próprio idioma. Foram autores refletindo a sua época, olhos para o futuro, e ao mesmo tempo retomando um passado realmente popular, não aceitando uma outra tradição, bem acomodada, de horizontes curtos. Mário de Andrade e Oswald de Andrade escreveram propositadamente errado, em alguns casos, para dar ênfase ao que se propunham, e mesmo assim criaram muito mais do que as vírgulas bem colocadas de um Graça Aranha, do que os pontos de exclamação de um Coelho Neto. E foi "traído" a tradição escrita (e retomando uma outra, subterrânea) que Guimarães Rosa construiu um verdadeiro continente verbal.

Mas essas são tentativas de ruptura, seriam exceções, não a regra, e existiriam em relação a uma literatura regular, dominante, oficial e oficiosa. Verdade, mas, pessoalmente, são essas tentativas de ruptura que mais me interessam na literatura brasileira, por serem as mais criativas. Autores que conheceram todas as regras para depois superá-las em nome da criação. Tradição assumida, tradição traída. Escrevendo aqui e neste momento determinado, mas como se tivesse partindo do zero:

a) Sousândrade - aparecendo na última geração dos poetas românticos - mas só "descoberto" realmente na década passada - resultou num poeta de grande criatividade pessoal, e seu barroquismo, que alguns críticos míopes julgaram "tardio", encontra ressonância na volta ao barroco de certa literatura contemporânea (Lezama Lima, Günther Grass, Claude Simon).

b) Machado de Assis - um Machado pouco conhecido, o Machado "subterrâneo" de que falam Augusto Meyer e Antônio Cândido (Vários Escritos) e que antecipou vários autores como Kafka e os "machadianos" John Barth e Kurt Vonnegut;

c) Adelino Magalhães - uma espécie de escritor "clandestino", foi muito pouco compreendido pela crítica de sua época (exceção para Eugênio Gomês): irreverente, autor de uma literatura pessoal, Adelino consegue ser ao mesmo tempo simbolista, realista, naturalista, surrealista, participante - o primeiro modernista da nossa literatura, muito antes de 22, além de influenciar o livro mais ousado de Oswald. Memórias Sentimentais de João Miramar;

d) Oswald de Andrade - escritor de altos e baixos, ao mesmo tempo uma das mais sérias tentativas de renovação da narrativa brasileira e sua adequação a uma nova era;

e) Mário de Andrade - radicalizou de tal forma a mudança da escrita, aproveitando o coloquial, que algumas de suas soluções chegaram a envelhecer; no entanto, não fosse Macunaima, talvez Grande Sertão: Veredas não existisse;

f) Guimarães Rosa - síntese maior de toda uma literatura (tradição: o regionalismo, mas às avessas), recriada radicalmente, aproximando-se da intenção utópica de todo grande escritor, segundo Cortázar: a de criar uma língua própria (traição).

Haveria outros nomes, esquecidos ou simplesmente ignorados, mas que representam muito mais vitalidade do que certos romances bem realizados (e do século passado, quanto à concepção) que aparecem por aí. A tentativa fantástica de João Alphonsus, ou um romance de grande atualidade, participante, absurdo e/ou fantástico, como O Louco de Cati de Dyonélio Machado (autor mais conhecido por uma experiência realista, Os Ratos). O "demente" Qorpo Santo, em teatro, aparecido no século passado, na provinciana Porto Alegre, cuja criatividade poderia ter antecipado - se tivesse escrito em francês, isso seria ponto pacífico - o teatro de absurdo.

Citamos mais ou menos ao acaso, no entanto essa seria uma tarefa da crítica: fazer um levantamento dos melhores momentos da criação brasileira. Não será mero didatismo de se separar autores por "escolas" ou "gêneros", mas teria de ser antes um trabalho paciente de "arqueólogo": que se destruam certos momentos, debaixo deles talvez se encontrem outros autores, mais criativos, mais brasileiros, mais espontâneos, ainda que em alguns casos menos "perfeitos".

Quando se aprende literatura na escola, o que conta são as regras. Frente à criação notaremos espantados que são as exceções que apresentam maior força. De Sade a Gombrowicz, de Gregório de Mattos a Maura Lopes Cançado, são as minorias que têm alguma coisa a dizer.



# Os jovens poetas do Peru

RYKARDO RODRIGUEZ RIOS

A poesia jovem do Peru, enquadrada na chamada Geração de 70, teve origem à época da subida ao poder pelo general Juan Velasco Alvarado, que tomou as rédeas do país a 3 de outubro de 1968. Esse acontecimento político e social repercutiu nos outros elementos que compõem a sociedade. Velasco Alvarado e as Forças Armadas trouxeram ao país uma política de mudança: nacionalizaram as empresas estrangeiras e aboliram as leis de propriedade feudal, oriundas da colonização espanhola.

O que Velasco Alvarado levou a cabo e repercutiu na geração de poetas desta década foi a expropriação dos meios de comunicação de massa: os militares resolveram entregá-los a seus trabalhadores manuais e intelectuais. Falava a Direita que isso acabaria conduzindo o país à socialização total, ao socialismo...

Com a expropriação dos diários, os poetas da geração anterior entraram direto no trabalho e deram oportunidade aos novos elementos, que pouco depois contribuíram para a formação da Geração de 70. Inclusive um diário, Ojo, foi reservado às entidades culturais, mas na realidade se dirigia a poetas e escritores. Os outros diários dirigiam-se a camponeses, professores, etc.

Enquanto isso ocorria na imprensa, na televisão havia um fenômeno parecido. Foram dadas muitas oportunidades em horários especiais para programas culturais. Havia até uma "hora poética", onde tanto os autores da geração anterior quanto os novos podiam falar do seu trabalho. Os canais que se encarregaram mais desse tipo de tarefa foram o 7 e o 13, da Universidade de Lima.

Também algo aconteceu no rádio, um dos veículos que acompanhavam a televisão na divulgação de cultura para a grande massa: criaram-se horários para a divulgação de poesia, inclusive com leitura pelos próprios autores, através dos microfones. Muitos dos jovens poetas saíram do anonimato graças a essa abertura. Alguns até chegaram a realizar películas de caráter poético, tendo uma delas ganho um prêmio europeu.

Alvarado e a nova orientação política do país deram oportunidade aos poetas, enfim, de se tornarem conhecidos. Antes de sua ascensão ao poder, somente dois diários abrigavam esse tipo de experiências, El Comercio e El Correo. Com a mudança de governo, até os diários menos conhecidos davam-se ao luxo de publicar contos e novelas em capítulos. Isso provocou tal interesse entre o público, que se criou o hábito de ler livros: antes só os jornais - e raramente as revistas - conseguiam atrair leitores.

Com o golpe de Estado de 29 de agosto de 1975, porém, contra Velasco Alvarado, voltou-se à situação de dez anos atrás, com a Direita em pleno vigor: sim, porque para a burguesia a arte não é mais que esnobismo. Encanta-a que falem de arte por uma questão de status e certos poetas não perdem tempo, louvando seus gostos infantis. Com Morales Bermúdez regressou tudo isso, tendo sido afetada toda a Geração de 70, que passou a perder o terreno ganho com sua arte. Especialmente os diários mudaram de orientação, passando a mostrar outro tipo de preocupações: maior espaço para o futebol, para a nudez e, naturalmente em contrapartida, repressão e censura prévia. Daí em diante os novos valores se viam marginalizados de literatura e se voltaram para o artesanato e para o movimento hippy mal-entendido. A mesma geração que com Alvarado deu um passo adiante já deu um passo atrás. Pode ser que tenham mais sorte, quando os atuais governantes da terra dos filhos do sol voltarem aos quartéis, os da geração de 80.

A geração de 70 está na fase de negação de si própria por falta de apoio: muitos dos elementos que trabalhavam em diários precisaram renunciar, emigrar ou buscar outro campo de ação para a divulgação de seus trabalhos, porque a tarefa de difusão e promoção da cultura nacional ficou truncada à espera de nova e melhor oportunidade.

## TENDÊNCIAS: ANOS 60

Começaremos pelos poetas da geração de 60, que em alguma medida tiveram que ver com a nova geração de poetas. Em princípio, eles colaboraram na difusão dos novos valores, tratando de aproximar-se dos leitores através do seu trabalho em diários, revistas, TV e rádio. São eles Arturo Corcuera, Antonio Cisneros, J.C. Rodríguez, Jorge Pimentel, Marco Martos, Francisco Bendejú, Cesar Calvo, Mirko Lauer, etc. Eles próprios esforçaram-se por escrever novas obras. Aliás a geração de 60 foi influenciada por outro acontecimento histórico, a Revolução Cubana. Só que ela não teve a sorte que teve a de 70, em termos de divulgação.

Citar todos os poetas da Geração de 70 seria ocioso, até inútil. Tomaremos por base os mais importantes dentro das diversas tendências literárias.

Zénon Vergaray segue uma linha ideológica, social e política. Até agora não tem nenhum livro publicado, mas tem colaborado muito em revistas. Temática existencialista é a do José Rivera, que tem publicado em periódicos e não em livro. De tendência erótica é Humberto Pinedo Mendoza, que tem pouco a ver com a geração anterior. Publica normalmente em jornais quinzenais e mensais e em revistas. Entre os místicos transcendentalistas em primeiro lugar está Krufú Orifús, autor de vários livros, entre os quais: "El Sismo de la Vida o Resumen de un Tormento" e "Poemario a Baanún". Também tem colaborado em revistas e jornais, tanto nacionais como estrangeiros. Esse poeta é um dos fundadores do movimento literário Aquista. A crítica o considera o melhor de sua geração. Vários outros transcendentalistas estão no grupo literário que os críticos literários chamam de "messiânicos proféticos". Já os conhecidos Armando Arteaga e Gustavo Armijos, pela originalidade de seus trabalhos, não podem ser classificados dentro de uma tendência literária da nova poesia peruana.

## TENDÊNCIAS DA GERAÇÃO DE 70

Na geração de 70, dois movimentos literários canalizaram toda a poesia, tanto por sua forma como por seu conteúdo: o Hora Zero e o Aquista. Hora Zero teve suas raízes na geração anterior, caracterizando-se pela denúncia de um sistema de vida, em todos os sentidos, político, social e econômico, até chegar a uma arte comprometida com o povo. O grupo se fez conhecer através de reuniões, recitais e apresentações de livros, nada mais sendo que uma espécie de círculo literário de poetas. Hoje o grupo quase que não atua mais nos meios culturais, porque, na verdade, seus membros pertencem basicamente à geração de 60. Alguns esforços foram feitos no começo desta década, no sentido de introduzir novos elementos. Tudo isso não teve êxito, e o grupo quase que não se reúne mais. Jorge Pimentel, J.C. Rodríguez, Burgos, são alguns dos seus integrantes. Na época do velasquismo fizeram o que puderam. Porém, agora, alguns de seus integrantes têm ido para o estrangeiro.

O movimento literário aquista, de pouca difusão nas tertúlias literárias, começou em 1970. Seu nome significa Aqui Presente. Os críticos literários chamam o movimento de "confraria literária", porque poetas de todas as tendências estão entre seus membros, desde políticos-sociais até existencialistas, concretistas, místicos, eróticos, transcendentalistas, etc. Um dos gestores deste movimento que reúne José Rivera, Zénon Vergaray e outros mais, é Krufú Orifús. Todavia esse grupo faz um trabalho muito fechado.

## AS REVISTAS LITERÁRIAS

Outro fenômeno que se pode notar no processo velasquista foi o surgimento de muitas revistas de caráter literário, umas de longa duração, outras de efêmera atuação, coisa inédita no país antes. Essas revistas tratam de esmerar-se para serem acessíveis ao leitor. As revistas aqui enumeradas são dedicadas à poesia, não excluindo porém outros gêneros como a crítica de arte, contos fragmentos de novelas e ensaios de caráter sócio-político ou econômico: Creacion, bimestral, é considerada a melhor do seu gênero; sob a direção de Francisco Sanchez Olivencia, publica contos, poesias, fragmentos de novelas, ensaios, crítica de cinema e artes plásticas; Peninsula, revista que vem da geração anterior, é dirigida por Francisco Ponce Sanchez; publica autores nacionais conhecidos, é bimestral, editada no porto do Callao, não se tratando porém de uma publicação elitista. Além dessas, há as revistas: Hipocrita Lector, trimestral, que agrupa os outros da geração de 60, publicando trabalhos de várias tendências; Alborada, para a divulgação de poetas de outras províncias, bimestral; Auki, que publica contos e temas de autores conhecidos, sendo bastante elitista, La Tortuga Ecuestre, para gente desconhecida; Insulas Extrañas, revista mensal da Associação de Poetas Peruanos e Quipus, de orientação não meramente poética, abordando também a problemática nacional.

## CONCLUSÃO

A arte da palavra está passando por uma crise cultural deflagrada em 75 e que perdura até hoje. Desde setembro do mesmo ano, há pouca difusão nos meios de comunicação de massa. Não há acesso à televisão ou às rádios. Mais do que tudo isso há entraves para a publicação de reportagens e entrevistas. Só existem as revistas literárias acima citadas. Na verdade existe uma arte reprimida, sem destino real. Não há liberdade de inspiração e expressão por meio da palavra escrita. Os atuais governantes prometeram entregar o poder aos civis em 1980, sob o signo das eleições. Enquanto isso não acontece, a arte está numa posição estática, esperando melhores dias para atuar com maior liberdade...

# SERVIÇO

## **PRIMEIRO ENCONTRO COM A LITERATURA BRASILEIRA**

### **Depoimentos**

Na última semana de setembro a literatura brasileira viveu no San Raphael Hotel, em São Paulo, instantes de grande expectativa: a convite dos organizadores do Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira, estiveram aqui editores, agentes e tradutores de vários países do mundo, eventuais compradores de obras nacionais. Mais importantes, porém, em termos de contribuição a um possível reestudo da nossa literatura e suas dificuldades do momento, foram os depoimentos dos escritores, alguns dos quais reproduzimos a partir da pg. 26.

## **OS INIMIGOS DA LEITURA**

### **Fátima Miranda e Maria Stela Carrari**

As repórteres Fátima Miranda e Maria Stela Carrari fazem um levantamento do problema da leitura em cursos médios, a partir de entrevistas com autores, professores e alunos. Pg. 31

## **LIVROS**

Breves análises sobre livros brasileiros e um noticiário dos mais recentes lançamentos estão na pg. 36 e seguintes.

## **REGISTRO**

O regulamento do concurso mensal e a relação de candidatos estão na pg. 38.

## **INFORMAÇÃO**

Estê mês a seção Informação está enriquecida com dezenas e dezenas de notas. Uma delas é sobre a participação portuguesa na XIV Bienal, com a opinião do poeta E.M. de Melo e Castro. Pg. 39.

## **CARTAS**

A entrevista de Franklin Vassão e o artigo de Samuel Rawet em Escrita 24 são os assuntos preferidos das cartas da pg. 44 e seguintes.



# Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira

## Depoimentos

Os depoimentos aqui reproduzidos foram tomados durante as sessões do Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira, realizado no San Raphael Hotel, em São Paulo, de 25 a 30 de setembro, com a presença de editores, agentes e tradutores estrangeiros e autores, críticos e professores nacionais. Organizado pela Câmara Brasileira do Livro e patrocinado pela Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado e pela Secretaria Municipal de Cultura, o Encontro nasceu de uma idéia da escritora Edla Van Steen, apoiada por Lygia Fagundes Telles, Gilberto Mansur, Nilo Scalzo e Wladyr Nader. Estas cinco pessoas, mais o sr. José Gorayeb, secretário da Câmara, compuseram a comissão organizadora, que se encarregou de preparar a programação e estabelecer contactos com convidados do país e do exterior. A literatura brasileira foi examinada em seus diversos aspectos, por ordem de exposição, por Almeida Fischer, Fausto Cunha, Leo Gilson Ribeiro, Fábio Lucas, Antônio Houaiss, Nelly Novaes Coelho, Mário Chamie, Laura Sandroni, Ary Quintella, Affonso Romano de Sant'Anna, Flávio Loureiro Chaves e Caio Porfírio Carneiro. Cada um dos expositores teve a seu lado dois debatedores - escritores, críticos, professores, universitários e jornalistas. Ao fim de cada sessão nossos autores - Moacyr Scliar, José Louzeiro, Nelida Piñon, Ivan Ângelo, Antônio Torres, João Antônio, Carlos Nejar, Murilo Rubião, Lêdo Ivo, Renata Pallotini, Helena Silveira, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Maria Alice Barroso, Gerardo Mello Mourão e Adonias Filho - prestaram depoimentos, aproveitados principalmente por estudantes que acompanharam interessados o desenrolar das sessões.



Ferreira Gullar



João Antônio



Ivan Ângelo



Moacyr Scliar



## Ferreira Gullar

Eu tinha um texto já escrito. Isso pode levar o pessoal a pensar que este texto tinha alguma importância, mas é que simplesmente eu fiquei com medo de falar aqui de improviso, porque eu não sabia o que dizer. Então eu preferi escrever. É coisa que talvez destoe um pouco pelo tom, já estou um pouco arrependido mas vou ler assim mesmo. O texto que eu escrevi diz o seguinte:

"Sou poeta do Nordeste brasileiro, um poeta do Maranhão, da cidade de São Luís do Maranhão, sou um poeta da rua do Coqueiro, da rua dos Afogados, da Quinta dos Meleiros do Caga-Osso, da rua do Sol e da praia do Cajueiro. Um poeta da casa do quintandeiro Nilton Ferreira, que era meu pai, e da casa de Dona Zizi, que era minha mãe... Sou... em certa medida um foragido e um sobrevivente, alguém que conseguiu escapar do anonimato, que vem dum sofrimento menor da tragédia cotidiana e obscura que se desenrola sob os tetos do meu país. Uma tragédia abafada em soluços, a tragédia da vida nada, da vida ninguém. Se algum sentido tem o que eu escrevo é de procurar dar voz a esse mundo sem história, mas não há nenhum mérito nisso. Primeiramente fugi, fugi da quitanda, da família, da vida sufocante e pouca, fugi pela poesia, inventei um mundo feérico e feroz, um suicídio esplendente. Atirei fogo ao verbo, minhas vestes imortais, como se fosse meu corpo, e não era, e sobrevivi. Abati a poesia, calquei-a sobre os pés e mijei nela, lavei as mãos, virei concretista, neo-concretista, entertei o poema numa casa da Gavéa... Não há nenhum poeta universal, universal é a poesia, é a vida mesmo, universal é Bizúza cuja voz se apagou com a garganta já desfeita sob a terra. Universal é o quintal da casa, cheio de plantas escondendo o verde, um dia maranhense, longe de Paris, de Londres, de Moscou. É o frango que nasce e morre ali entre as cercas de varas. É o cheiro do galinheiro e a noite que passa arastando bilhões de astros sobre nossa vida de pouca duração. Universal porque Bizúza amassando pimenta-do-reino numa cozinha de São Luís pertence à Via Láctea. E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais, ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas mesas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso quis eu fazer a minha poesia, e essa matéria humilde e humilhada dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar quando nosso canto arrasta um pouco dessa gente e dessas coisas que não têm côs. (Trecho do depoimento do autor de "Luta Corporal")"

## Ivan Ângelo

Eu diria que o meu livro "A Festa" trata de problemas do Brasil de hoje e tem uma estrutura bastante peculiar, que talvez ofereça para alguns leitores um atrativo, para outros uma dificuldade. O livro é montado em forma de contos, mas no fim ele dá uma volta por cima de si mesmo e torna-se um romance. Escolhi a forma de dividir os personagens em contos porque eu acredito que cada personagem deva ter a sua fisionomia de texto, cada texto corresponde a um personagem, isso pelo menos na primeira parte. Escolhi a montagem, a participação do leitor na montagem geral do livro, quer dizer, ele recorre a páginas que já leu ou pode avançar em páginas futuras, como quiser. Escolhi torná-lo um cúmplice não-só da criação do livro, mas também do seu significado, já que ele tem a intenção de discutir

problemas de hoje do Brasil com ênfase nas várias opressões que sofremos. Eu acho oportuno fazer com que o leitor, ao ler, participe tanto da criação quanto do significado do livro. É só isso.

## Samuel Rawet

"Grande demais para a própria região a que estava limitado. Era como se o menino tivesse adivinhado o que os sentidos e a inteligência ainda não haviam apreendido: aquela floresta condenada, cujas bordas vinham sendo tímida e persistentemente roídas pelos machados e charruas dos homens que a temiam porque era selvagem, homens inumeráveis e anônimos mesmo uns para os outros nas terras onde o velho urso conquistara um nome e às quais percorria, não como uma fera mortal, mas como um anacronismo indomável e invencível saído de uma era longínqua e morta, espectro, síntese e apoteose da antiga vida selvagem que o enxame de homenzinhos arranhava numa fúria de temor e aversão, como pigmeus em volta das patas de um elefante sonolento - o velho urso, solitário, indomável e único: viúvo sem prole e isento da morte, velho Priamo privado de esposa e sobrevivente a todos os filhos".

O trecho acima foi tirado da segunda página do livro O URSO. O autor é William Faulkner. Tenho a impressão de que até hoje não é best-seller no Brasil. E tenho a impressão de que é muito mais importante ler, com dificuldade, Faulkner, do que, com facilidade, qualquer autor imposto por uma atordoante publicidade. A máfia pode projetar um cantor. Dizem que Frank Sinatra fez carreira assim. E tem uma esplêndida voz. Na área literária, onde tudo é paradoxal, creio que a máfia enterra um autor. Se este encontro tem a finalidade de apresentar autores brasileiros a editores estrangeiros, para que tomem conhecimento de uma fatia bem grande do bolo latino-americano, essa finalidade vem se frustrando até agora. Os autores dos trabalhos apresentados, inclusive o do meu amigo Ary Quintella, parece que se dirigem a um espelho. Pessoalmente acho que fazer literatura é dar murro em ponta de faca, até criar calo, em função de alguma coisa que só é importante para o escritor - a palavra. Uma literatura só se torna adulta na medida em que seus escritores não mascaram para si mesmos seus próprios sentimentos com artificios formais que serviram para expressão dos sentimentos de outros. As palavras do papagaio não chegam a constituir linguagem. Há poucos anos, num programa de TV, Flávio Cavalcanti, um mulher exibiu um cachorrinho que pronunciou três ou quatro palavras. O bicho sofria que nem um desgraçado mas emitia lá sua palavra. Darwin deve ter acordado no túmulo para cuspir.

Basicamente o trabalho de Ary Quintella apresenta um ponto fraco - não tenta nem um esboço de caracterização do que seja ficção urbana. O significado aparente, no caso, não é óbvio, nem significativo. Ary Quintella fala da semana de 22 como exemplo de nossa vocação colonialista, fala da sucessão de romances regionalistas como se uniformizados por um "ai que saudades que tenho do tempo do meu engenho". Devagar com a louça! Gilberto Mendonça Telles teve uma idéia esplêndida ao reunir os manifestos de todos os movimentos modernistas em um volume. Permitiu uma visão ampla do fenômeno, e para mim, abriu um campo enorme de trabalho, campo que deixei como sugestão em artigo publicado no Correio Brasiliense: em terra de cego quem tem um olho é caolho. O artigo é sobre o livro de Raul Bopp lançado pela Civilização Brasileira, lembranças do poeta do movimen-

to de Oswald de Andrade em torno da antropofagia. A sugestão: a elaboração de alguma coisa que teria como título POR UM HUMANISMO BRASILEIRO; os nomes indicados: Tristão de Ataíde, Antônio Cândido, Carlos Drummond de Andrade, Adonias Filho, Dinah Silveira de Queirós, Antônio Carlos Villaça, Fausto Cunha, Luis da Câmara Cascudo. Acho que em torno desse campo de trabalho se poderia definir a especificidade da literatura brasileira em seu aspecto regional e urbano. A Náusea de Sartre e Vidas Secas de Graciliano foram escritos mais ou menos na mesma época. A França já tinha superado o estardalhaço de alguns ismos e seus gigantes se chamavam Mauriac, Claudel, Gide, Maritain. O Brasil já tinha superado a rigidez da colocação pronominal, e através do regional nordestino, sem exageros nem particularidades, a linguagem ganhou um equilíbrio despojado de torneios de efeito ainda lusitanos, e de uma lassidão agradável carioca e paulista. Formalmente, como estrutura de ficção, Vidas Secas é superior a A Náusea, e A Náusea é a obra-prima de Sartre. Pode-se negar tudo a Sartre, menos uma coisa: inteligência. Quando Sartre descobriu os latino-americanos devia estar escrevendo, ou já tinha escrito, um trabalho chamado As Palavras. Mergulhado numa verbosidade consciente ele deve ter sentido alguma coisa diante de obras como Ninguém Escreve ao Coronel de Garcia Márquez. Esta pequena novela é regional ou urbana? Deixo a pergunta no ar. Ninguém gosta de reconhecer o seu fracasso, muito menos Sartre: mas tenho a impressão de que senti alguma coisa ruir em seu castelo ideológico, deve ter percebido, a confusão entre duas palavras: existência e vida. Gostaria de ter percebido que todo seu existencialismo estava ameaçado por uma pequena confusão, a confusão entre duas palavras: existência e vida. Gostaria de conhecer a reação da Sartre diante de um livro de Rui Mourão, Cidade Calabouço, diante de um livro de Nélida Piñon, Casa da Paixão, diante de um livro de Rubem Fonseca "Feliz Ano Novo", diante de um livro de Ricardo Ramos, Caminhantes de Santa Luzia, diante de um livro de Renard Perez, Os Sinos diante de um livro de Assis Brasil, Os que bebem como Cães, diante de um livro de Lygia Fagundes Telles, As Meninas, diante de um livro de Hélio Pólvora, Noites Vivas, diante de um livro de Adonias Filho, As Velhas. Em literatura não há marketing. Apesar de todas as informáticas, só um editor como Nader tem a coragem de lançar Faulkner, e um escritor como Wasserman sumiu do mercado. Quando alguns dos que João Antonio chamou de empresários, e me deu vontade de rir, e eu ri, lançou o Bernard Malamud de Os Inquilinos, é para enterrar o livro, e não divulgá-lo. E este livro é um motivo para meditação sobre Ficção Urbana. Um escritor massacrado pela sordidez imobiliária. Houve uma época em que eu achava o artista plástico, o pintor, o escultor, o arquiteto, o gravador, superior ao escritor como expressão da aventura humana. Mudei de idéia. Quando de um movimento estético surge um homem que, apesar dos manifestos não se deixa fascinar pelo estrodo da técnica, nem pelas buzinas de automóveis e outros autômatos, quando surge um poeta como Carlos Drummond de Andrade, a gente constata que a aventura humana realmente vem através da palavra, como significado relativo, mas nunca paradoxal.

A mão que escreve este poema não sabe que está escrevendo mas é possível que se soubesse nem ligasse.

Quando a vocação criadora é muito

grande, a obra pode representar a manifestação traidora das próprias intenções não reveladas do autor, e a obra tem um sentido positivo na afirmação dos chamados valores humanos, mesmo que o autor tenha uma atitude negativa, paradoxal. Como único exemplo me ocorre agora Malraux. Hesito ainda em relação a Adorno. Quando a vocação é mínima surge a paródia de palavras organizadas sem significado algum. E paródia significa náusea.

(Este depoimento foi feito a propósito da "comunicação" de Ary Quintella sobre "Ficção Urbana Brasileira", dia 28 de setembro).

## Nélida Piñon

Eu peço desculpas a vocês, mas acho que é extremamente difícil tentar reduzir uma obra ou, no meu caso, sete títulos já publicados, dois por sair, em cinco minutos, uma vez que eu levei tantos anos para escrevê-los. De modo que gostaria de dizer a vocês que em princípio... estou inserida na posição de uma escritora que busca, que acredita que é do ofício do escritor avalizar a realidade e que toda realidade é acessível ao artista porque toda a realidade é existente. Eu acredito que uma vez que o artista coloca algo no papel com a sua seriedade, com a sua disciplina, com o seu pacto diário e permanente com a linguagem, ele está avalizando, dando credibilidade àquela realidade. Eu acredito que há mil formas de realidade e às vezes nós não fazemos outra coisa senão tutelar a realidade subvencionada, a realidade do regime, que é uma realidade que muitas vezes tem como linguagem, como idioma, um tipo de linguagem tutelada pelo Estado. Agora, eu acredito que o meu papel é resgatar a linguagem e trabalhá-la dentro de um esquema, ao qual me venho devotando há vários anos. Acredito que é muito difícil fazer uma análise de alguns textos que trabalham em vários níveis e que nada mais fizeram do que tentar dar visibilidade ao que acreditava ser invisível, tornar vulnerável aquela realidade que até então me parecia invulnerável...

(Trecho do depoimento da autora de "Fundador").

## João Antônio

Vocês, editores em geral, esperam que nós saíamos à procura de jornais, de revistas, de televisão e de rádio conseguindo coisas de graça para vocês. Essa é a realidade. Eu viajei este país aqui de Norte a Sul e jamais recebi de editor uma passagem para essas viagens. Em muitas cidades o livrinho chegou lá porque eu levei dentro da mala, o mesmo aconteceu com alguns colegas meus... Efetivamente quando vocês pedem que nos demos a mão, ótimo, sensacional, agora, vamos dar a mão profissionalmente, né? E não da forma paternalista que vocês querem, como vocês sempre querem. Vocês reclamam que o autor não quer falar, então eu vou lhes dar um quadro dessa situação. Este país tem apenas um colonista quase diário de livros, chama-se Carlos Menezes, de O Globo. Muitas vezes Carlos Menezes tem me dito, quando eu telefono a ele, pra caitituar, porque realmente eu sou caititu, e consciente disso. Caititu, se os editores não entendem isso, é um cavador, é mais ou menos entre um pedinte e um arranjador de notícias, é isso que também eu sou neste país assumidamente, pela inércia em geral do empresário. Me diz o Carlos Menezes, olha João Antônio, muito obrigado por você me dar essas notícias sobre você e sobre seus colegas, porque muitos dias eu não sei como preencher a minha coluna, porque as editoras não me mandam informativo. (Trecho do depoimento do autor de "Malaqueta, Perus e Bacanaço")

## Moacyr Scliar

À semelhança de outros países, parece oportuna uma avaliação, ou reavaliação, do componente étnico da literatura brasileira. Esta aproximação parece particularmente importante no Rio Grande do Sul, um estado de emigrantes.

A literatura gaúcha sofre fortemente o impacto do histórico, do étnico. Ao lado de excelentes escritores que escrevem sobre o aqui e agora (Josué Guimarães, Caio Fernando Abreu, Tania Faillace, Carlos Carvalho, Sérgio Faraco, Sérgio Caparelli) temos outros da, digamos assim, vertente histórica e/ou étnica (quando digo étnico me refiro aos emigrantes). Em primeiro lugar temos, naturalmente, Érico Veríssimo; ele é o escritor que foi mais longe, que cavou mais fundo, chegando aos primórdios da formação do Rio Grande, recriando literariamente a formação do gaúcho - e dos caudilhos, dos coronéis. Mais próximo no tempo vem Cyro Martins, descrevendo o gaúcho a pé, o gaúcho empobrecido, prestes a deixar o campo para vir à cidade. Da cidade é também a pungente literatura de Dyonelio Machado. E falando em cidade, é bom lembrar o romance de Assis Brasil sobre a Porto Alegre dos açorianos (*Um quarto de légua em quadro*).

Temos outros romances históricos, mas não muito mais. O Rio Grande é um estado de passado recente, de passado ainda mais recente que o Brasil, que já é um país novo. Claro, uso o qualificativo de novo a partir do preconceito muito difundido - e que já é quase inconsciente - segundo o qual a história de um país do Novo Mundo só começa depois que chega o colonizador europeu. Índio não conta... Portanto vamos continuar, mas cientes do erro. Se o Estado é de passado recente, a migração é mais recente ainda. Fenômeno que se reveste de aspectos emocionantes, dramáticos ou cômicos ou pitorescos, a emigração no Rio Grande do Sul não poderia deixar de atrair os nossos escritores. Aí está Josué Guimarães, trabalhando sobre a colonização alemã - e lembremos que o episódio dos Muckers está sendo novamente examinado por vários ensaístas. Gladstone Mársico também escreveu sobre os descendentes de alemães e sobre a colonização judaica na região de Erechim.

E a poesia? Ao lado de um Mário Quintana, de um Carlos Nejar, de um Heitor Saldanha, de um Armindo Trevisan - qual será a influência do elemento étnico na obra dos poetas da região colonial italiana? Na obra de um Trentin, Oscar Bertholo, Pozzenato, Paviani?

Mas quero trazer aqui o meu depoimento pessoal. Sou escritor (pelo menos escrevo há muito tempo) e sou judeu. Ora, não se nasce judeu impunemente, como a própria circuncisão o demonstra. A condição judaica marca a pessoa.

Criei-me no bairro judeu de Porto Alegre. O Bom Fim daquela época era um bairro de pequenas casas, povoada por famílias de artesãos, de pequenos comerciantes, gente que já transava razoavelmente com os porto-alegrenses - mas que, no fundo, ainda era emigrante. Estranhos.

Ora, o estranho tem debilidades e forças que o nativo não tem. O estranho é frágil como uma larva; treme por qualquer coisa, vive assustado. Não fala a língua do lugar. Vem do mar, vem do rio. Chega uma noite - é alojado em albergues, depois mora em cortiços úmidos e sombrios. A luz clara é objeto de deboche - pior, um frequente bode expiratório.

Mas ele espia e expia. E aí - no olhar - está o primeiro poder do estranho. Ele vê coisas que os outros não vêem. Olho arguto, olho mágico, enxerga poros nas superfícies lisas,

minúsculas fissuras nos revestimentos. O estranho, até então frio e vazio como um ventre de larva, é agora um olho - enigmático, brilhante como uma brasa na escuridão.

Mas abaixo do olho está a mão. A mão aproveita-se do olho. Vale-se de sua luminosidade. O estranho acaba metendo a mão, acaba enfiando o braço; ou para forrar o ventre. (Diante das imperfeições da realidade, diante do absurdo, duas possibilidades: aproveitar-se ou rebelar-se, Rotschild & Marx. A astúcia é antiga. E a rebeldia, a luta faz parte da própria ética judaica - desde Moisés até os reformadores sociais do século XIX, chegando aos lutadores do gueto de Varsóvia.)

A literatura judaica sempre foi marcada por estas coisas, pelo estranho, pelo marginal, pelo rebelde: basta ver os profetas bíblicos, por exemplo. Cheia de preceitos éticos no período talmúdico, permeada de lirismo e misticismo na Idade Média, certamente atingiu seu ápice a partir do século XIX. É que, na história do judaísmo, a Revolução Industrial representa um importante divisor de águas.

Enquanto na Europa Ocidental os judeus beneficiavam-se do surto de progresso trazido pela técnica e pela industrialização, na Rússia e na Polônia eles levavam uma vida miserável, morando em pequenas aldeias - sob a constante ameaça dos pogroms, muitas vezes estimulados pelas autoridades tzaristas como válvula de escape à revolta popular. Autores como Scholem Aleichem, Mendele, Peretz souberam captar muito bem o clima emocional destas pequenas povoações, permanentemente imersas num clima de protraído desespero, do qual se salvaram em parte graças ao espírito de comunidade - e graças ao humor.

O humor judeu, diz Wilson Martins, é antes rangente do que negro; situa-se a meio caminho entre o desespero e a ironia. É um humor esquisito, porque resulta de uma situação esquizóide. Durante séculos os judeus vaguearam pelo mundo, quase sempre marginalizados e perseguidos. Proibidos de exercer certas profissões, freqüentemente obrigados ao papel de intermediários e usuários, vivendo nos poros da sociedade (Marx), os judeus tiveram na alienação um substrato constante de sua vida cultural. Marx apontou a alienação econômica. Freud mostrou a alienação de partes da personalidade; Kafka é o escritor da alienação, Chagall o seu pintor.

O século XX convulsionou o judaísmo. Na Europa Oriental sucediam-se os pogroms, destinados a desviar a atenção do povo do fracasso tzarista na guerra russo-japonesa de 1905. A crise russa culminaria com a Revolução de Outubro - saudada por amplas massas judias com um movimento libertário: basta lembrar a participação nela de Leon Trotski e do escritor e soldado Isaac Babel.

Antes disto, porém, muitos judeus tinham emigrado para o Novo Mundo. *Fazer a América* era um sonho dourado, principalmente para os que iam para os Estados Unidos (diga-se de passagem, um sonho que não se realizou para todos, não para a massa de obreiros pobres, incultos e doentes que labutavam na indústria de confecções e que viviam - como o descreveu Michael Fold e Howard Fast - em miséria e promiscuidade nos pardieiros do East River).

No Brasil foi diferente. Os primeiros emigrantes judeus foram trazidos, no começo deste século, para uma área de colonização situada no interior do Rio Grande do Sul. Ali instalou-os uma sociedade filantrópica, financiada por financistas judeus da Europa Ocidental.

Esta experiência não obteve êxito e pouco a pouco os colonos se transferiram

para as cidades, principalmente para a capital.

Minha primeira novela, *A Guerra no Bom Fim*, retrata o bairro judaico de Porto Alegre, onde me criei: um lugar pitoresco, de casinhas humildes e cadeiras na calçada, onde vivia uma comunidade barulhenta e feliz (hoje, no Bom Fim, só existem edifícios imponentes, com porteiros eletrônicos). *O Exército de um Homem Só*, que tem como tema as aventuras e desventuras de um quixote judeu em busca de uma nova sociedade reflete um pouco a ética e o humor de que fala acima. *Os Deuses de Raquel* traz a tona os espectros judaicos e, por extensão da classe média em geral: uma mulher solitária, feroz, luta por seu lugar ao sol.

Para escrever *O Ciclo das Águas* fui buscar um tema histórico, um episódio obscuro, pouco conhecido: o tráfico de brancas na América Latina, na década dos 20, e que era feito por um espécie de máfia judaica. As mulheres eram judias, atraídas de suas aldeias na Polônia e na Rússia pelo sonho de um casamento na América. Passavam por Paris, onde eram adestradas nas artes do amor, e, na Argentina e no Brasil, impingidas como francesas. Uma destas mulheres é justamente a personagem central da novela.

A escolha deste assunto, considerado escabroso, revela minha relação dialética com o judaísmo. Não sou um filo-semita extremado, que é apenas uma versão, com sinal contrário, do anti-semita. Não. Como já tenho dito, tenho, em relação ao judaísmo, um olho para o que é bom e o que é ruim, o que é cômico e o que é trágico, o que é direito e o que é esquerdo. O próprio judaísmo é dialético.

Não sendo um escritor de temática exclusivamente judaica, vejo ainda a influência do judaísmo em meus contos. Se procuro o exótico, o absurdo, é exatamente pela sensibilidade ao estranho, de um lado, e pela obsessão da ética, de outro: neste sentido me considero um pouco um fabulista, além de confabulador. Acho que meus livros de contos - especialmente *O Carnaval dos Animais* - são uma prova disto.

Minha novela *Um Mês de Cães Danados* diz respeito a um episódio político recente da história do Rio Grande. No entanto, a mim me atraíram os aspectos humorísticos, inusitados e até grotescos da situação. É, de novo, a vantagem: do olhar que estranha.

Mas voltamos ao começo, ao problema do étnico na literatura. Justamente porque o assunto está em voga, é que uma advertência se faz necessária, e ninguém mais autorizado para fazê-lo do que Irving Howe, autor norte-americano que recebeu o *National Book Award* por seu livro sobre emigração: *World of Our Fathers*.

É preciso atentar para a dialética do étnico, afirma ele (*The New Republic*, 25 de junho de 1977) num artigo que tem como epígrafe: procurar as raízes, mas sem esquecer a árvore. A cultura do étnico, diz ele, pode tender para o paroquialismo. Assim como, é o caso de lembrar, a literatura do histórico pode criar a imagem de um passado imóvel, congelado, sem nenhuma relação com os acontecimentos do presente. O anseio pelo étnico pode obscurecer as realidades do poder. Diz Howe: *Os problemas de nossa sociedade dizem respeito não a agrupamentos étnicos, mas à economia, à política, ao social. Estes problemas tem a ver com as vastas desigualdades de renda, com a vergonhosa negligência para com uma crescente classe de sub-proletários. Estes problemas tem a ver com a crise das cidades, eufemismo que disfarça uma terrível realidade: milhões de pobres, brancos e pretos, vivendo em cortiços...*

Neste sentido, creio que a literatura do Rio Grande não se eximiu de sua responsabilidade. Acho que está bem claro para os

nossos escritores o que é importante e o que é secundário, o que é falso e o que é autêntico. Irving Howe diz que é preciso transformar o étnico em ético. Os escritores do Rio Grande do Sul sabem disto. Sabem que o étnico nada mais é do que a porta de entrada para a realidade gaúcha e brasileira de nossos dias. É a porta de entrada para a realidade de nosso mundo.

(*Scliar - preparara este depoimento para o dia 26 de setembro. Falou, porém, de improviso, referindo-se ligeiramente a ele, para ter mais tempo de dialogar com os leitores reunidos no Centro de Convenções do San Raphael Hotel.*)

## Antônio Carlos Ataíde

Escrita - Qual a perspectiva que você vê, da Argentina, para a literatura brasileira?

ACA - O negócio é o seguinte: nós voltamos sempre a nossa atenção para os mercados americano e europeu tradicionais. De maneira que nós ignoramos completamente o resto da América Latina. Eu vejo com maus olhos a literatura brasileira na América Latina e isso se deve precisamente à pouca visão que nós temos e por sairmos em busca de um mercado europeu que realmente não existe. Saímos atrás do mercado europeu e esquecemos o nosso mercado, que está aqui do nosso lado. É hora de se trabalhar em cima disso e então jogar a literatura brasileira tranquilamente nesta região.

Escrita - O que você tem feito em favor da literatura brasileira e o que é ainda possível fazer, inclusive aqui mesmo no Brasil?

ACA - O problema é o seguinte: isto não é uma crítica, não é uma denúncia, mas uma maneira de começar a corrigir as coisas: o problema da divulgação da literatura brasileira no exterior começa no Instituto Rio Branco porque, se você atribuir ao Itamarati a responsabilidade primordial de apresentar um trabalho nos diversos países, nos setores que trabalham nesse sentido, você tem que pensar no Instituto Rio Branco. Quer dizer, isso não existe absolutamente no Instituto Rio Branco. O Instituto Rio Branco melhorou muito, forma profissionais extremamente capazes para promoção comercial, extremamente capazes em relação a assuntos políticos, mas realmente existe aquela idéia de que o sujeito que entra no Itamarati é burro, entre aspas, e sabe literatura, sabe música, sabe de tudo e basta. Quer dizer, o Brasil não tem uma política de difusão cultural, o Brasil tem uma política de promoção comercial muito bem estruturada, de atuação nos órgãos internacionais, na ONU, na ALALC, etc., mas não tem uma política definida, quer dizer, você não recebe uma formação nesse sentido. Acho que uma forma de corrigir isso seria as editoras fazerem um trabalho intenso junto ao Itamarati, no sentido de que se dê conta da necessidade de se criar uma política de difusão cultural. Difícilmente colegas nossos que estejam em outros países se preocuparão em conhecer José Louzeiro, duvido que muitos colegas saibam quem é o Ignácio de Loyola Brandão, por exemplo. Acho que a Câmara Brasileira do Livro, as instituições literárias, os editores, teriam que estudar uma forma de sugerir ao Itamarati uma política de divulgação da nossa literatura.

Escrita - Essa dificuldade de aproximação com o Itamarati não é o resultado da política do governo, principalmente em relação à censura?

ACA - Eu não tenho medo da censura, quando a coisa é de qualidade, quando tem uma aceitação incrível, como são as coisas que nós estamos fazendo em Buenos Aires. Não há nenhum problema de aproximação

com o Itamarati, pelo contrário, ele é extremamente receptivo a essas sugestões. Realmente não existe uma definição: cada um trabalha como acha que deve trabalhar.

Escrita - A revista que vocês estão fazendo em Buenos Aires - a *Brasil* - despertou interesse do público latino-americano ou é mais para uso do próprio Itamarati?

ACA - Não, absolutamente, a revista é distribuída somente em Buenos Aires. Para você imaginar uma coisa, nós recebemos hoje uma média de 10 cartas por dia de gente interessada em receber a revista, desde o estudante de interior, de província da Argentina, que viu o exemplar com uma colega, com uma professora de universidade, coisas desse tipo. O Affonso Romano de Sant'Anna, que eu conheço muito pouco - tivemos contato uma vez em Buenos Aires - me sugeriu numa carta, aliás foi uma glória para mim, que passássemos a mandar para as universidades americanas, onde há cursos de literatura latino-americana. Então, hoje, a revista está entrando em 24 universidades americanas. Se de alguma maneira a gente conseguisse expandir o campo de ação da revista, talvez pudesse melhorar o panorama em relação ao conhecimento que o pessoal tem da nossa realidade cultural.

Escrita - Que autores brasileiros são publicados geralmente na Argentina, clássicos ou modernos?

ACA - Há alguns modernos, mas basicamente se edita um livro de Clarice Lispector, por ano, um livro de Jorge Amado por ano, tipo "Tieta do Agreste".

Escrita - Osman Lins, por exemplo?

ACA - Não, por isso fizemos um convênio com a Sudamericana, que funciona assim: nós compramos uma parte da edição, digamos 3.000 livros, e distribuimos por toda a América Latina. Até a Espanha fica com uma parte e vende a outra.

Escrita - Essa tiragem pode ser aumentada daqui para frente?

ACA - Veja o caso do "O Coronel e o Lobisomem", por exemplo. Nós pensamos primeiro numa edição de 3.000, ficamos com 1.500, mas a editora aumentou para 10.000 e o livro vendeu tremendamente na Argentina e tremendamente no Uruguai, que foi onde mais vendeu. Depois nós fizemos "O Vampiro de Curitiba", de Dalton Trevisan, que também teve uma tremenda repercussão.

Escrita - Para mandar coisas para a revista *Brasil* como se deve fazer?

ACA - Escrevam para Av. Corrientes, 3.300 - 2º andar - Setor Cultural da Embaixada do Brasil na Argentina, aos meus cuidados.

(*Antônio Carlos Ataíde é cônsul cultural do Brasil na Argentina.*)

## Thomas Colchie

Escrita - Como é que você vê a literatura brasileira nos Estados Unidos? Vale a pena trabalhar com ela? Que possibilidades existe de você incrementar seu trabalho como agente nos próximos anos?

TC - Acho que o momento para a literatura brasileira é aqui e agora. Trabalhei alguns anos para autores, mas só como tradutor e sem muita experiência em vender ou levar livros ao mercado. Foi uma frustração total, porque fui o primeiro tradutor, por exemplo, de João Cabral de Melo Neto, nos Estados Unidos. E não há muita gente lá que reconheça o valor e o amadurecimento da literatura brasileira. Não há muitos que falem e ensinem a língua. As aulas têm sido dadas predominantemente pelos espanhóis, mas agora acho que os escritores chegaram a um nível internacional tão forte que o Brasil está explodindo com sua literatura. Os autores têm consciência do seu valor, e consciência positiva em vez de passiva. O I

Encontro foi feito por vários órgãos organizadores, mas o impulso foi dado pela literatura brasileira mesmo.

**Escrita - E verdade que você abandonou o cargo de professor numa universidade americana para se dedicar ao trabalho de agente literário.**

**TC - Sim, realmente para mim o trabalho de agente é o trabalho de qualquer tradutor. É o desenvolvimento dos meus esforços como tradutor. Isso quer dizer que eu fiz traduções, que eu conheço a literatura brasileira e posso falar sobre ela. Quando eu era só tradutor tinha que ficar lá na universidade para ganhar a vida. Mas na universidade eu não podia fazer muitas traduções e era preciso ter os livros lá em inglês, para haver leitores. Por exemplo, eu dei aulas no Brooklyn College até este ano, quando terminei a minha ligação com a universidade. E introduzi Machado de Assis, e eu acho que não é possível a uma literatura ser reconhecida no estrangeiro sem os livros terem sido traduzidos.**

**Escrita - Em que universidade você dava aula?**

**TC - Universidade da cidade de Nova York. Chama-se City University. No Departamento de Literatura Comparada. Quer dizer, livros da Europa e da América do Sul, mas naturalmente o meu forte era a literatura brasileira e a latino-americana.**

**Escrita - De que literatura você aproxima a literatura brasileira?**

**TC - Para mim, é a minha opinião pessoal. O Brasil é um subcontinente, é um pouco mais que um país. É um subcontinente que tem todo tipo de autores. É uma civilização mesmo, é muito mais que qualquer país latino-americano. Parece-me que o mais importante é que a literatura brasileira se representa a si mesma, é diferente. Murilo Rubião, por exemplo, pode ser comparado ao Garcia Márquez tanto como a Borges, mas é só semelhança, pois Murilo**

**Rubião tem muito em comum com Machado de Assis. Quer dizer que agora os autores se representam a si mesmos, e não são comparáveis a ninguém. Essa parte da literatura brasileira é que me atrai. Alguma coisa nova está sendo criada aqui mas tem um nível tão alto que oferece uma alternativa na cultura, na literatura.**

**Escrita - Dos autores brasileiros que você conhece, quais os que têm maior chance de serem editados nos Estados Unidos, na Europa, etc., principalmente aqueles com quem você está trabalhando?**

**TC - Bom, eu estou trabalhando com 20 escritores. A Europa está muito interessada no Murilo e eu também. O Ivan Angelo, com "A Festa", vai chegar lá. José Louzeiro também, porque retrata os mesmo problemas urbanos que temos, por exemplo, nos grandes centros dos Estados Unidos. E ainda o Oswaldo França Júnior, com "Jorge um Brasileiro", que é um excelente livro.**

**Escrita - Você conhece o Rubem Fonseca?**

**TC - Conheço, sua obra já está traduzida por uma moça nos Estados Unidos.**

**Escrita - Toda traduzida?**

**TC - Um livro de contos, o "Feliz Ano Novo".**

**Escrita - Que foi proibido no Brasil.**

**TC - Sim, foi proibido aqui. Eu acho também que o "Camisa-de-Força", do Wladimir Nader, tem chance lá.**

**Escrita - Os editores norte-americanos estão mais interessados na literatura urbana brasileira ou na literatura regional, que é o que mais se aproxima, digamos, da literatura latino-americana?**

**TC - Eu acho que as duas vão entrar nos Estados Unidos, porque temos interesse lá. Acho que os leitores americanos vão encontrar um pouco de seu mundo nos escritores urbanos e podem então se identificar mais com eles. Mas ao mesmo tempo eu acho que escritores como o Márcio de Souza, e outros mais regionais, estão chegando a um nível que transcende o local. Não são regionais no sentido tradicional de descrição de uma região.**

**Escrita - Quanto ganha um agente literário?**

**TC - Bom, até agora eu não ganhei nada. Eu vendi muito mas não recebi nada (risos). Em seis meses garanto que a situação vai mudar. Eu, por exemplo, ganho 10% como agente, agora se traduzo a obra ganho mais outros 10%, então são 20%.**

**Escrita - Quantos livros você poderia traduzir por ano, ou digamos quantas páginas?**

**TC - Eu nunca marquei, mas acho que já cheguei ao ponto de dez páginas datilografadas por dia na primeira versão. Às vezes preciso de uma segunda e até de uma terceira, mas cada versão é mais rápida do que a primeira.**

**Escrita - Quer dizer então que daria pra traduzir uns dois livros de duzentas páginas por ano?**

**TC - Eu tenho a idéia de fazer três (risos), gostaria de fazer quatro (mais risos), mas isso é impossível. Estou lidando mais com tradutores, porque estão aparecendo mais tradutores para a literatura brasileira, por causa do trabalho como professores e por causa do novo interesse por um mundo chamado Brasil. Nós tradutores, precisamos ter um tipo de organização, não uma organização ideológica, mas sim uma organização de trabalho para ter direitos, para ter contratos normais, condições profissionais, e isso vai mudar muito também.**

**Escrita - Quer dizer que nos Estados Unidos existe também esse problema de tradução?**

**TC - É horrível.**

**Escrita - Mas a paga é de 10% sobre os direitos autorais?**

**TC - Não, eu sou o primeiro agente a conseguir isso.**

**Escrita - Normalmente qual é a remuneração?**

**TC - Trinta dólares por mil palavras.**

**Escrita - Que dá quantas páginas?**

**TC - Três datilografadas.**

**Escrita - Trinta dólares? Aqui no Brasil é muito menos, você sabe disso, não é?**

**TC - Eu vou dizer que é só para a língua portuguesa, porque a língua portuguesa é relativamente desconhecida. Os espanhóis recebem menos.**

*(Entrevista feita durante o I Encontro, no intervalo de uma das sessões vespertinas do dia 29 de setembro).*

## Asa Curta e O Rei dos Cacos, dois lançamentos da Vertente



Cr\$ 30



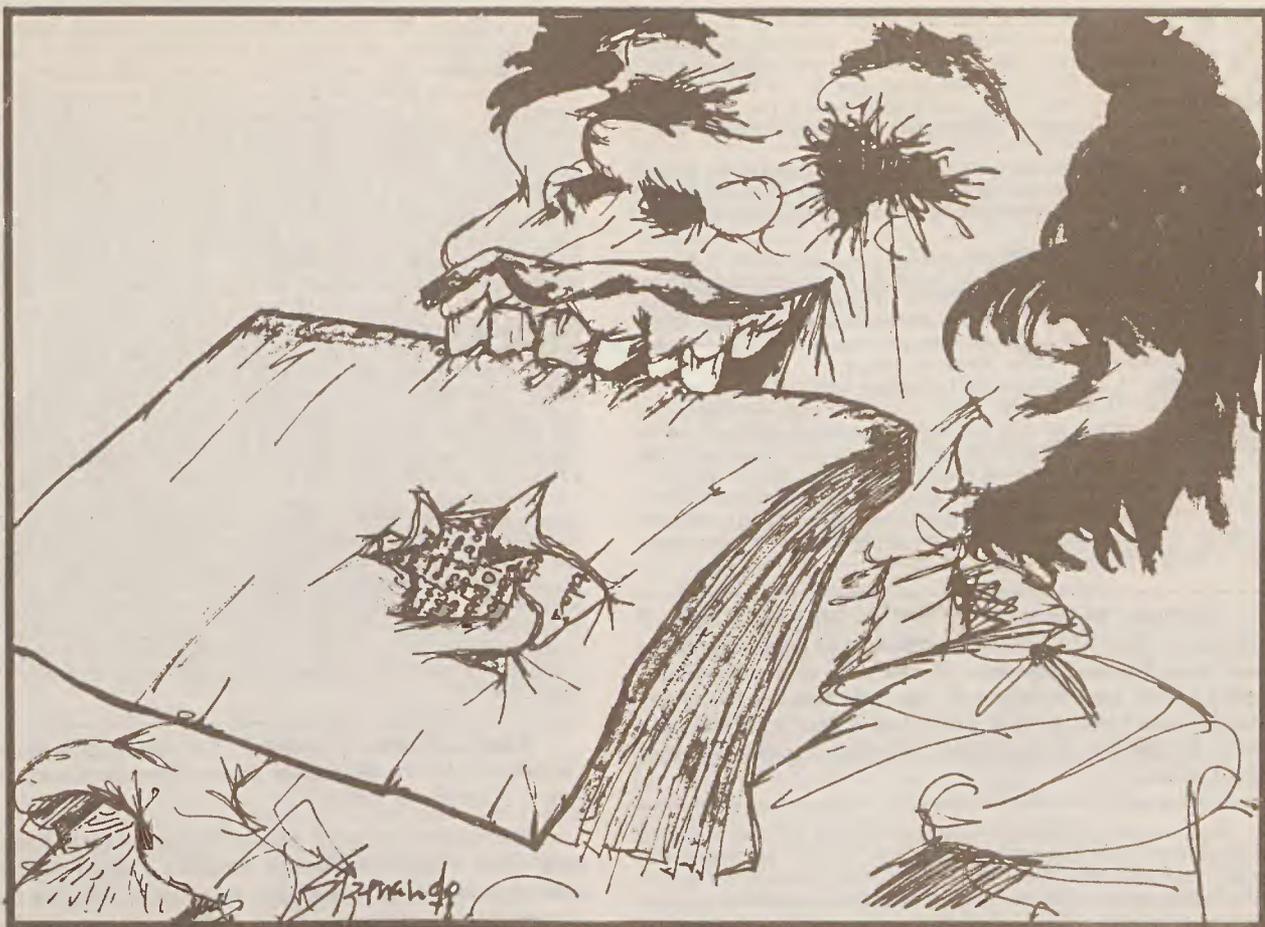
Cr\$ 25

Nas livrarias  
ou por reembolso postal  
Pedidos à

Vertente Editora Ltda.

Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: 62-3699 e 262-8861  
05007 - São Paulo (SP)





## Os inimigos da leitura

reportagem de

Fátima Miranda e Maria Stela Carrari

*As crianças quase que não lêem mais livros. Os adolescentes também não.*

80% dos entrevistados à pergunta "o que você faz quando chega da escola?", responderam "janto e assisto televisão". 5% lêem antes de "ir dormir". E os outros 25%, no seu período de lazer, brincam ou saem com amigos. Dos 80% que não têm o hábito de ler, por obrigação escolar e a mando dos professores de português, é exigida a leitura dos livros de José de Alencar (5 Minutos, O Guarani), de Monteiro Lobato (Reinações de Narizinho, Viagem ao Céu) e de Machado de Assis ou de Érico Verissimo (bem mais raramente).

Mas estes autores estão sendo substituídos. Por quem? E então, o que as crianças estão lendo, quais os livros adotados pelas escolas paulistanas no semestre passado? *A Montanha Partida*, *A 8ª Série C*, *A Transa-Amazônica* (sic), todos escritos pela diretora do CELIU, Odette de Barros Mott. Esta autora dispara nas vendas de livro infantil. Junto com Francisco Marins (*O Coleira Preta*, *A Aldeia Sagrada*) estão bem vendidos José Mauro de Vasconcelos e as várias vacas (*A Vaca Voadora*, *A Vaca Deslumbrada*, *A Vaca Invisível*), de Edy Lima. Se responsabilidade há na escolha do livro de literatura a ser adotado, esta é toda deixada à escola. Entre alguns livros de Maria José Dupret (*A Ilha Perdida*, *Éramos Seis*) e a única *Moreninha* de J. Manuel de Macedo, a pedido de professores, o grosso das crianças destacada está lendo Clette Mott, Lúcia Machado de Almeida, Lucília Junqueira de Almeida Prado, Lúcia Pimentel de Sampaio Góes, todas à espera de uma urgente crítica literária.

Perguntando às crianças se lembravam do nome do autor do livro que haviam lido, a sua grande maioria, 85%, absolutamente não lembrava o nome do autor. E às vezes, 50%, as crianças sabiam o nome do livro corretamente. A frase "não lembro" foi das mais ouvidas durante a pesquisa.

Ao contrário do que supúnhamos antes da pesquisa, são poucas as crianças que lêem histórias em quadrinhos: 40% do total das entrevistadas. As personagens são Pato Donald, Mickey e a turma da Mônica. Não ouvimos referências a Super-Homens e outros heróis.

Também contrariando outra hipótese, tivemos uma desagradável constatação (v. quadro abaixo). Admitimos que: a criança da 1ª à 4ª série do 1º grau não fosse estimulada à leitura pelo próprio fato de estar se alfabetizando e sentir as dificuldades específicas do processo. Julgávamos que fosse no curso da 5ª à 8ª série que ela estaria tomando conhecimento de nossa língua escrita, ou, em derradeiro no 1º, 2º e 3º colegial. Mas a verdade são os fatos. Ou se cria o hábito de leitura a partir dos 7/8 anos ou não.

Colegiais que nunca leram um livro inteiro	10%
Leram um livro, a mando do professor	20%
Leram 2 e 3 livros, a mando do professor	50%
Leram 4 livros, a mando do professor e/ou por iniciativa própria	10%
Leram 6 a 7 livros ou mais, a mando do professor e/ou por iniciativa própria	5%
% sobre o total dos entrevistados.	

Verificamos que os adolescentes que disseram ter lido mais de três livros tomaram contato com a literatura em sua própria casa. Alguns disseram, literalmente, ter tirado os livros da "estante da minha mãe". Assim, a pesquisa aconselha ou que os pais leiam mais ou que deixem suas crianças na biblioteca mais próxima de casa. Há 24 bibliotecas infantis em São Paulo, espalhadas pelos diversos bairros. E esta última atitude, além de mais viável (geral-



mente os pais não gostam ou não têm tempo para ler). reserva uma boa surpresa: é possível trocar a babá-t.v. pela babá-biblioteca. Com muitas vantagens, uma delas de as crianças voltarem a pensar, a raciocinar se for o caso, imaginar, agir. E, principalmente, voltarem a redigir uma frase com início, meio e fim.

*Semana da Literatura Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (19 a 23/abril/77)*

A semana, promovida pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, revelou aos universitários (aproximadamente 400 pessoas em cada conferência) a problemática situação da literatura infantil.

TAUBATÉ, 22 de abril de 1977.

Grupo de debate: Décio de Almeida Prado (mandou um representante); conferencista: Gilberto Mansur; debatedores: Neil Ferreira, Maurício de Souza (não compareceu, "por estar doente"), Ziraldo (não compareceu: por "ter sofrido um acidente com o automóvel"), Naum Alves de Souza.

Assunto: A Divulgação da Literatura Infantil

GILBERTO MANSUR - "No convívio com escritores que não fazem literatura infantil é comum se ouvir da inteligência do país o "eu chego lá". Enquanto isso a maioria dos livros que estão aí continua a vacinar a criança contra o hábito da leitura. A literatura infantil então é quase surrealista. Nós fizemos a experiência dos "Contos Jovens", que infelizmente não deu certo. Agora tenho recebido pedidos sucessivos da obra de Monteiro Lobato depois que a Rede Globo lançou este autor.

**Marilena, 14 anos, 8ª série: "Do Monteiro Lobato li *Emília no País da Gramática*. No livro as personagens são mais reais. Na tevê tem uma Emília toda cheia de coisa; a Emília é mais uma bruxinha do que uma boneca. Na tv eles colocam uma boneca. Meu irmão tem 4 anos e detesta essa Emília da televisão, é avacalhada. Não tem o sentido de Monteiro Lobato."**

Vejam vocês: na França a tiragem inicial de um livro infantil é de 40/50.000 exemplares, e a França tem séculos de cultura (no Brasil, normalmente, 3/4/5.000 exemplares). Quando há algum aproveitamento do tema do livro na rádio ou televisão francesa, a tiragem sobe para 400.000 exemplares e é vendida rapidamente. Outro veículo absolutamente fundamental é a publicidade. Mas as campanhas que têm sido feitas são da pior qualidade. E não atingem nada. LER É VIVER me parece de gosto duvidoso. Uma campanha a favor do livro deveria tentar convencer o leitor de que ler dá prazer, entende? De que livro é uma atividade que continua e você pode voltar a ela, ao contrário da televisão, que é um negócio rápido. No caso da literatura infantil, a publicidade - e aí é a área do Neil que vai depois tentar esclarecer de que maneira esse veículo pode atuar - não pode chegar à mentira de dizer que ler dá prazer e apresentar livros que não dão. Sou um sujeito interessado em divulgar literatura infantil, entretanto divulgação através de jornal (que atinge 60/70.000 pessoas) é primária, atinge a minoria. E na área da publicidade há o problema do autor que não quer ser divulgado para não parecer mercenário. O livro no Brasil é elitista, livraria é santuário. O editor, por falta de verba e porque não se convence de que livro é um produto, não investe no livro. Se para o autor o livro é uma obra de arte, para o editor deve ser basicamente um produto. Tanto que o editor mais bem sucedido é o comerciante, é o cara que mal conhece literatura (conhece um pouco para selecionar os autores dele). O editor tem que acreditar no produto como se fosse qualquer outro produto a ser posto a venda, como sabonete. Pensou-se em fazer da "Vaca Voadora" um livro-brinquedo. São recursos que o livro precisa usar num país como o Brasil, que antes de atingir um estágio cultural dos mais civilizados já tem todos os problemas de país desenvolvido. Pensou-se em fazer o livro-comestível, o livro-chocolate, por que não? É uma forma a mais de atrair a criança a uma atividade que deveria lhe dar prazer."

(N.R.: O publicitário brasileiro se autorizou o estigma de piadista, quando não, conflituado entre sua posição de "intelectual" e o consumo. Com Neil Ferreira pelo menos o auditório riu muito. Pelo humor, a contribuição da publicidade para as formas de divulgação do livro infantil.)

NEIL FERREIRA - "A publicidade cumpre o grande papel de convencer você do "ao sucesso em Hollywood" e "o homem que sabe o que quer fuma Minister". Como vocês sabem o IPI do cigarro é na base de 80%. Com relação à literatura infantil me confesso apenas leitor. (Neil conta a primeira piada sobre operários russos para dizer que o custo com propaganda é muito, muito caro. Outra piada.) Nós temos no Brasil menos livrarias por 10.000 habitantes do que o Paraguai. Não estou menosprezando o Paraguai, aliás nossos presidentes se encontraram e comemoraram, quem sabe, esse fato. (Risos) Todos hoje aqui perderam um capítulo de novela. Bem feito. ! Um comercial de novela colocado no horário

nobre da Globo, 30", custa 50.000 cruzeiros. O preço médio do livro - não do autor - em brochura é 70 cruzeiros. Uma tiragem de 5.000 exemplares fica em 350.000 cruzeiros. Daí teria de se tirar o investimento do editor, os direitos autorais e o coquetel de lançamento que nunca custa menos de 10.000 cruzeiros. Então vejam, uma tiragem de um livro que venda bem é só sete vezes o custo de um comercial. Além do custo da propaganda e da distribuição precária, infelizmente os pais lêem cada vez menos. O "boom" da literatura brasileira me parece o milagre do Delfim Neto: vão acordar e ver que não teve milagre. O hábito de leitura começa no útero da mãe. Minha mulher vai ter um filho daqui a dois meses e já tou esfregando a camisa do São Paulo F.C. na barriga dela porque se nascer corintiano vou embora de casa. Eu aprendi a ler aos quatro anos de idade nos livros do Monteiro Lobato. Não está definido o que a propaganda pode fazer pela literatura. Você coloca o livro como produto e vai utilizar a força do veículo publicitário para tentar vender a mercadoria. Então põe o comercial numa estação de t.v., mas, como só existem 400 livrarias no país inteiro, as pessoas não vão encontrar o produto distribuído. A Gessy-Lever que não é nenhuma inocente só põe o anúncio do OMO depois que o sabão já está em todos os supermercados. A Editora Abril, que é a Gessy-Lever editorial e tem uma distribuição perfeita, só coloca o comercial no ar quando todos os livros estão nas bancas. Essas campanhas do tipo LER É VIVER, eu vejo sem nenhum conteúdo específico. Ler o quê? (Neil quis dizer: o produto dessa campanha não está à venda) O que a propaganda poderia fazer, ela é o grande negócio dos sistemas capitalistas, é encontrar fórmulas que possam anunciar o livro. A propaganda (Neil usa indistintamente os termos propaganda/publicidade) encontrou fórmulas para anunciar sabão em pó e automóvel, dois gêneros de primeira necessidade. E poderia encontrar fórmulas para anunciar coisas como cultura.

**Angela, 16 anos, 2ª colegial: "Em casa somos sócios do *Círculo do Livro*. Já li *Love Story*, *Fernão Capelo Gai-vota* e *Cartas na Mesa*."**

**Maria da Graça, 15 anos, 8ª série: "Eu já li essa revista sobre o Sítio do Picapau Amarelo e achei as histórias muito fracas, fracas mesmo. No livro tem o sítio. Na revista os personagens estão na cidade, pescam o peixe na piscina, vão fazer qualquer coisa num prédio. Isso não fica legal. Eles estão modernizando mas se colocassem como Monteiro Lobato colocou aí todo mundo gostaria de ver."**

**Adilson, 13 anos, 7ª série: "Comecei a ler *O Feijão e O Sonho*, a minha irmã é sócia do *Círculo do Livro*. *Televisão?* Eu assisto. É chegar em casa e ver até a hora de dormir."**

Se falou aqui em crítica, o seu papel de divulgadora de livros. Me parece que neste país carente a crítica tem uma função fascista.

Se a minha agência recebesse a incumbência de fazer uma campanha para promover o livro, certamente não iria fazer "transa e leitura". Que é o que a Câmara Brasileira do Livro vem fazendo. Certamente também não iria fazer "LER É VIVER". Iria tentar convencer os pais a transmitir o gosto da leitura a seus filhos. Porque está nas mãos da mulher a decisão da compra de uma casa, de um automóvel, de um aparelho de televisão, provavelmente do livro. A mulher que agora começa a se liberar passou de "rainha do lar" a "imperatriz do consumo".

**Anarose, 12 anos, 7ª série: "A minha mãe gosta muito de ler, sabe? Ela está sempre comprando livros, tem uma biblioteca lá em casa."**

Gilberto Mansur inicia o debate. "Os livros tem que ser publicados sem a censura de "bom gosto" do editor". Mansur está denunciando a censura dos originais, feita na própria editora. Uma moça vai até a mesa dos conferencistas e, ajoelhada, pede ao presidente da mesa um copo de água. Bebe, indiferente ao público que ri. Era Renata Pallottini; mais tarde, identificada, senta-se à mesa dos debatedores.

O assunto da censura feita pelo próprio editor é esgotado e aberto espaço para perguntas do público. O presidente da mesa, representante do reitor da Universidade de Taubaté, oferece o microfone para quem queira falar. Passam-se alguns segundos. Todos impacientes, esperando que alguém se manifeste. Uma aluna levanta-se, é aplaudida. Vai até a mesa e deixa seu voto de protesto, como advogada, a todo tipo de censura que é feito ao autor nacional: da auto-censura passando pela oficial e que termina na censura arbitrária das editoras. Mal-estar geral. O microfone é desligado. Gilberto Mansur retoma a palavra.

# Entrevistas

ANTONIETA DIAS DE MORAES é autora de *A Varinha do Caopora*, publicado inicialmente na França e, entre nós, pela Ed. Vertente. Antonieta, poetisa e tradutora, prepara no momento para o jornal *Versus* um livro sobre Miguel Asturias. Foi grande amiga do autor guatemalteco. Morou algum tempo com este escritor e sua mulher quando do exílio de Asturias em Paris.

Num terraço entre suas muitas plantas (o edifício onde mora chama-se Monteiro Lobato) Antonieta fala sobre literatura infantil:

"A literatura infantil é relativamente recente. No século passado os livros eram escritos para os adultos, as crianças tomaram porque gostaram. Comenius escreveu o primeiro livro ilustrado para crianças. Lançou uma idéia que é nova até hoje: toda coisa nomeada deve ser mostrada. Como educador, tinha uma finalidade didática. Na França, umas senhoras escreveram especialmente para as crianças mas era gente muito cacete. Na Inglaterra havia aquelas rimas "nonsense" e a primeira livreria infantil, que não temos no Brasil até hoje."

*MSC - A literatura infantil tem que ser ilustrada?*

A - Eu acho que deve ser. Na França, ouvi de uma menina de 11 anos: não gosto de ilustrações, quero imaginar o que leio.

*MSC - É exatamente em o que eu penso.*

A - Mas a criança em geral gosta. Para criança pequena - 7 a 10 anos - a estória precisa ser muito ilustrada, o texto fica melhor gravado. As ilustrações precisam ser artísticas para formar o gosto da criança. Ilustração muito comercial não serve. É um problema: a ilustração sai cara, as edições no Brasil não são suficientemente grandes para reembolsar o editor... o livro infantil está carregado de problemas. Se a sociedade entendesse a importância da literatura para a formação da criança, se os pais compreendessem, se o próprio governo desse uma ajuda maior, não é? *A Varinha do Caopora* esteve mais de dois anos no Instituto Nacional do Livro\*, sem resposta. Pedi ao Jorge Amado que me apresentasse o Herberto Sales. Aí mandamos uma carta com o timbre da Academia, entrega rápida, a Brasília. Não tive resposta. Não há realmente consideração pelo escritor.

*FM - Quais os critérios de publicação adotados pelo INL?*

A - Até hoje não sei. Há livros bons e ruins aos quais eles dão ajuda. Eu estou para saber. Seria conveniente até que eles elucidassem isso.

*MSC - Você tem tido problemas para publicar seus livros aqui no Brasil?*

A - Eu tive um problema muito grande. *A Varinha do Caopora* foi publicado na França em 1965, com uma crítica muito boa. Então eu quis publicá-lo aqui cinco anos depois. Apresentei o original às editoras de São Paulo, do Rio, mas não havia possibilidade. Nem sendo a primeira autora brasileira publicada na França. Pensei: ou deixo de escrever ou tenho que voltar para lá. Voltei para a França e fiquei cinco anos. Um livro recusado aqui recebeu um prêmio lá.

**\* O Instituto Nacional do Livro (INL) tem projetos de co-edição, compra até 50% da tiragem do livro às editoras. O objetivo da criação do Instituto foi o de melhor divulgar o autor nacional.**

*MSC - Pra que faixa etária você escreve?*

A - Comecei a escrever para 7 a 10. Um dia duas amigas francesas me convidaram para contar estórias a seus filhos. Tinha uma menininha de dois anos que ficou ali sem entender pois as minhas estórias eram para crianças maiores. A mãe depois me perguntou por que você não escreve para crianças pequenas, não existe nada, é tão difícil; ninguém pensa na criança pequena? Eu disse que ia tentar. Cheguei em casa e escrevi três continhos, era uma estória dentro de outra.

*Antonieta agora vai fazer uma denúncia urgente e necessária.*

*É mais uma exploração em cima do escritor brasileiro.*

A - Nós escrevemos, nas editoras o texto passa de mão em mão, quando a gente vai ver a idéia está aproveitada por aí. Isto é uma coisa que nós temos que resolver. Não copiam exatamente a estória mas usam as nossas idéias. Os editores têm que ter em mente que eles não podem estar dando originais para todo mundo ler e nem segurar os originais durante quatro, seis meses, como fazem.

*FM - Isso aí já deve ser rotina em nossas editoras...*

A - É, comigo já está acontecendo. Não vou contar a última vez que ocorreu porque não quero citar nomes. Mas quando voltei ao Brasil havia o concurso do SNT\*. Eu tinha uma peça que tinha sido publicada na França, *A Nau Catarineta*. Ora, a "Nau" tem aproximadamente 200 anos no folclore nacional, é uma dança dramática já estudada por muita gente, inclusive por Mário de An-

drade, me baseei no texto dele, segui o roteiro da dança, refiz todos os versos, modifiquei o caráter dos personagens. Mas dentro daquele espírito. Mandeí duas peças pro Concurso, eles não dão mesmo satisfação. Mas depois, seis meses depois, vi no jornal uma peça infantil chamada "A Nau Catarineta", patrocínio do SNT.

**\* O SNT (Serviço Nacional de Teatro) promove esporadicamente concurso para selecionar peças teatrais e subvenciona a montagem do texto vencedor.**

*FM - Puxa!*

A - É muita coincidência, vocês não acham?

*MSC - Claro...*

A - Infelizmente não pude ver a essa peça, não sei se foi baseada no meu texto mas pelo menos a idéia...

*MSC - ... de fazer uma adaptação...*

A - ... quer dizer, até então ninguém tivera a idéia, não é?

*FM - Alguma legislação prevê esse tipo de roubo?*

A - Você tem que registrar tudo, mas quem é que vai registrar cada texto que escreve na Biblioteca Nacional, no Rio?

*FM - E é possível mover alguma ação judicial?*

A - Não. O plágio não está na idéia. O considerado plágio está no texto igual. Então não se tem defesa. E, depois, o escritor sabe muito bem como ele aproveita a idéia do outro, modifica uma porção de coisas, mas quem escreve conhece, se reconhece.

*MSC - E a televisão?*

A - Uma coisa horrível. Na Inglaterra um menino se enforcou, nisso é que precisava haver muita intervenção da censura, o menino estava só com a irmazinha e viu num filme o homem se enforcar. Então ele resolveu brincar de enforcar, enforcou-se e morreu. Teve outros que, isso já é antigo, todo mundo sabe, se atiravam pela janela e saíam voando como super-homem.

**Jocinei, 7 anos, 1ª série: "Chego em casa, tiro a roupa e ligo a televisão. Fico assistindo até as seis horas. Depois eu tomo banho, ponho a roupa, e ligo a televisão."**

*MSC - Você acha possível uma estória infantil sem carga ideológica? A gente quando escreve coloca um conteúdo ideológico nosso, de como vemos a vida?*

A - Olha, é preciso cuidado. Há gente de muito boa vontade com conteúdos atrasadíssimos.

*MSC - Principalmente porque a gente está com o conteúdo ideológico da nossa época e a criança vai viver em outra.*

A - Exatamente. Eu escrevi um livro sobre a história do descobrimento do rio Amazonas pelos espanhóis que saíram de Quito em 1542 à procura dos bosques de canela e do Eldorado. Gonçalo Pizarro saiu na frente e Orellana foi atrás procurando comida para a expedição. Fiz em forma de romance, coloquei um garotinho mestiço, a mãe era índia peruana, o pai espanhol. Os episódios históricos são realmente exatos. É muito importante dar noção de continuidade da história da humanidade para a criança. Ela estuda isso no colégio mas não entende bem. Vai entender através de uma estória com sentimento - viva. E há sentimentos fundamentais na vida humana: o desejo de felicidade (sempre existiu), de justiça. A criança tem esses profundos sentimentos, independentes de qualquer conteúdo ideológico do momento.

**Margarete, 13 anos, 6ª série: "Então li aquele Cem Noites Tapuias, do autor... não lembro. O menino foi raptado pelos índios e ficou preso numa cabana. Depois foram uns caras procurar ele e mandaram pelo rio uma canoa para libertar. Acho que era o Rio Negro, não sei. Sei que fica lá perto da Serra Negra, parece, um negócio assim, na região norte, sei lá eu. Os índios então não judiaram. Eles só raptavam. Pegavam as crianças mais por pegar. Índio? Acho legal. Não, não gosto. Tem uns índios que ainda vai, mas tem outros que antigamente pegavam as pessoas pra comer. Tiravam as cabeças. Os índios têm a vida deles, nós a nossa, é diferente. Eles não são civilizados, por isso agem assim. Que eu faço quando chego em casa? Bom, lavo a mão e vou comer. Depois assisto a novela. Tchan, a grande sacada".**

Há um trecho na história de Pizarro onde atravessando os Andes a expedição encontra uma tribo de índios muito "atrasados", se é que se pode chamar assim o indígena, eu creio que não. Pois



bem, Pizarro estava desesperado para descobrir os caminhos do Eldorado. Os índios não puderam informar, mesmo porque não existia Eldorado nenhum. Então Pizarro tocou a cachorrada (200 cães de caça) para aperrear os índios. Os que não foram estraçalhados, Pizarro mandou queimar. Pensando nesse espetáculo hoje... eu não pude deixar de pôr, não gosto de colocar crueldade nas minhas histórias, mas isto foi um fato que aconteceu mesmo. O garotinho que vinha acompanhando a expedição quando viu a carnificância começou a gritar, pedir que parassem. Um outro personagem, judeu fugido da Inquisição, que era poeta, agarra o menino e tira-o dali. O menino depois diz sobre Pizarro: Pra mim, podem dizer que ele é herói, que ele é um grande cavaleiro (Pizarro vivia montado a cavalo), pra mim ele não passa de um homem malvado.

VIVINA DE ASSIS VIANA não tem certeza se faz literatura infantil. Muito tranqüila e segura, não tem certeza de nada. "Não sei o que vou pensar daqui a um ano", afirma a escritora. E acrescenta: "uma boa história infantil é aquela que agrada também ao adulto". Esta parece ser a postura de Vivina dentro da literatura infantil: a não delimitação do assunto, à criança deve ser dada a mesma abertura que se exige do adulto. Vivina tem histórias publicadas nos *Contos Jovens* ("Um Dia de Internato"), na *Escrita* ("O Relógio") e os livros "O Dia de Ver Meu Pai", pela Editora Comunicação, de Belo Horizonte, e "O Rei dos Cacos", pela Vertente.

Reis, princesas, fadas não andam pela cabeça de Vivina. O personagem do conto *O Dia de Ver Meu Pai* "é uma criança de cidade grande, mora em apartamento, menino de 10/11 anos, filho de pais desquitados. A história é isso. Ele fazendo perguntas sempre para a mãe sobre as coisas. Aos domingos, quando vê o pai, as perguntas que faz são sobre os problemas que tem na escola por ter pais separados. O menino faz perguntas o tempo todo e o livro termina com uma pergunta. Mesmo porque não está definido pra mim. Tem gente que não editaria esse livro porque acha triste, sabe?"

O livro saiu na mesma coleção de *O Menino e o Pinto do Menino*, de Wander Pirolí, considerado impróprio para crianças, e que recebeu muitas críticas inclusive dos participantes do CELJU (v. adiante). No *Rei dos Cacos*, livro publicado pela Vertente ("porque há três anos o INL prometeu co-editar mas ficou por isso mesmo), a personagem também é uma criança, mas a autora não sabe se pode considerá-lo um livro exclusivamente infantil devido à linguagem, à estrutura narrativa. Crianças que já leram o livro entenderam e gostaram. A imaginação, a chamada ingenuidade infantil, também passa por um processo evolutivo: "se você conversa hoje com as crianças as coisas todas e elas entendem, por que lendo não entenderiam?"

E a diferença da história para 3/4 anos e as de crianças maiores? "Pra 3, 4 anos você tem que escrever uma história de raciocínio mais lento, não deixa muita coisa para a criança supor. Eu queria escrever uma história que falasse um pouco contra o consumo, essa necessidade que a criança tem de comprar tudo. Um menino todo fim-de-semana passeava com o pai e mãe no parque, depois eles iam ao supermercado. Eles estão no parque e o menino pede pipoca, aí acaba a pipoca, ele tem que pedir outra coisa, acaba aquilo pede outra, porque tem que estar comendo alguma coisa, porque tem que comprar. Uma hora ele estoura o pacotinho de pipoca e joga para cima. A mãe, vendo-o fazer isso, coisa que ela fazia quando era pequena, lembra de suas brincadeiras e conta para o menino: sabe do que eu brincava quando era criança? com rodelinha de quiabo. Uns negocinhos assim que o menino não conhece. Na semana seguinte ela sugere que, em vez de saírem, façam coisas em casa. A mãe pega uma caixa de papelão cheia de brinquedos velhos, para reformar. Pintam, mudam as cores dos brinquedos, fazem um trenzinho. O garoto vê que as coisas podem ser mudadas, transformadas. Mas me foi mostrado lá na Ática que esse pulo - do saquinho de pipoca que está subindo, pra infância da mãe - a criança de três anos não entende. E me sugeriram que transforme essa história em duas: uma que é o passeio no parque e tal, sabe? e a outra uma família brincando em casa num fim-de-semana. Mas aí a história perde". Vivina tem razão. As editoras fazem sugestões inacreditáveis.

A criança e a mulher, até o início do século esquecidas pelos comerciantes, são hoje consumidoras vorazes. O livro tem que disputar a criança com outros produtos? "Se ela vê os pais lerem, a criança pede um livro. Em casa onde o pessoal não lê raramente a criança lê. Gostaria até que não fosse assim. Eu sei porque o colégio onde leciono tem que comprar os livros pros alunos. São 30 alunos e sempre pedem 30 livros. Todo mundo quer os livros porque não têm em casa. Livro, pra começar, eles acham sempre caro (livro custa 40, 50 cruzeiros), qualquer boneca custa 500 cruzeiros. As crianças têm as bonecas da época e não têm os livros da época. Os livros são sempre os tradicionais, os compradinhos em banca..."

É criança escrevendo história?

A criança, escrevendo pra criança, funcionaria?

"Acho que sim".

Então a criança faz literatura?

E... Não sei. Teriam que reformular os conceitos de estilo, do texto, bem feito".

Os escritores que fazem literatura infantil em sua maioria são mulheres

"Convencionou-se, é uma censura. Certas coisas o homem não faz. Sabe, de repente todo mundo pensa que escreve. Está aí o Concurso do Unibanco pra provar, o Concurso Erótico da Status, muita gente analfabeta escrevendo. O cara não sabe o que é erótico, não sabe o que é conto, não sabe nada, mas ouviu falar que vai dar dinheiro e escreve. Quem te proíbe de mandar uma história para um concurso? Ninguém projeta uma ponte impunemente mas conto qualquer pessoa pensa que faz. E conto pra criança, então? É mãe, avó, tia, todo mundo contando história."

Poucos são os escritores que escrevem e editam um livro por ano LUCÍLIA JUNQUEIRA DE ALMEIDA PRADO, em oito anos de trabalho, tem 10 livros publicados. *Antes que o Sol Apareça*, da Brasiliense, e *Ipê floresce em Agosto*, da Globo, numa coleção para didática, são os mais recentes. São Publicados a preços módicos: sendo livros paradigmáticos é a melhor saída". O mais importante, diz a autora, é que eles sejam lidos em escolas do governo.

Lucília mora há 34 anos em sua fazenda de cana de açúcar, e não costuma vir muito a São Paulo. Quando cheguei (Maria Stela Carrari) em casa de sua mãe, onde costuma ficar hospedada quando vem a SP, sua preocupação era essa: "não me pergunte sobre literatura, eu só escrevo. Só posso falar do meu trabalho", e durante a nossa conversa ela demonstrou sua grande percepção para agrandar o gosto infantil e sua forma prática de fazê-lo. "Meus filhos só liam histórias em quadrinhos e um belo dia resolvi contar-lhes uma história que eu tinha escrito e engavetado há alguns anos. O resultado foi maravilhoso. Não só consegui que os cinco ficassem atentos o tempo todo, mas também quando terminei, a decisão tinha sido unânime: "Publica, mãe!". E assim, em 68 publica seu primeiro livro, *Rei do Mundo*. História de um menino que mora numa fazenda cujo sonho é ser "médico de bicho". Ganha um cavalo, e chega a um impasse: vender o cavalo para poder estudar. "Esse livro tem poucas descrições, diálogos claros, como se fosse televisado".

Seu segundo livro, *Uma Rua como Aquela*, ganhou o Prêmio Jaboti de literatura juvenil, e está na 8ª edição. "Ele é escrito bem nos moldes juvenis, isto é, sem nenhuma descrição, só diálogo, suspense, movimentação, e um final inesperado". O terceiro, *A Terra é Azul*, ela também considera um livro juvenil. *O Balão Amarelo*, seu quarto livro, pode ser lido por crianças menores. Tem três livros que considera adultos: *No Verão, a Primavera, Rio das Contas e Depois do Aguaceiro*. Esse último é um livro de contos, sendo que o primeiro tem apenas 19 linhas e o último 28 páginas, "o que permite aos professores mostrar aos alunos que um conto pode ser minúsculo e ser extenso". Quando pergunto da sua preocupação em transmitir algum conteúdo ideológico em suas histórias ela me diz: "Se a história deve ter mensagem? Sim, mas o escritor precisa ser sutil e não deixar a criança perceber. No *Rei do Mundo*, por exemplo, a mensagem é o estudo. Em *Uma Rua como Aquela* é a solidariedade humana, um pouco baseada nesta rua em que mora minha mãe. Quis mostrar o sentido comunitário, um ajudando o outro. Toda história precisa ter seu bicho-papão, para que haja contraste. Sou muito requisitada para ir às escolas falar sobre meus livros. Sempre que pergunto aos alunos do que eles gostam, dizem: livros com letra grande, diálogo, sem descrições... ah! e muita ilustração, isto no livro infantil. Letra grande e ilustração costumam encarecer demais o preço do livro. No livro juvenil o mais importante é a identificação do leitor com o personagem. Dizem que nos meus livros *Rei do Mundo* e *Depois de Aguaceiro*, deixo transparecer alguma influência de Guimarães Rosa e não desminto, pois foi um escritor que teve influência muito grande na minha formação literária na década de 60. Passei 10 anos desse tempo lendo GR com imenso carinho. Se existiu essa influência, hoje me sinto completamente eu-mesma, isto é, penso que escrevo à minha maneira, o que não deixa de ter sido bom, porque escrever para criança exige simplicidade e Guimarães Rosa é um autor que sempre trabalhou muito seus livros". Quanto ao romance histórico, Lucília diz que nunca tentou fazer. Acha bom, desde que a criança não perceba que está sendo informada, pois senão ela não gosta. "As fadas e princesas estão completamente fora de moda", declara Lucília. "As crianças não gostam mais disso, elas gostam de histórias em que os animais sejam heróis". Este é o motivo pelo qual no *Rei do Mundo* o herói é um cavalo - Trapézio - e em *A Terra é Azul*, um cachorro. "Mas o que mais influenciou minha obra é o fato de ter morado a vida toda numa fazenda. Morei toda minha infância numa fazenda de café, onde assisti à crise mundial. Lembro de ver o café sendo queimado, lembro da grande imigração japonesa, inclusive gente de certo estudo, que chegava sem saber uma palavra de português. Aprendi a conviver com esse povo, e mais tarde me casei com um fazendeiro. Conheço profundamente o problema dos peões, e é por isso que no *Rio das Contas* pude contar a história de Belamis e de um peão, Zé Pedro. Acabei de participar de uma

feira de livros em Curitiba que foi um sucesso. As bancas de livros foram armadas em praça pública, e os livros vendidos por crianças. A feira foi visitada da manhã à tarde, com uma média de oito colégios por dia, o que permitiu ao escritor entrar em contato direto com seus leitores - professores e alunos - e fazer a divulgação de forma inteligente. Tive a surpresa de ver meus livros esgotados. Sei que outras cidades têm feiras, acho importante o fato de serem servidas por crianças, é uma boa forma de promoção. Chegou a hora e a vez de nossa literatura infanto-juvenil ser olhada com carinho. Quem sabe se uma das formas de promovê-la fosse cada colégio ter sua biblioteca. 20 ou 30 exemplares já seriam suficientes. Assim, os alunos pobres, num sistema de rodízio, poderiam ler e conhecer os autores nacionais. O governo poderia custear parte da edição, e essa metade seria distribuída nas bibliotecas. Lucrariam: o escritor brasileiro e o pequeno leitor".

O Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU) foi criado pela necessidade de os escritores se reunirem e trocarem idéias sobre literatura, afirma sua presidente Odete de Barros Mott. O órgão tem participado das Bienais do Livro, promove discussões, organiza feiras e debates. As integrantes do CELIJU são senhoras (algumas de tradicionais famílias) que gostam de escrever livros com mensagem. "o livro que diz alguma coisa", declara Odete Mott. É consenso dos escritores que fazem parte dessa entidade que o bom livro infantil é aquele que a criança e os adultos gostam. "Escrever para criança não é infantilizar a linguagem", pensa Lúcia Pimental de Sampaio Góes, que tem vários livros editados e adotados pelas escolas da capital.

Em relação ao livro didático as escritoras do CELIJU têm uma crítica a fazer a algumas editoras. Visando facilitar o trabalho do professor, a Editora Ática por exemplo, com seus "roteiros de estudo", muitas vezes coloca professores e alunos numa situação cômoda o suficiente para não ler os livros.

As reuniões do CELIJU, nas quais são debatidos os mais diversos assuntos de interesse do escritor, são realizadas nas últimas segundas-feiras de cada mês, na Câmara Brasileira do Livro. São encontros abertos a todos que queiram participar. Os próprios autores do CELIJU fazendo uma análise de sua produção cultural tem encontrado tantas motivações alienígenas que seu esforço atualmente consiste numa autocritica. Para que seu trabalho estimule no leitor o gosto pelos motivos nacionais.

Entre as idéias do CELIJU estão exposições de livros nas Ruas de Lazer, concursos de literatura infantil e participação em congressos. Uma das metas prioritárias do órgão é criar a cadeira de literatura infantil nas Universidades, que até hoje não existe no Brasil.

## PESQUISA

A pesquisa foi realizada em colégios do bairro de Santana, em São Paulo, por ser uma das regiões onde, teoricamente, as pessoas têm poder aquisitivo de razoável a bom. Assim, não estariam economicamente impossibilitadas de ler. As razões da não-leitura são de outra ordem. Hábito, interesse, educação (procedimento cultural), o vício de acompanhar novelas.

Número de entrevistados: - 150

Escolaridade:	Faixa Etária:
1ª a 4ª série do 1º grau - 20%	7 anos - 5%
	8 a 9 anos - 5%
5ª a 8ª série do 1º grau - 45%	10 a 11 anos - 20%
	12 a 13 anos - 20%
	14 a 15 anos - 25%
1º ao 3º colegial - 35%	16 a 17 anos - 25%

### Fontes:

E.E. Frontino Guimarães, Colégio Padre Vieira, Biblioteca Infantil Narbal Fontes, Livrarias Siciliano D. José, Teixeira, Mestre Jou, Ed. Atica, Ed. Brasiliense, Distribuidora Ibrax.

Nilton, 16 anos, 5ª série.

"Já li uma pá de livros. Gosto de uma estória meia... mais ou menos... não muito assim... daquelas... qualquer livro pra mim é livro, entendeu? Agora eu prefiro mais mesmo é aquele do... como é o nome do autor? Não tou bem lembrado. Mas todo dia eu leio livro, entendeu? Gosto do... esqueço. Ilustração todos (livros) precisa ter, né? Porque ilustração já vem do... aquilo que interessa pra gente. Primeiro a gente vê se dá pra entendê, né? Agora se não dá a gente... tem algum que não vem ilustração e não dá, porque é pela ilustração que a gente vê se dá pra entendê ou não. Se dá a gente continua, senão pára naquele e vai pra outro.

Quando saio da aula vou pra casa, fico aí na frente conversando com os 'col-gas' de vez em quando. Na minha casa quando chego tomo banho, janto, fico assistindo televisão depois se me der na cachola de sair eu saio, se não dá fico assistindo televisão."

Benedito, 14 anos, 6ª série.

P - Que v. já leu?

R - *O Profeta*.

P - Quem é o autor?

R - Não lembro o nome. *Deus Negro*, do Neimar. Gosto de ler livro com mensagem.

P - Que é livro com mensagem?

R - Ah, que traz alguma coisa assim... de legal, né?

P - Qual é a mensagem de *O Profeta*?

R - Ah, pra resumir é... não dá pra explicar assim, né?

P - Então fale de outros livros que você tenha lido?

R - Ai tem livro também impróprio, né?

P - Pode falar.

R - Tem o *O Chefão*, 21 anos. Apesar de eu ter 14. *Confissões de uma Amante*.

P - De quem é esse livro?

R - Nem sei.

P - Como é a estória?

R - Não vai dar pra contar. Fica chato. As meninas aí vão falar que eu...

P - Qual é a mensagem desse livro?

R - Não tem mensagem.

P - Esse aí você gostou de ler mas não tem mensagem?

R - A única mensagem que tem é levar do bom caminho para o mau.

P - Bom ca...

R - Ah, uma pessoa que tá tudo legal com ela e põem minhoca na cabeça e tudo bem.

P - Então tem uma mensagem?

R - É realmente. Tem. Mas só bobeira, né? *O Chefão* é um livro de realidade. Tá ali escrito, tudo bem.

P - Aconteceu tudo aquilo mesmo?

R - É uma coisa que acontece, não é que aconteceu.

P - Como é a estória de *O Chefão*, você lembra?

R - A maioria das coisas: assalto.

P - São bandidos?

R - É. Uns nomes meio esquisitos.

P - Onde vivem?

R - Na Máfia.

P - Máfia Brasileira?

R - Americana.

P - Como é que você entra em contato com esses livros?

R - A gente compra uns, outros, o cara vê que tá entrando dinheiro e tira mais um, né?

P - Você escolhe pela capa?

R - Geralmente pelo nome do livro.

P - E televisão, você assiste?

R - Assisto. Todo dia.

Lúcia, 15 anos, 6ª série.

P - Que livros o professor mandou ler?

R - Desde o começo do ano li *Coração de Onça*. E agora tem prova sobre o *Meu Pé de Laranja-Lima*.

P - V. gostou do *Meu Pé*?

R - Adorei. Estória muito romântica. Tinha que ir pro dentista, sabe e não queria ir antes de terminar de ler. Então cheguei no fim, é tão chocante a estória que não agüentei e chorei. Depois quase perdi a hora. De olhos vermelhos eu ia no dentista? Eu esperei passar.

P - Você assiste televisão?

R - Assisto. Gosto de filme e novela.

P - De quais novelas você gostou mais?

R - "Locomotivas" e "Duas Vidas".

Regina, 17 anos, 3º colegial.

P - Você gosta de ler?

R - Revista, só revista. De preferência *Carpicho e Nova Status*.

P - Você acompanhou o Concurso de Contos Eróticos da *Status*?

R - Não. Ontem mesmo estava vendo na *Status* a Sandra Bréa, a mulher do ano.

P - O que você gosta da *Capricho* ?

R - Fotonovela, principalmente.

P - Por que você gosta de fotonovela, os artistas são bonitos?

R - Acho interessante.

P - Um livro pode ter uma estória romântica também, por que você prefere fotonovela?

R - Deve ser porque eu vejo os quadros, é mais fácil.

P - E se o livro fosse ilustrado, seria a mesma coisa, você ia ler?

R - Não. Eu não tenho paciência para ler um livro, sabe?

P - Sei.

R - Eu sempre começo e paro no meio, não consigo chegar até o fim.

P - E se o livro tivesse mais diálogo, fosse menos descritivo... o que faz você parar de ler?

R - Me canso.

P - Você já leu um livro?

R - Inteirinho não. Comecei a ler *O Exorcista*, de um colega meu e parei. Estava lendo um livro, não me lembro do nome do autor. Porque minha mãe ganhou esse livro, ela abriu caderneta de poupança e ganhou, sabe? Também comecei e parei.

P - Como era o nome do livro?

R - Nem lembro. Acho que era de um Coronel...

P - *O Coronel e O Lobisomem*?



## A BUSCA DA IDENTIDADE

O que me impressiona, nos contos do *Testamento de Jônatas Deixado a David*, do ainda jovem João Silvério Trevisan, é a procura da identidade.

"Pois que estamos na época do desconcerto", disse Oswald de Andrade e Trevisan o repete. Octávio Paz está no pórtico do livro e nos vem falar de "zonas crepusculares". E Gide, através dos "Frutos da Terra", nos avisa: "Não acredites que a tua verdade possa ser encontrada por outro".

"Caminhante à procura do continente", peregrino de si mesmo, Trevisan usa política e sexualidade, nas páginas densas de sua ficção. O corpo está aqui, vivo, diante do mundo. O corpo quer comunicar-se. O seu corpo se comunica. Há uma corporeidade crispada, nos contos de Trevisan, que vem de uma perspectiva bíblica para chegar à liberdade total da aceitação de si mesmo.

Andarilho do absoluto (e do relativo), sabe e nos diz que a carnalidade é a nossa pátria. Os desertos nus de Charles de Foucauld, que tanto o seduziram outrora, são apenas e essencialmente a busca da identidade. Esse desnudamento é o que logo salta do seu texto, como um desafio de fogo, um apelo de totalidade. Ou de vida.

O *Testamento de Jônatas* é este. A procura da verdade. A aceitação do ser. O amor à vida. Trevisan veio do mundo bíblico e do deserto dos irmãos de Foucauld, para simplesmente se encontrar consigo mesmo e com os outros, na comunhão da beleza, através da verdade. Ele quer ser. Eu sou aquele que sou. Como Deus se definiu a si mesmo, no Antigo Testamento: Ego sum qui sum. Aquele que é. Aquele que se pensa a si mesmo, pensamento do próprio pensamento. Mas o Novo Testamento nos viria dizer que Deus é o Amor.

A busca da identidade em Trevisan é a busca do amor, isto é, da plenitude. Aquilo que dá sentido e liberdade. (Brasiliense, 150 pgs.)

Antônio Carlos Villaza

## O DESAFIO DE LUKÁCS

Polemizando com muitas das observações do filósofo e esteta húngaro Georg Lukács, o ensaio do crítico brasileiro Carlos Nelson Coutinho a respeito da obra de Franz Kafka é um dos pontos altos do segundo volume da coleção *Temas de Ciências Humanas*, lançado em novembro. Na verdade, apesar da polémica com Lukács (autor conhecido no Brasil principalmente por seus estudos sobre literatura) ocupar lugar de destaque e de *Temas* não ser uma revista literária, "Kafka: Pressupostos Históricos e Reposição Estética" chama a atenção, e se justifica, pela rigorosa análise a que é submetida a produção kafiiana.

Opondo-se com veemência às interpretações (existencialistas, psicanalísticas, religiosas) que concebem a obra de Kafka como a expressão direta de uma subjetividade individual ou pseudo-universal, Carlos Nelson Coutinho realiza um fascinante percurso pelo mundo literário kafiiano, acrescentando mais um (importante) título à bibliografia sobre o autor tcheco. Para Coutinho, é necessário "analisar Kafka à luz de uma poética do realismo, de uma teoria da arte como representação da essência de uma realidade objetiva historicamente determinada. Trata-se de definir, por um lado, o conteúdo histórico-humano-social que serve de "pressuposto" à objetivação estética kafiiana; e, por outro, o modo pelo qual esse pressuposto é "reposto" artisticamente na estrutura de seus relatos".



# Livros

A polémica com Lukács está presente em toda a exposição de Coutinho. O objetivo prioritário de seu ensaio "consiste em analisar o autor de *A Metamorfose*" à luz das teorias estético-filosóficas de Lukács, mas em contradição com muitas de suas observações concretas sobre Kafka e em parcial discordância com sua análise das alternativas da literatura no mundo contemporâneo". Neste sentido, e tentando dar maior sistematicidade a algumas indicações fornecidas pelo último Lukács, é que Coutinho empreend, sua análise de Kafka. Bom exemplo disto tudo é a posição de Coutinho no que se refere ao lugar de Kafka na literatura contemporânea: para ele, o escritor tcheco é um "precursor novelístico da nova forma de romance". Ao contrário de Lukács - que algumas vezes considerou a obra kafiiana como apenas uma "imagem da sociedade capitalista com cor local austríaca" e exatamente por isso, como uma espécie de "fuga na alegoria" - Carlos Nelson Coutinho procura demonstrar que aquela "imagem" contém na verdade "uma reposição estética das seqüências humanas mais profundas das novas modalidades de alienação geradas pelo capitalismo monopolista."

Ao buscar realizar sua análise com a ajuda de indicações (consideradas como "autocríticas") do próprio Lukács - e o ensaio mostra o quanto foi bem sucedido nisso - Carlos Nelson Coutinho está, conforme suas palavras, aceitando o desafio "de tentar compreender à luz de Lukács um autor que Lukács não compreendeu". É fácil perceber que aí se encontra um forte elemento de atração.

Com o interessantíssimo e importante ensaio de Carlos Nelson Coutinho sobre Kafka. *Temas* - uma coleção de textos de ciências humanas - surge como mais um veículo para a teorização dialética da literatura, o que é fundamental nesse momento em que parece ter baixado a febre do sarampo estruturalista e em que se faz necessárias a retomada das melhores tradições teóricas. A julgar pelos dois volumes já lançados da coleção, tudo indica que a reflexão estética, e em especial a literária, continuará merecendo a atenção dos organizadores. E quanto mais rápido *Temas* chegar à tematização da literatura brasileira, maiores deverão ser os aplausos e adesões dos estudiosos e apreciadores da "grande arte". (Grijalbo, 178 pgs.)

Rodrigo Maulin

## A PROPÓSITO DE UM CALENDÁRIO

Se no início do conto aparecer uma espingarda pendurada no prego, antes do fim alguém deverá dispará-la.

Lembramo-nos da lição de Tchekhov a propósito de *Calendário de Adulterio*. Lançado pela Símbolo, o livro é a estréia literária de Guido Fidelis - escritor de algumas qualidades que seguramente poderá melhorar sua produção se atentar para certas lições dos clássicos do gênero.

Loucura e traição, os dois temas em que se divide a obra, apesar da alternância em que são apresentados, servem também, para nosso gosto, como divisor qualitativo do livro.

São de melhor feitura os contos da loucura. Maior preocupação com a linguagem - que nestes se desenvolve de maneira descontrada, com bom ritmo - melhor dimensionamento de acordo com o gênero escolhido. "Olho o Olho", "Alucinação", "Bola de Fogo" e "Ato Derradeiro", a despeito de alguns descuidos gramaticais, na verdade irrelevantes, são os momentos felizes do autor, e que justificam sua estréia.

Entre os contos da traição, tomamos como exemplo o "Arquiteto de Almas", posto que os demais desse tema conservam características idênticas.

As primeiras quatro páginas do conto desenham o conflito entre um colunista social e o redator do jornal em que trabalha. Descrições muitas vezes excessivas, explicações desnecessárias. O redator demonstra interesse em promover certa personalidade e o colunista não sabe como fazê-lo. O nó desata-se nas duas últimas páginas, de forma pitoresca, invertendo-se o fulcro dramático, que passa para a personalidade a promover. Aquele que fora o centro de toda a descrição é relegado para um plano bem secundário no momento de apresentar tudo o que no conto é episódico. Ora, isso nos causa um certo sabor de engodo, pois ficamos a imaginar as razões do autor, que nos fizera ler quatro páginas perfeitamente substituíveis, quem sabe dispensáveis.

O processo criativo, o modo de conceber a obra, cada autor tem o seu. Nos contos da traição, neste livro, percebe-se a concepção anedótica. Em todos, ou quase todos, a releitura desvenda o final como elaboração primeira, restando a tudo o que a ele antecede o papel de justificá-lo. E este processo, que não é nenhum pecado mortal, torna-se sumamente perigoso, pois pode prejudicar a unidade dramática, ou diminuir a tensão e a solidez do conto. Algo pode ficar solto, sobrando. Se, terminado o conto, a espingarda permanecer no prego, os leitores perguntarão o que fazia ela, que não passou além da mera virtualidade. (Símbolo, 95 pgs.)

Salvador dos Passos

## TAMBÉM BRASÍLIA

No rastro de uma mobilização poética crescente, que atinge todo o país, surge um livro que, em seu prefácio, recusa o rótulo de "antologia de poetas jovens". Desta vez, vêm de Brasília os versos de 13 autores cujo objetivo básico é a divulgação dessa nova poesia, agora emergente também do Planalto.

Alguns dos autores são conhecidos através de outras publicações, (inclusive antologias como o já clássico "26 Poetas Hoje"), outros totalmente inéditos. *Águas Emendadas*, por sua vez, não propõe uma unidade de trabalhos, e sim uma amostragem, que é realizada de forma bastante significativa.

Da heterogeneidade natural e implícita a esse tipo de "reunião" de tendências, podemos destacar os textos de Ana Lagoa,

Carlos Marchi, Fernando Bueno Guimarães, Luiz Martins e Luiz Roberto Nascimento e Silva, que nos oferecem os momentos de melhor poesia de todo o volume.

Chama a atenção ainda a presença de Francisco Alvim, poeta de inegáveis qualidades, que comparece a esta coletânea com uma amostra, a nosso ver, inexpressiva de sua produção, em tamanho e temática. Nesse último aspecto, ocorre um fato semelhante com Fausto Alvim Jr., talvez ainda mais prejudicado enquanto menos conhecido.

Os demais autores (Carlos Saldanha, Carlos Setti, Chico Dias, Flávio Roseiro, Ijalmar Nogueira e João Ricardo Navajas) apresentam estilos e visões mais ou menos específicos, sem alcançar, porém, no conjunto de poemas selecionados, resultados merecedores de destaque.

Quanto ao nome do livro, é o mesmo de um Parque Nacional próximo a Brasília, de onde partem vários rios e riachos que vão contribuir na formação das grandes bacias do Amazonas, do Prata e do São Francisco. A analogia é inevitável: 13 poetas que se "emendam" momentaneamente numa obra e, a partir desse ponto comum prosseguem, cada qual no seu curso, com força e intensidade próprias.

Em síntese, o saldo é altamente positivo e digno de aplausos, como de resto, todas as iniciativas que, de algum modo, abram espaço a novos autores. Um caso bem típico em que, por constituir mais uma proposta de literatura viva e renovadora, a "emenda" é muito melhor que o soneto... (Thesaurus, 170 pgs.) Sérgio Amaral Silva

#### MONÓLOGO NO SERTÃO

Antes de ler "Chuva Branca", de Jacob Maciel, um dos maiores romances da tragédia do "homo amazonensis" e quiçá um dos momentos mais significativos da literatura americana, disse-nos Adriano Aragão, este outro bom mas diferente daquele escritor amazonense, que pesava sobre Jacob a pecha de copiador de Guimarães Rosa. É comum receberem os escritores de província acusações deste teor, mesmo quando conseguem apenas se parecer com os monstros sagrados da literatura, de tal forma que, se outra fosse a situação, diriam "Vejam como Guimarães Rosa copiou Jacob Maciel!"

Agora li "O Rio da Noite Verde", um romance diferente dos que se escrevem no Nordeste. E, como gosto de fazer paralelismos, volto ao livro do escritor do Norte: "Chuva Branca" é o monólogo interior de um homem perdido na selva amazônica, misturando, na sua doideira de homem-virando-bicho, passado, presente e futuro: "O Rio da Noite Verde" é o monólogo interior de um jovem também perdido, mas agora em si mesmo, porque vagando dentro das recordações, dos medos, perseguido pelos fantasmas que o ameaçam de castração fantasmas incestuosos, malignos, perdido não no meio da selva mas num ponto, num porto-seguro do deserto do sertão - a casa de seus tios - ele que sempre, fora homem-bicho, descobrindo, através das confissões do padre (o cristianismo é tão avesso ao nordestino, quanto ao índio, porque o nordestino é, antes de tudo, o sucessor do antigo dono deste deserto que antes foi floresta) que "quem tiver coito com animal será morto", como diz o Êxodo.

Dirão, talvez, que "O Rio da Noite Verde" é uma cópia de tal ou qual romance. Que digam e façam escavações mentais ou lupinas para "incriminar" os pobres cordeiros das províncias. Tudo em vão, porque, felizmente, um dia homens de brio descobrirão todos os Oliveiras Paivas que morreram longe das academias e das colunas sociais da literatura.

A única edição do livro já está esgotada e, antes não estivesse, porque é um crime, que deveria ser punido com uma 2ª edição por conta do editor, publicar um livro onde se cometem tantos erros gráficos. Está a merecer uma segunda edição (que deveremos chamar de primeira), porque romances como este de Eulício Farias não podem ficar desconhecidos do público e até devem ser adotados nas escolas. Do contrário, as autoridades educacionais estarão cometendo outro grande crime - o de impedirem que a literatura brasileira da melhor qualidade seja conhecida de nossos jovens.

Mas eu já soube que a Fundação José Augusto, de Natal, vai tirar uma 2ª (diremos 1ª) edição de "O Rio da Noite Verde". É um dever.

Antes, que isto aconteça, anotem: não tardará o dia em que Eulício Farias será um escritor lido e relido em todo o Brasil e até publicado no exterior, como Jorge Amado (quem duvida?) e, principalmente, adotado nas escolas.

Nilto Maciel

#### Prosa

##### O BOBO E OS REIS

Marek Halter

O autor é judeu polonês. Além de pintor e militante político, tem procurado solução para o conflito árabe-judeu em mesas de negociações extra-oficiais. O livro resume sua vida de judeu refugiado, num período marcante da história de seu povo. Tradução de Gina Nogueira. (Símbolo, 273 pgs.)

##### MISTÉRIOS DO GRANDE RIO

Antonietta Dias de Moraes

Novo exemplar da coleção "Jovens do Mundo Todo", o livro conta as aventuras de um garoto que participa da expedição de Francisco Orellana na descoberta do Rio Amazonas. (Brasiliense, 109 pgs.)

##### NÓS E O MUNDO

Maura de Senna Pereira

A autora catarinense reúne neste livro crônicas, resenhas e artigos publicados na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. Feito em homenagem ao centenário de seu jornal (São José, 149 pgs.)

##### CARTA ABERTA AOS ELEFANTES

Orlando Miranda

Miranda vê humor em tudo: são estórias, "documentos", frases, que compõem um volume bem variado. Ilustrações de Geandré. (Global, 141 pgs.)

##### A VACA MISTERIOSA

Edy Lima

Uma nova aventura da vaca, com a mesma dose de fantasia e diversão das anteriores. (Melhoramentos, 128 pgs.)

##### OS AMORES DA PANTERA

José Louzeiro

Na mesma linha de seus outros romances-reportagens anteriores, Louzeiro investiga agora o caso Ângela Diniz. (Nosso Tempo, 165 pgs.)

##### UM GATO NA TERRA DO

TAMBORIM

Lourenço Diaféria

Terceira edição do primeiro volume de crônicas de Lourenço Diaféria, colunista da Folha de S. Paulo. (Símbolo, 188 pgs.)

##### XÓGUM A GLORIOSA SAGA

DO JAPÃO

XÓGUM - AS SEMENTES DO

DRAGÃO

James Clavell

Gentes, costumes, paisagens do Japão,

Em dois volumes, o novo livro do autor de "Tai-Pan" e "King Rat" focaliza o Japão e o mundo no ano 1600. É um retorno ao cenário oriental, que ele conhece bem. (Nórdica, 1254 pgs.)

#### RUA TABOÃO

Nege Além

Apesar de ser bancário até hoje, Além já é um veterano na literatura: estreou em 1957 e tem participado com regularidade em antologias. Neste seu livro de contos, ele inspira-se na infância e na rua em que morou quando criança, na cidade de Guaxupé, Minas Gerais. (Edição do autor, 80 pgs.)

#### O NAVIO ADORMECIDO NO BOSQUE

Lêdo Ivo

Segunda edição do livro do poeta e prosador alagoano, que reúne "A Cidade e os Dias" e "Ladrão de Flor", feito de retratos, histórias, crônicas, imagens, fragmentos autobiográficos e ensaios (Duas cidades/Mec, 254 pgs.)

#### ANTES DO HORIZONTE

Ibiapaba Martins

A intenção de Martins enquanto escritor é traçar um amplo painel que retrate a formação do Brasil contemporâneo. Para isso, esquematizou sua obra em dois grandes ciclos, composto cada um de quatro romances. Este "Antes do Horizonte", é a segunda obra do segundo ciclo, intitulado "Os Muros da Cidade". Retrata o período que vai de 1936 a 1945. (Hucitec, 225 pgs.)

#### UM MENINO SERGIPANO

Genolino Amado

Genolino, cronista, jornalista, ensaísta, teatrólogo, tem se dado bem em todas essas experiências. Esta é a primeira parte de suas memórias e abarca o período em que Genolino, ainda criança, viveu com os pais em Aracaju. (Civilização/INL, 224 pgs.)

#### A CRIAÇÃO DAS FRIATURAS

Tacus

O autor descreve 28 espécies de animais até hoje desconhecidos dos cientistas. O livro é o primeiro exemplar do Clube do Livro Vanguarda, que pretende colocar os leitores em contato permanente com a nova literatura brasileira. (Vanguarda, 75 pgs.)

#### OS CÃES LADRAM

Truman Capote

O mundo artístico é o principal alvo do polêmico escritor norte-americano, que retrata personalidades como Mae West, Louis Armstrong, André Gide, Marilyn Monroe, Colette e outros. Tradução de João Guilhaume Linke. (Civilização, 345 pgs.)

#### CORPO INSANO

Grupo Corpo Insano

Antologia do grupo com o mesmo nome, formado no Club de Cultura de Porto Alegre entre março e abril de 1977. O livro reúne prosa, poesia e teatro. (Meridional Emma Impressão, 105 pgs.)

#### Poesia

#### CANÇÃO DO EXÍLIO AQUI

Moacyr Félix

Já com sete livros de poemas publicados, MF fala aqui do exilado em sua própria terra e entre sua própria gente. É um único e longo poema, embora dividido em três partes, cujo título alude obviamente ao famoso poema de Gonçalves Dias, escrito em 1840. Com apresentação de Alceu Amoroso Lima. (Civilização, 113 pgs.)

## CANTO ROUCO

Telmo Padilha

Volume que não é um livro, pois segundo o próprio autor trata-se de reunião de poemas de diversas fases de sua produção. Premiado pelo MEC e em San Rocco, na Itália, Padilha tem seus oito livros editados no Brasil já traduzidos em vários países europeus. Do mesmo autor, e pela mesma editora, dois outros lançamentos: "O Rio", e "Pássaro/Noite". (Civilização, 117 pgs.).

## A MINHA APOLOGIA

Raymundo Cortizo Perez Filho

O autor, que mora em Jaboticabal, interior de São Paulo, organizou sua obra dividindo-a em quatro partes ou movimentos: "Apologia da Alma", "Apologia do Coração", "Apologia da Dor" e "Apologia do Egocêntrico". (edição do autor, 89 pgs.).

## VÔO DAS CINCO

Aquiles Branco

O autor procura desenvolver um trabalho em que se misturam poesia, fotos e soluções gráficas. (edição do autor, 55 pgs.).

## PAI! SEJA FEITA A VOSSA VONTADE

Fernando Bicalho

Bicalho é um autor que sofreu variadas influências: de J. G. de Araújo Jorge até Silvio Santos, passando por Drummond, Castro Alves e Victor Hugo, segundo confessa. Já em 2ª edição. (edição do autor, 59 pgs.).

## IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 AMORES

Franklin Jorge e Leila Mícolis

"Num enfoque lírico-agressivo, os autores contestam os valores sociais através de uma das formas mais expressivas de comunicação humana: a sexualidade", diz o editor. (Coleção Limiar, 39 pgs.).

## O VIGIA DO TEMPO

Sérgio Mattos

A segunda parte deste livro, ilustrado por Menandro Ramos, traz alguns dos poemas que integram as antologias poéticas "Cinco Poetas Contemporâneos" e "Retina". (Gráfica Universitária, 63 pgs.).

### Ensaio

## ANTOLOGIA POÉTICA DE RAINER MARIA RILKÉ

Antônio Roberto de Paula Leite

Estudo da obra de Rilke pelo autor de "Vida de Rui Barbosa", acompanhado de uma seleção de poemas. (Pannartz, 101 pgs.).

## MUDANÇAS

Antônio Hohlfeldt

O livro reúne dois ensaios de sociologia da arte, "Três Considerações Metafóricas na Poesia de Carlos Nejar" e "Mário de Andrade - Filho Final de Uma Civilização", e duas conferências - "Figuras e Abstração nas Artes Plásticas Gaúchas" e "O Cinema Revolucionário e o Cinema Novo". O autor é natural de Porto Alegre, sendo este seu primeiro livro publicado. (Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 124 pgs.).

## A CRIAÇÃO POÉTICA

Massaud Moisés

Era intenção do autor, professor da Universidade de São Paulo, fazer deste livro apenas um capítulo de "A Criação Literária", obra que o antecedeu. Massaud Moisés resolveu, porém, alongá-lo e incluir 218 notas de rodapé e uma bibliografia abrangente. (Melhoramentos, 156 pgs.).



# REGISTRO

## CONCURSO MENSAL

### Regulamento

1 - Nesta seção registramos mensalmente todo o material remetido à nossa redação, através dos pseudônimos dos seus autores.

2 - Os contos e poemas devem vir acompanhados de pseudônimo, nome completo, nº do CPF (pode ser também do responsável), nº da carteira de identidade com indicação do órgão que a emitiu e da localidade - endereço e no mínimo 10 linhas com dados pessoais ou um depoimento do candidato.

3 - Enviem apenas um conto e/ou três poemas por vez. Limite máximo para conto e poema: 300 linhas.

4 - Os trabalhos, em três vias, devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

5 - Os contos-notícias (isto é, contos tendo como pontos de partida notícias de jornais ou revistas) e as estorinhas (destinadas ao público infanto-juvenil), da mesma maneira, são regulados pelas normas acima.

6 - Os trabalhos dos autores incluídos neste registro já foram lidos e analisados. Os que estão em negrito tiveram trabalhos aprovados e poderão ser publicados em próximos números da revista, dependendo de espaço.

7 - Autores selecionados só terão nova oportunidade a partir de seis meses da publicação dos seus trabalhos.

8 - O não-cumprimento das normas acima implica automaticamente em eliminação.

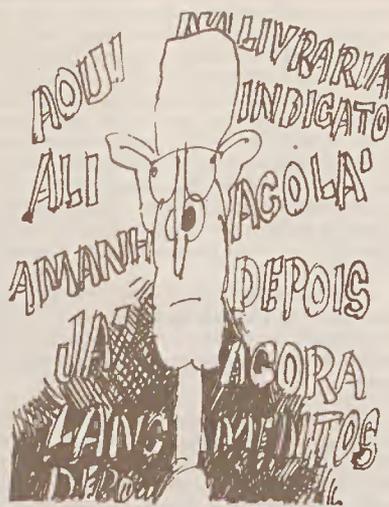
9 - Cada um dos autores publicados receberá uma assinatura anual da revista e três livros da Vertente à sua escolha (favor indicá-los quando enviar os trabalhos). Caso eles não sejam indicados, enviaremos os três últimos títulos da editora.

10 - Selecionamos mensalmente o melhor conto e o melhor poema, para publicação na revista.

### Candidatos

A. C. Pricoli, Aclise de Mattos, Aldo Schmitz, Ali Nasquina, Ana Terra, Antônio Adeldo Ramos, Antônio Cabral Filho, Antônio Carlos Ferreira da Rocha, Antônio de Lima, Antônio M. Nunes, Arnaldo A. N. Antunes Filho, Artur Ribeiro Neto, Asdrúbal de Paula, Beatriz Sawaya Botelho Bracher, C. W. A.A.S., Carlos Antônio Castelo Branco, Carlos Herculano de O. Lopes, César, César Roberto Camargo, Chrystian Axelman, Cláudio Luis Gastal, Crystian Hermann, Dalton Moreira, Flávio Alberti Cezário, F. T. G. A., Gabriel Francisco de Matos, Gilberto Clementino de Araújo, Gilberto da Costa, Gilfrancisco, Hamilton Carvalho de Melo, Henrique dos Santos, Horácio Oliveira, Humberto de Oliveira Matiotti, J. C., Jaldes Reis de Meneses, João Baptista da Silva, Joãozinho, Joel de Farias Neto, José Alfredo Torres Pereira, J.P., Lúcia Regina de Sá, Luiz de Lucca, Luiz Eduardo Hoffmann, Luiz Roberto do Nascimento e Silva, M. Luiza Armando, Machinhos, Marco Antônio Coelho de Moraes, Marcos Tavares, Maria Elisa Pacheco, Marlene Soares Pinheiro, Mariza Vitoria Pettinelli, N. J. M., Nane, Oscar de Almeida Gama Filho, R. F., Renato Chagas, Rogaciano Leite Filho, Rosemary Muniz Moreira Fabrin, Rubaj Epileg, Rubens Eduardo Banghi, Ruy Afonso Prouença, Salvador Corrêa Ribeiro, Simão Bacamarte, Tadeu Bahia, Themístocles de Souza Júnior, Tita Katzingris Moustaka, Wanderley de Carvalho Rego e Wanderley Testasica.

- A pedido da Fundação Gulbeulhian, de Lisboa, esteve em São Paulo o poeta E.M. de Melo e Castro. Seu objetivo: acompanhar, na XIV Bienal, o trabalho da representação portuguesa de Poesia Experimental. Melo e Castro não teve o apoio esperado do Secretário de Estado da Cultura e veio ao Brasil por seus próprios meios. "Gostaria de ter achado muito mais nesta Bienal", afirmou o poeta e crítico portugueses. "Algo que correspondesse à idéia (mítica, mitificada?) que em Portugal se faz da Bienal de São Paulo. Mas não", argumenta. "O que vim encontrar são escombros do sistema de arte burguês, procurando renovar-se por meio de uma conceitualização intelectual, isto é, procurando sair pela porta errada - talvez apenas para reproduzir aqui o modelo conceitual farto, em moda há anos na Documenta 5, em Kassel. Explico: quando se constata que o sistema das artes plásticas já não funciona, como é o caso dessas mostras gigantes - Kassel, Veneza, São Paulo, etc. - só há duas saídas, isso se não acabar tudo: ou a hiperconceitualização ou a abertura total para o espaço social em que se encontra e a que pertence. Mas, cuidado, abertura não é caos e espaço social não é confusão de línguas e linguagens. Assim, por exemplo, a superficial definição de Poesia Espacial faz com que sob esta denominação se apresente ao público obras que não são mais que pintura e escultura convencionais de tipo abstrato - até já bastante velhas - o que só aumenta a confusão em sua cabeça e não serve à poesia, como se desejou. A total vacuidade de categorias conceituais, como "Grandes Confrontos" - mas confronto de quê, com quê e para quê? e por que grandes?, como "Video-Tape" - será ela a nova arte de cavalete da era eletrônica? O vídeo é um meio e não um fim! - ou ainda, como "Arte Não-Catalogada" - essa nem merece comentários - só servem de fato à confusão. Por outro lado a confusão parece ter sido o objetivo dos responsáveis pelo projeto montagem", disse, "se é que houve objetivo, pois a montagem é convencional e dispersa, tornando impossíveis até os tais confrontos desejados pelo Conselho de Arte e Cultura. E numa exposição em que se reclama dos novos meios de comunicação a escassez de recursos técnicos chega até à carência total: falta luz, falta o som, faltam os audiovisuais, faltam os vídeos. Faltam os recursos mesmos que se prometeram aos autores como meios de produção. Foi essa carência de meios técnicos que atingiu a representação portuguesa de Poesia Experimental, que, por não os encontrar, ficou reduzida a uma convencional exposição de quadros pendurados nas paredes. De qualquer maneira é uma presença portuguesa, que só pela repercussão fora da Bienal justifica minha vinda a São Paulo." Lembrando que é sempre muito útil visitar o Brasil, por causa da habitual troca de informações, disse Melo e Castro que poderia apresentar um trabalho melhor, pois trouxe também uma hora de video-tape feita especialmente para ser apresentada na Bienal e uma banda sonora com poemas experimentais portugueses, além de 140 slides e objetos experimentais. "Tudo o que consegui", completou ainda, "foi uma rápida e deficiente apresentação da coleção de slides para o GURI. Para um GURI qualquer que afinal não interessa." Melo e Castro acrescentou que o esforço, porém, não foi inútil, pois deixou na PUC um audiovisual para os alunos, com o prof. Fernando Segolim, e gravou um longo programa para a TV Cultura. "A Bienal é mesmo só um pretexto", disse ainda ele.



## INFORMAÇÃO

- Outro livro de Faulkner será lançado no Brasil: trata-se de "O Homem e o Rio" (The Old Man), edição da Internacional Portuguesa.

- A Editora Codecri vai reeditar os três primeiros livros de Rubem Fonseca: "Lúcia McCartney" sairá em abril e, logo após, virão, em volumes separados, "A Coleira do Cão" e "Os Prisioneiros".

- Não é em todo lugar que a gente pode encontrar Os Solteiros. Um livro de contos, bem entendido. Mas vale a pena procurar por ele. O autor, Gasparino Damata, já publicava antologias do "amor maldito" quando a revista Gay Sunshine era underground e Winston Leyland nem sonhava em vir ao Brasil buscar material. Como adverte o João da Penha, Gasparino se inclui em nossa literatura entre aqueles que dão ao tema homossexual um tratamento digno, tanto no enfoque como no retoque. "Os Solteiros" é uma obra pra figurar na mesma estante do Aguinaldo Silva, Wilde ou Gide. Lado a lado. Edição Pallas, 1976 (Glaucio Mattoso)

- The Modern Language Journal é uma publicação norte-americana, da The National Federation of Modern Language Teachers Associations, sobre métodos e pesquisa pedagógica, com tópicos de interesse para todos os professores de língua. Qualquer informação poderá ser fornecida por Richard S. Thill, Department of Foreign Languages, University of Nebraska, Omaha, Nebraska 68101, USA.

- Eustáquio Teixeira Gomes tem, no Correio Popular, de Campinas, uma coluna dominical aberta aos novos. A tiragem do jornal aos domingos é de 30 mil exemplares e chega a um grande número de cidades da região. Os interessados devem mandar seus trabalhos para a coluna "Balcão de Ideias", do Correio Popular, rua Conceição, 124, 2º andar, sala 22 - CEP 13100 - Campinas, SP.

- Já saiu o número 44 da revista Cultura Brasileira, publicada sob a responsabilidade da Embaixada Brasileira em Madri. Entre outras coisas, artigos de Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. O destaque é para uma coletânea de poemas brasileiros retratando poetas espanhóis: Murilo Mendes sobre São João da Cruz; José Paulo Moreira da Fonseca sobre Santa Teresinha D'Ávila; João Cabral de Melo Neto sobre Quevedo; Joaquim Cardozo sobre Góngora; Fernando Ferreira

de Loanda sobre Juan Ramón Jiménez; Augusto Meyer sobre Antonio Machado; Drummond sobre Lorca; Odilo Costa, filho, sobre Miguel Hernandez; e Alphonse de Guimaraens Filho sobre Rafael Alberti.

- A partir de março estará nas bancas e livrarias o novo livro de Jaguar, "No Brasil Não Há Clima pra Isso". Jaguar ficou 12 anos sem publicar um livro. Conforme anuncia, são 12 anos de suor, humor, sangue e risos. O livro terá cartuns, anedotas, contos, fotografias e outras "artes" do autor.

- Doutor Miragem, de Moacyr Scliar, foi o romance que venceu o Concurso Guimarães Rosa, promovido pelo Governo de Minas Gerais, este ano disputado por 118 originais de ficção. O prêmio de Cr\$ 50 mil foi atribuído por um júri composto por Cyro dos Anjos, Fernando Sabino e José Cândido de Carvalho.

- Saiu Gente Delle Rocas, versão italiana de "Cabra das Rocas", romance de Homero Homem. Laura Draghi e Danuza G. Ourine fizeram a tradução e a tiragem é de 10 mil exemplares. Edição da Giunti Marzocco, de Roma, Coleção Praemium.

- A Editora Codecri relançará, em março, o romance de Ignácio de Loyola, **Bebel** que a Cidade Comeu. O livro está esgotado desde 1969.

- Será realizado, de 20 a 24 de maio de 1978, na Universidade de Ottawa (Canadá), o III Congresso Internacional de Escritoras. Maiores informações com a sra. Martha Martínez, no Departamento de Línguas Modernas da Universidade, Ottawa, Ontario, Canadá K1N 6N5.

Álvaro Alves de Faria, poeta e jornalista, será editado nos Estados Unidos em 1978. Trata-se do livro "4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados", lançado em 1974 pela Editora Alfa Omega. A obra, ainda inédita ou quando já lançada, recebeu prêmios importantes. O autor tem dois livros editados pela Símbolo: "O Tribunal", novelas, e "O Defunto - Uma História Brasileira". Muitos poemas do livro foram lidos nos recitais que realizou no Viaduto do Chá, em 1965, interrompidos por "razões circunstanciais". Há três anos, um professor do Department of Foreign Languages and Literatures, da North Texas State University, esteve no Brasil e levou várias obras brasileiras. Entre elas estava o livro "4 Cantos de Pavor". Quatro meses atrás, o autor recebeu uma carta pedindo autorização para verter os poemas do livro para o inglês. A obra seria distribuída também a alguns países latino-americanos. O autor respondeu afirmativamente. Álvaro Alves de Faria não publica poesia há muitos anos, pois não compreende a marginalização a ela imposta. Assegura que há uma urgente necessidade de se abrir um maior espaço aos bons poetas brasileiros. De qualquer maneira, as boas notícias vindas dos Estados Unidos são um estímulo para o autor. Álvaro diz que 1978, décimo quinto ano de lançamento do seu primeiro livro de poesia, talvez possa ser comemorado com o lançamento de um livro reunindo poemas escritos de 1965 até agora.

- Na Maison de La Culture du Havre, de 10 a 29 de janeiro de 1977, aconteceu a exposição **Écritures et Avant-Gardes d'Amérique Latine**, com livros, revistas, cartões postais, documentos, cartazes e todo tipo de manifestação artística marginal da América Latina. Entre os nomes brasileiros conhecidos, Walter Franco, Homero Homem, J.A. Nepomuceno, Décio Pignatari, Caetano Veloso, Gérson Zanini; entre as revistas, Escrita e O Saco. Segundo o folheto de divulgação, o conjunto das obras apresentadas

mostra a dificuldade de se fazer arte numa América Latina onde a censura impõe um enorme bloqueio. É uma arte pobre, distribuída, apesar da opressão, numa região do mundo onde se deseja que o artista esqueça não só a sua própria realidade, como também a de seu povo.

- "O Pirotécnico Zacarias", do mineiro Murilo Rubião, será traduzido para o espanhol e publicado na Venezuela pela Monte Ávila Editores. Em 1978, o livro também sairá em inglês, edição da Harper & Row, em tradução de Thomas Colchie.

- Em Araraquara a Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, instituiu um concurso de contos que será anual. O Prêmio Ignácio de Loyola Brandão já foi oficializado pela Prefeitura Municipal e dará 5, 3 e Cr\$ 2 mil para os três primeiros colocados.

- A coleção Marginal, da Editora Símbolo, pretende oferecer ao leitor bons livros, que custarão de 30 a 40% menos do que o preço normal. Os livros serão impressos em papel-jornal, com bom acabamento gráfico e capa a duas cores, com tiragem superior à média (três mil exemplares). O primeiro volume da série é o romance "Estação dos Confundidos", de Moacir Amâncio, escritor-jornalista da nova geração.

- A Editora Codecri lançará em janeiro o livro de contos "Um Homem Bebe Cerveja no Bar do Odilon", de Jeferson Ribeiro de Andrade. Jeferson participou da coletânea "Histórias de Um Novo Tempo" e é o primeiro dos autores ali reunidos a ser lançado individualmente pela editora.

- "The Brazilian Novel" é o primeiro volume da série Luso-Brasilean Literary Studies, lançada pela Indiana University Publications. A série pretende dar ênfase à singularidade Lingüística e fazer da literatura luso-brasileira muito mais do que um mero apêndice da literatura em língua espanhola. Entre outros, Jon M. Tolman escreve sobre "O Romance Brasileiro" e Ivana Versiani sobre "O Primeiro Romancista do Novo Mundo". Informações sobre a revista: Department of Spanish and Portuguese, Ballantine Hall 865, Indiana University, Bloomington, Indiana, 47401, USA.

- Após muitos anos de silêncio, Galáxia 71, órgão do Grupo de Escritores da Venezuela, pretende recomençar o debate cultural e defender o patrimônio artístico de seu país, dizendo um basta! (?) ao silêncio e ao marasmo.

- "A Trombeta do Anjo Vingador" é o novo livro de contos de Dalton Trevisan, que a Codecri lança este ano. Entre as 19 estórias, "Mister Curitiba", vencedor do I Concurso de Contos Eróticos da revista Status.

- O Centro de Estudos Afro-Asiáticos - CEEA - programou recentemente um ciclo de conferências sobre: "Angola através da literatura" pelo prof. João Carneiro, "América Latina: Estudo Comparativo (Argentina, Brasil, Chile)", pelo prof. Jordan Young, "Mudanças Sociais na África Negra", pelo prof. Munanga Kabanguel, "Pensamento Oriental: Índia", pelo prof. Gustavo Alberto Correa Pinto, "Ásia Contemporânea I: China e Indochina", pelo prof. Severino Bezerra Cabral.

- Carmo Bernardes, contista goiano, está sendo lançado pela Codecri. Para Pedro Nava, Bernardes é um dos maiores escritores brasileiros. O autor tem cinco livros publicados, todos com circulação restrita ao seu Estado.

- Também na França a imprensa nanica luta com dificuldades. Elan, publicação trimestral de poesia, pertence a ela. Louis Lip-pens é o editor. Federico Garcia Lorca é focado no número do primeiro trimestre de 1977. Sobre ele está escrito logo na capa da revista: "Quarenta anos após seu assassinato, Federico Garcia Lorca se transforma no símbolo mais puro da liberdade e da poesia do século XX". No trimestre de verão, um número especial sobre a liberdade e os direitos do homem. O endereço da publicação é 31, rue Foch, 59126, Linselles (France).

- Acaba de sair pela Codecri "A Lua Vem da Ásia" de Campos de Carvalho. Em 1976 foi lançada a versão francesa pelas Éditions Albin Michel, com prefácio de Jorge Amado.

- No segundo turno da premiação literária francesa, após o Goncourt e Renaudot, Régis Debray ganhou o Prêmio Femina, por seu 2º romance, "La Neige Brule" da Editora Grasset. "La Neige Brule" fala da guerrilha na América Latina. Diz o Jornal do Brasil: "Talvez seja um pouco autobiográfico, pois Debray lutou na Bolívia com Che Guevara." O Prêmio Femina foi instituído em 1909 por 22 mulheres. O júri é também totalmente feminino, premiando, como o Goncourt, na maioria das vezes, sucessos consagrados pelos leitores. O Prêmio Medici é concedido anualmente a um autor francês e a um livro estrangeiro escrito ou traduzido na França, sendo um prêmio essencialmente literário. Este ano, o francês escolhido foi Michel Butel, 38 anos, por seu romance "L'Autre Amour", que focaliza o período conturbado da guerra argelina e a rebelião de maio de 1968. O segundo lugar coube a Angelo Rinaldi por "Les Dames de France". O melhor livro estrangeiro foi "Le Traite des Saisons", de Hector Bianciotti, edição Gallimard. Bianciotti é um escritor-jornalista argentino, radicado na França. O romance é autobiográfico e o autor foi fortemente influenciado por Jorge Luis Borges.

- Poesia é uma revista literária quinzenal, de Belo Horizonte. Aceita colaborações dos leitores. Os poetas Geraldo Reis, Pascoal Mota e Márcio Almeida participam da sua comissão de seleção. Poesia escolherá anualmente o melhor poeta, que receberá bolsa-de-estudos para o exterior no valor de Cr\$ 50 mil e terá seu livro editado com tiragem de 10 mil exemplares.

- Em sua tradução de "Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho", Sebastião Uchoa Leite, segundo Danúsia Bárbara, do Jornal do Brasil, dá mostras de entender e de pôr em prática a afirmação de Jakobson: Traduzir significa "transportar criativamente". Mesmo assim ainda de acordo com Danúsia "volta à memória o refrão traduttore, traditore. As tradicionais poesias inglesas, com as quais o personagem se vê às voltas, oferecem vários caminhos. O tradutor pode fazer uma adaptação, aproximando-se das antologias escolares brasileiras, ou transpõe, como Augusto de Campos em Jabberwocky, para a língua portuguesa, os jogos sonoros dos poemas". Uchoa Leite, na introdução, chama a atenção para as dificuldades de se ler, compreender e interpretar Lewis Carroll. Acentua a importância do aspecto gráfico, que mesmo assim nem sempre foi respeitado. Quanto às ilustrações, de Carroll exclusivamente, ficaram reduzidas a oito originais dos 37 inicialmente apresentados. A edição é importante, por conseguir trazer um Lewis Carroll mais completo para os brasileiros.

Sebastião Uchoa Leite sentiu a necessidade de que o público adulto conhecesse Carroll. Mesmo assim começou sua tradução sem pensar em ser editado. Para Uchoa não interessa a visão que se tem de Carroll como um autor ligado à literatura infantil. Ele tem feito várias traduções do inglês, francês, italiano e espanhol, nos últimos 10 anos. A tradução demorou por volta de um ano para ser feita, entremeadada com outros trabalhos. Para começá-la, Uchoa tentou deixar de lado as inúmeras traduções de Carroll em português e em outras línguas, para evitar influências. Pesquisou sobre o autor e sua época. Reconhece a impossibilidade de traduzir vários trechos de Carroll, pois como diz Uchoa o autor "joga de tal maneira com as palavras que a única solução é tentar recompor este jogo em língua portuguesa". A traição, segundo Uchoa, seria ater-se ao significado literal. O tradutor reconhece as falhas de tradução em alguns trechos e alega que chegar à melhor solução foi, por vezes, impossível. A tentativa básica foi recriar o universo ficcional de Carroll. A união, num só volume, das duas aventuras de Alice, dos dois textos sobre lógica, das cartas e dos retratos, foi feita intencionalmente, para traçar um perfil de Carroll, apresentar seu lado mais marcante: tudo está interligado.

- Pela primeira vez alguém edita uma coletânea de contos brasileiros no Japão. Isso aconteceu no dia 10 de novembro e toda a tiragem de três mil exemplares está praticamente esgotada. Mauricio Crespo, um brasileiro radicado no Japão há 16 anos, foi o editor. Entre outros, estão presentes na antologia Adonias Filho, Anibal Machado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Dinah Silveira de Queiroz, Dalton Trevisan, Graciliano Ramos, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Samuel Rawet. A única crítica do público japonês foi a falta de pornografia: lá todo o livro para adulto é altamente pornográfico. Crespo tem muitos outros planos para a difusão da cultura brasileira no Japão. Mas nem todos ligados à literatura.

- Já saíram os nomes dos vencedores do III Concurso Nacional de Contos e Poesias Augusto Motta. O concurso contou com cerca de 10 mil trabalhos de diversas partes do país. As obras que conquistaram os primeiros lugares foram "Passagem Branca", de Políbio Alves, para poesia, e "O Trauma do Dr. Barreto", de Maria de Lourdes Loreti Motta, para contos. O primeiro lugar recebe Cr\$ 10 mil, o segundo, Cr\$ 5 mil. Também houve prêmios para o 3º, 4º e 5º lugares.

- A União Brasileira de Escritores divulgou os resultados do Prêmio Fernando Chinaglia de 1977. Foram 377 trabalhos, julgados por João Fagundes de Menezes, Maria Lúcia Amaral e Octávio de Faria. A entrega dos prêmios foi no Clube Comercial do Rio de Janeiro, dia 14 de outubro. Em 1977, o vencedor foi o melhor livro inédito de poesia, "Canto em Si", de Reynaldo Valinho Alvarez, que recebeu Cr\$ 30 mil. Em segundo lugar, "Alvo Vivo", de Luís Sérgio Azevedo dos Santos, que recebeu Cr\$ 7.500,00. Em terceiro, "Antropoética", de Reinério Luiz Moreira Simões, com um prêmio no valor de Cr\$ 5 mil. Também foram atribuídos prêmios de menções especiais, menções honrosas e menção pesquisa e originalidade.

- Adalberto Barreto é o criador da única editora do Nordeste - a "Aquarius" - que se propõe a ampliar o consumo do livro, reabilitar o livro de bolso e principalmente pu-

blicar literatura brasileira. Em entrevista a Nilton Maciel, Adalberto resalta os males da excessiva concentração editorial no Brasil, que faz com que nossa literatura se internacionalize, assimilando-se às literaturas das metrópoles de todo o mundo. A disseminação do livro é tarefa urgente. O escritor deve reencontrar a realidade brasileira, reconquistar a alma do nosso povo: o povo tem que se reconhecer na literatura. O principal seria começar a escrever para o leitor brasileiro. Os editores podem colaborar, na medida em que assumam os riscos desse mercado alternativo e deixem de se dirigir a um mercado de elite, de alto poder aquisitivo. Seria necessário um pacto escritores/editores. O escritor brasileiro é uma vítima do mercado alienante. Uma das medidas principais para se difundir a literatura seria baratear o livro: uma maior tiragem resulta em livros mais baratos. Nesse caso entraria o livro de bolso como veículo de uma literatura brasileira para o povo. Adalberto gostaria de chegar a um boa e simples literatura de nível médio, pois a base de todas as literaturas do mundo, segundo ele, são leitores fiéis e escritores bem pagos.

- O Diretório Acadêmico Vladimir Herzog, do Curso de Comunicação da UFJF promoveu um debate sobre: **Imprensa Independente** em setembro. Participaram: João Amado, Aloísio Moraes, Luiz Egypto, Ziraldo, Luis Bernardes e Jorge Sanglard, presidente do DA, representando Bar Brazil e A Poesia. Na ocasião foram discutidos os problemas que a imprensa nanica atravessa no país. O mesmo diretório pretende reunir no final do mês de março um maior número de jornalistas que fazem imprensa nanica, para a discussão de temas como a função social do jornalista e do escritor, a reportagem no Brasil de hoje, a grande imprensa e a imprensa nanica, a ação da censura policial e da auto-censura e outros temas de interesse. Maiores informações com Jorge Sanglard, Diretório Acadêmico Vladimir Herzog, Comunicação U.F.J.F., Av. Getúlio Vargas, 763 - Caixa Postal 478 - telefone 217-3918, Juiz de Fora.

- O Prêmio Leda Carvalho - 1977, da Academia Pernambucana de Letras, foi conferido, em assembléia geral, a Fernando da Cruz Gouveia pelo seu livro "Oliveira Lima: Uma Biografia", a Mauro Souto Maior por "Território da Dança, o Diabo na Cultura Popular do Nordeste", e a Marília Pessoa Monteiro, autora de "Mitologia e Preconceito no Brasil do Século XIX". Everaldo Moreira Veras obteve o Prêmio Othon Bezerra de Melo por ficção, por seu romance "O Menino dos Óculos de Aro de Metal". Na mesma ocasião foi comunicada oficialmente a morte do acadêmico Hermógenes Viana, e de acordo com o regulamento, declarada sua vaga. Foi aberto o prazo de 60 dias para que os candidatos apresentem curriculum vitae e trabalhos publicados.

- O Anuário de Poetas do Brasil - 1977, organizado por Aparício Fernandes, reuniu, em dois volumes, 162 autores. Aparício está organizando também o livro "Escritores do Brasil", que abrangerá todo tipo de prosa. Tanto para o Anuário quanto para o livro há uma cota de participação, variável segundo as páginas que se queira ocupar. Assim: 6 páginas, Cr\$ 1.700, 30 exemplares; 12 páginas, Cr\$ 3.400, 60 exemplares e assim sucessivamente. Os que desejarem participar de qualquer das duas publicações, para 1978, devem escrever a Aparício Fernandes, Travessa do Oriente, nº 111 apto. S-101 - Santa Teresa - Rio de Janeiro, RJ.

- Sydney Omarr, de 51 anos, é o autor

mais lido nos Estados Unidos. Seus livros sobre Astrologia já venderam 26 milhões de exemplares aproximadamente. Apesar de todo o sucesso editorial, seu nome pouco difundido na imprensa, vai se tornando cada dia mais popular.

- O livro de Clarice Lispector "Cerca del Corazon Selvage" recebeu destaque da crítica na abertura da seção de Letras e Artes, na última edição da Revista Triunfo. Citando Otto Maria Carpeaux, Renata Rococuzi dedica uma página ao livro da escritora brasileira.

- A Coleção Erótica, da Editora Tusquets, de Barcelona, dirigida por Luis G. Berglana, foi inaugurada com o livro "La Insolita y Gloriosa Hazana del Cipote de Archidona", de Camilo José Cela.

- A Gallimard acaba de publicar o livro de memórias de Alvert Simonin, "Confessions d'un Enfant de la Chapelle". O autor é conhecido do público de literatura detvesca. Simonin é também pesquisador da gíria parisiense, sobre a qual preparou um dicionário.

- Na passagem do ano, o poeta Paulo Leminski estará lançando em Curitiba seu segundo livro. "Catatau" foi o primeiro. Conhecido em todo o país por sua participação no movimento concreto, Leminski anuncia agora nestes seus poemas uma abertura maior e uma maior flexibilidade estética. Ele esclarece que sua experiência concreta foi importante mas já passou e continua apenas incorporada à sua experiência maior como poeta e cidadão. O título do livro é "Não Fosse Isso e Era Menos. Não fosse Tanto e Era Quase" e ele o considera seu primeiro livro de poemas. Trata-se de um conjunto de poemas mais ou menos dedicados a amigos que o influenciaram ou passaram pela sua cabeça como um vento bom. Num clima de lirismo fraternal e racionalismo agudo, os poemas extraem, às vezes até de características bastante particulares de cada amigo, sacadas que valem para todas as pessoas. (Reinaldo Atem)

- Lançados recentemente vários livros de autores cearenses, o que vem confirmar o constante vigor da literatura em nosso Estado. Lamentavelmente todos esses livros não encontram maior repercussão no território nacional pelo fato de que são publicados com os recursos de seus próprios autores e portanto não possuem sequer um esquema de distribuição na própria cidade de Fortaleza. É uma situação triste e constrangedora. Um livro do porte de "Parabélum", do escritor Gilmar de Carvalho (leia capítulo do livro na Ficção de setembro), que é uma verdadeira renovação para o romance (conto?) brasileiro vendeu apenas pouco mais de 90 exemplares desde a noite de autógrafos. Os restantes dos exemplares da obra estão amontoados num dos quartos da casa do autor. Já o contista Yehudi Bezerra está vendendo no braço seu último livro. Vai de casa em casa em busca de um leitor, de um comprador como os antigos vendedores de leite e pão, que já não existem mais. Tudo num esquema desesperado de esforço individual. "Tocaia", seu livro de contos, é um marco na contística brasileira porque reinaugura uma temática julgada ultrapassada e estiolada. Conta da vida dos humildes, os dramas anônimos desse povo oprimido, espalhado por pequenas cidades do interior às margens das ferrovias e nos subúrbios imensos de Fortaleza. É o retrato do modo de pensar desse povo, é a descrição fiel dos ritos que esse povo cumpre, ritos impostos de cima há séculos e que organizam uma cosmovisão pobre, sem metafísica, sem horizontes mas, oh felicidade!, com súbitos instantes de liberdade, porque há sempre a hora em que ela surge como um

lampejo, uma iluminação ou tudo explode. Também foi lançado o livro "Literatura Cearense" de Sânzio de Azevedo, um volumoso estudo da literatura cearense, de mais de 600 páginas, abrangendo ensaios sobre autores do começo do século passado até os da atual "Geração Saco". Sânzio de Azevedo organizou um trabalho que poucos estados da nossa federação podem se dar ao luxo de possuir. Outro romance recentemente publicado em Fortaleza é o "Miséria e Sonho no Canal", de Faria Guilherme, que dá continuidade a uma temática social bem característica de nossa literatura e que nos tempos de hoje se faz necessária e premente. Além disso, está sendo montada a peça do poeta e teatrólogo Oswaldo Barroso (preso há dois anos no gigantesco presídio Paulo Sarazate por motivos políticos), "No Reino da Luminura". É uma peça de forte teor poético e social, com uma estrutura de composição sem precedentes na história de nosso teatro local. Apoiada nos recursos inesgotáveis da poética popular da literatura de cordel, sua trama é ao mesmo tempo encantatória e contestatória. Está sendo montada pelo Grupo Independente de Teatro Amador. Outro livro que se destaca entre os últimos lançamentos aqui em Fortaleza é o de contos do escritor Roberto Aurélio intitulado, "Um Livro para Zoé", onde um vasto painel do cotidiano lírico se impõe. "Um Livro para Zoé" também sofre dos mesmos problemas de distribuição e divulgação dos livros precedentes. (Carlos Emílio)

Também recém-saído no infrutífero mercado livreiro cearense foi o livro "Complexo de Anteu", do contista e teatrólogo Eduardo Campos. Dessa vez, no entanto, é um exaustivo ensaio de ecologia nordestina. Quase um manifesto ecológico em defesa da região. (Carlos Emílio)

O escritor Milton Dias acaba de lançar um livro de contos, "As Outras Cunhãs". Sua linguagem continua saborosa, livre e corrente como água de riacho. Outros lançamentos recentes: "Taça", do poeta Craiveiro Filho. Este tem uma característica especial que o distingue dos demais: é um lançamento póstumo. A edição foi financiada pela filha do autor. Mais um para o rol dos marginalizados por falta de distribuição e de divulgação. Lançado também um livro de memórias por essas plagas no mês de agosto. São as memórias do escritor Martins Capistrano. Por aqui também há memorialista. O que é raro numa terra sem memória e sem história registrada, sem tradição preservada. (Carlos Emílio)

- O poeta ensaísta, romancista e jornalista Jäder de Carvalho, o vate nordestino esquecido do resto do país, lançou mais um livro de poemas: "Menino Só" (Carlos Emílio)

- Quem está procurando editor há meses para seu último livro de contos é o contista de valor nacionalmente reconhecido (já foi editado até em Israel) Moreira Campos. É profundamente vergonhoso para um país quando um contista do porte de Moreira Campos fica mendigando editoras para publicar. O contrário deveria ocorrer. Fica o aviso para a Atica, por exemplo, que já publicou Murilo Rubião, da mesma geração literária do cearense Moreira Campos. Fica o aviso para todas as editoras. (Carlos Emílio)

- Saiu mais um número da revista Aspectos, publicada sob o patrocínio da Secretaria

ria de Cultura do Ceará. Há artigos de especial interesse, tais como o do pesquisador incansável do passado literário cearense, o poeta Otacílio Colares, sobre a escritora misteriosa, gótica, romântica, precursora de todas as tendências do atual romance latino-americano, essa escritora que ficou esquecida durante quase um século, que teve o nome de Emília Freitas e que escreveu o mais estranho romance do século passado, cearense que emigrou para as distantes e insondáveis margens do rio Negro e que ali morreu, a autora do fabuloso livro de mais de 500 páginas, livro insólito, maravilhoso, de trama aliciante e única na história da literatura brasileira onde estão contidos os germes do absurdo, do fantástico, autora desse "Rainha do Ignoto", do qual só resta um único e carcomido e velhíssimo exemplar e que precisa ser publicado já, sem demora para que o Brasil conheça sua Emily Brontë. Seria lamentável se também essa obra fosse editada aqui no Ceará, ficando confinada no interior do silêncio e do marasmo provincial. Diga-se de passagem, para um reforçamento da tese de que estamos diante de uma personalidade literária, única na história da literatura brasileira, que Emília Freitas (guardem esse nome) foi, em pleno século passado, com todas as suas características repressoras e obscurantistas, abolicionista, poeta condoreira que recitava nas praças e salões da época seu canto de rebeldia, feminista quando ainda nem se falava nisso e, acima de tudo, anarquista, uma anarquista romântica e impetuosa, que escandalizou a sociedade fortalezense de seu tempo com suas atitudes e com seus escritos. A repressão contra essa mulher foi tanta que até há pouco mais de um mês nada se sabia sobre ela. Todas as referências bibliográficas, históricas e orais sobre sua personalidade haviam sido apagadas como se para sempre. Os intelectuais machistas e

preconceituosos da época pouco caso fizeram de sua pessoa e de seus escritos. Nem sequer leram o livro "Rainha do Ignoto". Naquela época era de praxe não levar à sério mulheres independentes, audaciosas, de clara consciência política e, muito menos, horror!, que escreviam e, ainda pior, que escreviam coisas sem pé nem cabeça, extravagâncias imaginativas. Extravagâncias imaginativas que hoje são cultuadas com afinco. (Carlos Emílio)

- Editado o livro ABC, escrito em parceria por Afonso André de Carvalho Barroso, José Maria Bezerra Paiva e Carlos Alberto Bezerra Paiva. Para a noite de autógrafos realizada no Museu de Arte Moderna da cidade veio uma caravana do Rio composta entre outros do teatrólogo Guilherme Figueiredo e do sempre eterno Paschoal Carlos Magno. (Carlos Emílio)

- Saiu a revista Grão, só de poesia. O esquema de sustentação econômica é baseado no de Anima: shows de compositores cearenses e baianos, etc., para que o dinheiro venha. (Carlos Emílio)

#### IMPRESNA NANICA

por

Sônia Maria de Faleiros Costa Alcalay

- Une - Versos - Nem só de versos é feita esta revista mensal de Salvador. O nº 2, de setembro, traz: depoimento, cinema, cordel, conto, poemas, cartuns. Aceitam-se colaborações dos leitores, que devem ser enviadas para a rua Professor Palma, 10/101, Barbalho, Salvador, Bahia.

- Depois de algum tempo fora de circulação, volta Bar Brazil, com z de zorro. No nº 3, o jornal traz uma entrevista com João Antônio, uma reportagem sobre a música popular brasileira, crítica do livro de Florestan Fernandes "Circuito Fechado", contos,

poesias, gravuras e a segunda e última parte de "A Era Getulista (1939-1945)", por José Eustáquio Romão. O jornalzinho é editado pelo D.C.E. da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Segundo o editorial, Bar Brazil pretende manter o compromisso assumido quando de seu lançamento: "o de buscar uma integração no amplo processo de discussão de nossa realidade já iniciado há algum tempo por diferentes publicações alternativas, nânicas, ou coisa que o valha"

- Com o nº 4, Radice, revista de psicologia completa seu primeiro ano de existência. A revista é séria, atual, muito cuidada, tanto na parte de impressão como na de seleção dos artigos. Algumas reportagens deste número: "A Loucura na Universidade (477 psiquiátrico?)" e uma entrevista com a dra. Nise da Silveira. Destaque para "O Caso Aparecido", excelente matéria sobre mesianismo na pequena cidade de Rubinéia, SP. O editor de Radice é Carlos Ralph L.V.. Para os interessados, aqui vai o endereço: Av. Rui Barbosa, 762, ZC 01 - Rio de Janeiro, RJ.

- A vontade de fazer alguma coisa realmente boa em favor da cultura brasileira mantém em pé, há cinco anos, o Suplemento da Tribuna, do Rio. Esse jornal tem sofrido frequentes cortes da censura, saindo nas bancas com páginas inteiras em branco.

- Com crônicas, poemas, contos, saiu o primeiro número de Artemanha, jornal de artes e manhas. Em cada número sairá a análise de um autor sobre sua própria obra; neste número, o escritor e jornalista Adolfo Gonçalves fala de seu livro "Marieta Morça". Artemanha manterá também um concurso aberto de contos e poesias. A publicação é quinzenal, e o endereço: rua Prof. Bernardino Querido, 503, 12100, Taubaté - São Paulo, SP.

## Leia o número especial de ESCRITA ENSAIO

### EMPRESA NACIONAL: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

José Mindlin  
Saturnino Braga  
Octávio Gouvêa  
de Bulhões  
Hélio Beltrão  
Eli Diniz Cerqueira  
Renato Raul Boshi  
Moniz Bandeira  
Fernando Gasparian

e o relatório confidencial de Abroham F. Lowenthal

Em todas as bancas

## "Todo menino é Galileo Galilei"

Um livro com onze contos sobre meninos e adolescentes para quem gosta de descobertas e mudanças.

"Todo menino é Galileo Galilei" - diz Pellegrini - "todo menino faz todo dia uma descoberta, e a partir dela vai mudando".

Pedidos por reembolso à:  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Monte Alegre, 1434 -  
fone 62-3699  
05014 - São Paulo



Cr\$ 55,00



Carta aberta a Domingos Pellegrini Jr.

Domingos: Você criticou de tal forma os equívocos de outros escritores na Escrita 24 que isto me levou a registrar os seus próprios. Você achou a literatura de Borges, de Cortázar muito chata. Achou Guimarães Rosa não um cara alienante, mas um cara alienado. E completou a resposta, "e acho que toda pessoa que fala "acho" demais precisa ser questionada. "Bem", estou aqui para isso. Você foi, na entrevista, questionado por Hamilton Trevisan a respeito das ponderações sobre Borges e Cortázar, afirmando ele: "os grandes nomes da literatura latino-americana badalada no Brasil, o Cortázar, o Borges, você botou de lado. "Resposta: "Não, eu botei o Cortázar e o Borges de lado especificamente. O Gabriel García Márquez eu acho um grande escritor, Vargas Llosa é outro grande escritor e Juan Rulfo também. Acontece que Borges e Cortázar querem mitificar a realidade." Transcrevo outra entrevista, do poeta Thiago de Mello, à Veja, nº 477. "No ano passado realizou-se um colóquio entre escritores latino-americanos, promovido pela Feira Internacional do Livro, em Frankfurt. Falávamos do papel do escritor, um tema quente. Duas posições se frontearam. O compromisso do escritor é com a literatura, não se pode exigir do escritor responsabilidade social - esta a posição defendida por Mário Vargas Llosa e José Donoso. Não sou responsável se o meu povo é analfabeto, disse um deles. Nós (Julio Cortázar, Eduardo Galeano, Sérgio Ramirez e eu), ao contrário, achamos que, para começar, todos somos responsáveis. O verdadeiro compromisso do escritor é com a vida e o homem de seu tempo". Se esta é a posição de Cortázar, a sua literatura quer mitificar a realidade? No entanto, para você, Llosa é melhor escritor. E você disse também: "a literatura será sempre uma questão de individualidade. Quem quiser, digamos, cecear: corrigir ou pautar a individualidade, estará deixando de fazer literatura ou mesmo crítica literária, para começar a fazer fascismo. Isso é evidente." A sua posição é fazer uma literatura programada e, pelo que disse, se deduz que está ao lado de Julio Cortázar. Eduardo Galeano, Ramirez e Thiago de Mello. Quanto a Borges e Guimarães, você critica a vida pessoal deles, mas afirmou na mesma entrevista: "O conhecimento da vida pessoal do autor não tem qualquer relevância no produto literário... Ele pode ser uma coisa na vida pessoal e ser outra na literatura." E, se Érico Veríssimo morreu aos 80 dando entrevistas diariamente para estudantes, Carlos Drummond de Andrade aos 75 se recusa a isto. Hamilton Trevisan defendeu Borges e Rosa, afirmando sobretudo que é preciso inteligência para ver onde eles estão alienados, "onde ele (GR) quis ser o Joyce brasileiro, onde funciona e onde não funciona", ao que você completou: "onde ele vendeu para a consciência brasileira um território mítico que não existe, uma Minas Gerais..." Pera lá, paranaense. A Minas Gerais existiu, existe sim senhor. E tem mais, pesquisando e trabalhando GR, entrevistei e conheci seus personagens, conheci fatos, histórias e eventos de onde o escritor tirou sua obra. Minas está inteira em Rosa. Você pode conhecer a gente mineira, hábitos, crenças, costumes, tudo, através da obra roseana. O último número de Bel'Contos, revista mimeografada que editei em BH, em 72, foi dedicada a GR e possibilita uma visão bem diversa do autor através dos trabalhos publicados. Agora, se ele não fez a programação que você estabeleceu para a sua literatura, isto não lhe dá direito de abordar desta forma a obra roseana. Mas você diz que Gorki é autor de visão eminentemente proletária, que Tchecov é o contrário, não tem ideologia proletária mas que fazia obras do interesse do proletariado. "É uma literatura, vamos dizer, que serve às mudanças sociais, mas não traz mudanças sociais". E que a literatura de ambos é



## CARTAS

romântica. Mas que hoje é hora de exigir do escritor um compromisso social. "Tem de falar do proletariado." E isto trará mudanças sociais? Ora, Pellegrini, você não está sendo tão romântico quanto Gorki e Tchecov? E mais: se existe um tratamento despersonalizante, irreverente, desrespeitoso, é este de tratar uma pessoa como "cara". E você diz: "aquele cara de Minas, o Oswaldo França Júnior", ao citá-lo e ainda diz que é essencialmente romancista e quando escreve um ou outro conto é um fiasco. Ora, fiasco é você dizer isto. OFJ tem um conto, "Eu não o conheci", que trata do relacionamento de um pai com um filho ainda criança, envolvido pelas dificuldades de uma grande metrópole. O conto tem cerca de 50, eu disse cinquenta palavras e diz muito mais que toda a obra de Pellegrini junta. E a propósito, reafirmo aqui que considero "O Homem Vermelho" um dois mais importantes livros de contos desta década. E esta minha afirmação é que me leva a esta imponderável impaciência à entrevista, onde você menospreza os seus próprios livros. Daí, o aviso aos leitores de Pellegrini: leiam os contos e não deem importância ao que ele fala sobre os mesmos. Ele diz: "Acho que a literatura é uma grande soma, mas ela é também uma grande subtração. Ela é tanto incluyente quanto excluyente". Hamilton ponderou: "Mas o que exclui é a história. "Você completou: "São os leitores, comprando ou não os livros." Discordo inteiramente do que você fala sobre "O Homem Vermelho". O meu artigo analisando o livro, publicado em vários jornais, continua de pé, passados seis meses. E é isto, sobretudo, repito que me leva a contestar todas as suas colocações a respeito de seus contos. Para não me estender por demais, deixo de argumentar a favor dos livros, mas lembro que no mínimo você foi descortês com os seus editores. Principalmente com Wladyr Nader, que o entrevistava, que editou "Os Meninos" e um mês depois você vem dizer na própria revista de Wladyr que tem contos que precisam ser excluídos. Por que você não viu isto antes de entregar os originais à Editora? E olha que você diz que eu sou um contista que, apesar de figurar em "Histórias de um Novo Tempo" com dois de meus melhores trabalhos, ainda sou um autor que não está a nível de distribuição nacional. Sou o meu próprio editor, tenho livro pronto e não saiu ainda pra não dizer depois às revistas, que o meu livro tem contos sem nível de distribuição nacional. (Cito isto aqui não por pretender ser o protótipo do orientador, mas porque você tinha conhecimento disto. E já que passei a tratar especificamente de "Histórias de um Novo Tempo", tenho para acrescentar: Antônio Barreto, você diz que está aprendendo

a escrever contos. Olha, Barreto já foi convidado para apresentar livros seus, tanto de contos como de poesia, a mais de uma editora. Recusou-se, alegando que era cedo para publicar. E, veja bem, ele venceu o Prêmio Remington de Poesia com o livro que recusou entregar às editoras. Ele sabe que está aprendendo a escrever. Não é preciso você vir a público dizer isto, fazendo parecer aos que nos lêem e acompanham o nosso trabalho que somos um bando de vaidosos e aventureiros, interessados em publicar sem um sério questionamento a nossa produção literária. Quanto a Julio César, publicou um conto de muito humor, muito apreciado e comentado. E se não está de acordo com a literatura programada não lhe dá direito de considerá-lo ridículo. E o outro, se é chocante, mas para você politicamente equívocado, ao apresentar a tortura como peça turística, a tortura vista de fora, para chocar as pessoas, creio que esta é uma maneira de fazer o leitor ver a realidade, está de acordo com todo o seu posicionamento em toda a entrevista. Ele não é romântico no conto, mostra isto. Quanto ao Emediato, você diz que os contos são bons, mas ele se equivoca. Como não diz de que maneira ele se equivoca fica difícil analisar a questão. Você acha um conto seu bom e outro equívocado. Volto a repetir que é melhor você continuar escrevendo poesia, conto e teatro do que tentar analisar em revistas o seu próprio trabalho. "A Mãe", se apresenta uma visão paternalista da pequena-burguesia, é a visão da "mãe" brasileira, que existe hoje, em nosso tempo, e isto está registrado no conto, e por isto é importante, faz parte do livro ao qual você intitulou: "Histórias de um Novo Tempo". Ora, Caio Fernando Abreu está fora do livro. Nunca. Desde o início defendo os contos de Caio no livro porque justamente o nosso objetivo era mostrar o trabalho de um grupo de escritores. A mim nunca ocorreu que éramos os melhores contistas da nossa geração, não creio que estão reunidos no livro - mais representativos. Não fizemos antologia, fizemos coletânea. Somos um grupo. E Caio representa uma forma diferente dos outros cinco escrever, mas é importante sua inclusão no livro, justamente para que se dê uma visão mais abrangente das diversas formas como estamos tratando o "nosso tempo". Mas o pior de tudo é que você diz que o livro é um equívoco. "onde tem megalomaniacos, pessoas com literatura programada, pessoas que foram presas na rede, pessoas que são iniciantes em contos embora bons poetas... que o livro é um saco de gatos. "E que o livro, em si, é um mau livro. Lembro duas "verdades" citadas nesta carta e em sua entrevista. "O conhecimento da vida pessoal do autor não tem qualquer relevância no produto literário. Ele pode ser uma coisa na vida pessoal e ser outra na literatura." Você misturou as coisas e se contradiz. "Acho que a literatura é uma grande soma, mas ela é também uma grande subtração". Hamilton pergunta: Mas o que exclui é a história? "São os leitores, comprando ou não os livros." E você já recebeu direitos autorais pela venda de oito mil exemplares, três meses depois do livro lançado. "Histórias" continua vendendo, e para falar em termos de edição normal de outras editoras brasileiras, estaria já na 4ª edição. Quanto à alegação de que o livro editado pelo Pasquim vende mesmo, porque distribuídos em bancas, registro que se vende em banca apenas 4.700 livros. O restante da edição, de 25 mil exemplares, está sendo vendida em livrarias, normalmente. Enfim, Domingos Pellegrini Jr. esta carta poderia seguir pelo correio. Se preferi discutir os assuntos em público, é que já estou exausto de gastar grana no correio discutindo com os colegas do "novíssimo conto brasileiro". Por isto termino com uma geral, lembrando que você tem razão, muitos de nós estamos aprendendo a escrever, o público sabe disso. Agora, por que afirmar isto

em público? É acrescentar confusão nesta gênia geral da cultura de nosso tempo, é estabelecer confusão para um público que nos lê e outro maior ainda que não nos lê e precisa ser conquistado. Esta falta de maturidade dos escritores de nossa geração ao dar entrevistas só provoca confusões e ocasionam novas incertezas. Para que se comportar como Caetano Veloso? O que ele faz, o seu trabalho artístico é ótimo, mas só diz coisas atravessadas em entrevistas. É melhor cada um dar a sua visão do mundo de hoje através do trabalho artístico a que se propõe do que tentar sistematizar este trabalho através de entrevistas. Se tem de se explicar, publique um texto, um ensaio. Antes de encerrar, uma observação a Roniwalter Jatohá de Almeida. E de certa forma fixando definitivamente uma posição, a minha, perante os cinco outros autores de "Histórias de um Novo Tempo" e o público. Roniwalter, a respeito de Hélio Pólvoira, lembra que na entrevista ao Pasquim, "o pessoal disse o seguinte: o Hélio Pólvoira vê a literatura nova com olhos de 1950." Ao perguntar se você concordava com tal, você disse muito, tratou o crítico como um crítico qualquer, que se acomoda a interesses de revistas, talvez tentando se aproximar do que disse o pessoal. Mas conclui que precisava de informações mais concretas. Ora, se precisava disto, bastava dizê-lo antes de malhar Hélio Pólvoira. E aí concordo com Hamilton Trevisan, quando afirmou que Hélio cumpre uma função na crítica que os outros não estão tendo. Que ele julga em termos de qualidade. Que é um dos poucos críticos que temos. Hélio Pólvoira reuniu em um livro uma série de críticas sobre diversos livros e autores brasileiros. Creio que o título é "O Conto Brasileiro". É um livro importante. Não é um livro de registros, de resenhas. Tem uma abordagem séria e crítica, o que satisfaz os meus próprios critérios de análises de textos ficcionais. Não é uma visão de 1950, é uma visão de 1850, ou 1922, ou 1977. Veja, então, Roniwalter, minha posição. E para estabelecer, definitivamente, as posições, creio que toda esta geração de escritores chamados novos, não só os reunidos em "Histórias de um Novo Tempo" como também em outras coleções, cada um tem a sua posição. Existe individualidade em cada escritor, tanto na sua visão perante o próprio ofício de escritor quanto aos seus anseios estéticos. Por isto, me exclua deste plural. Agora, se se perguntar quando estamos unidos, aí sim, observa-se a nossa angústia e desespero perante à vida e o nosso tempo, os problemas culturais brasileiros e a alienação de um povo, a luta contra os poderosos de todo o mundo sacrificando este mundo. Enfim, que estamos como tantos outros, realizando a literatura de uma época e que é uma literatura de resistência. (Jefferson Ribeiro de Andrade - Rio de Janeiro, RJ)

#### Rude e baixo

Estou chocado! Difícil acreditar que uma revista com pretensões literárias, e que quer atingir uma seleta camada, venha a publicar, sob qualquer pretexto, um artigo tão baixo, tão rude, tão racista. A pessoa de Samuel Rawet (não posso chamá-lo senhor) só tenho a lastimar; mas infelizmente, como Judeu (faço questão do j maiúsculo), me habituei a conviver com pessoas antiteses, ou seja, aquela pessoa que pode ser a um só tempo culta e igno. ante. Esse Rawet se diz não-nazista, ao contrário, ele deve ser Himmler ou Goebbels nascido na ensolarada Cidade Maravilhosa. Rawet, você escreve com uma pena venenosa, protegido, por circunstâncias, circunstâncias essas que vão deixá-lo passar ileso. Creio que sua maior frustração é a de não ter nascido na época da Inquisição ou dos pogroms. Gostaria de poder ofendê-lo com palavras bem baixas, tão baixas quanto as suas, mas não sou capaz, falta-me a ignorância e o linguajar para tratar com malandros, pois convivendo com judeus não faço uso desse vocabulário. Não poderia deixar

que seu artigo se esvasse no vazio, lugar que se lhe é devido pois não posso favorecer a que mais e mais pessoas começassem a veicular de alguma forma artigos anti-semitas. Basta uma Alemanha! Espero que doravante não consiga mais, com seu veneno serpentina, escrever e que lhe dêem as costas todas as pessoas que procurar, para que sinta na sua carne o sofrimento de ser discriminado. Saiba o que é conviver com sombras. Deixo aqui meus protestos a essa revista, a seu editor e a todas as pessoas que tornaram possível esse artigo lamentável, muito lamentável. (Deivy Marc Petrescu, São Paulo, SP)

Esta revista costuma dar crédito não só aos seus colaboradores habituais, como é o caso de Samuel Rawet, como aos leitores que desejam se manifestar, como é o seu. Veículo de livre debate que é, prefere deixar a tarefa de fazer censura a outros.

#### Nova concorrência

Parabéns pela (nova) concorrência da Livraria Escrita, e desejos de êxito. (Angel Núñez, Livraria Brasileira - São Paulo, SP)

#### Certeza de sucesso

Aceitem nossas cumprimentos pela inauguração da Livraria Escrita e a nossa certeza do sucesso. (Editora Atica - São Paulo, SP)

#### Caminho autêntico

Fácil começar difícil consolidar parabéns família Escrita aniversário revista consolidada caminho autêntico debate crítico literatura brasileira sem aspectos neocolonialistas cultura país. (Clodomir Monteiro - Rio Branco, AC)

#### Para evitar repetições

Wladyr, meu caro: Este negócio de acusar de plágio ou buscar semelhanças é meio ingrato. Afinal não há nada de novo na face da terra há uns dois mil anos. Acontece que o conto "O Dinossauro" de Martha de Freitas Azevedo Pannunzio (Escrita 21) é extremamente parecido com o meu "Ogrash" publicado em "Posso?" (Sabá, 1972). Claro que é impossível a um autor ler tudo o que os outros escrevem mas neste mundo com 100 milhões de escritores o mais importante não é criar mas evitar repetições. (Alberto Dines - Rio de Janeiro, RJ)

#### Esgotado o potencial concretista

Como leitora assídua desta revista, em primeiro lugar cumprimento a nova estética da mesma. Em segundo com relação a esse debate de concretista e neo-modernista: os nossos poetas concretistas têm que admitir que todo o seu simbolismo cartesiano já não comunica, nem satisfaz as necessidades subjetivas humanas, massacradas pela tecnocracia reinante. A nossa poesia (com exceções, é claro) está num beco sem saída. Esgotou-se o seu potencial concretista, tanto é verdade e certo que houve a criação de outra corrente (praxis), desde que a poesia concreta não satisfizesse a todos os nossos poetas (ex. Ferreira Gullar). Na poesia, todas essas correntes, influências e o "diabo-a-quatro" provocaram uma situação interessante. O nosso poeta atual, nascente no agora, fica desconcertado e vazio quando vai escrever um poema, porque o símbolo se desliga da essência da idéia, e conseqüentemente a palavra acaba ficando vazia no papel, o preto no branco, a doutrina binária cartesiana enfim, que já foi ultrapassada pelo próprio "Einstein" (que não tem nada a ver com a poesia, mas mudou a concepção do universo, dando um ponto de crédito aos surrealistas, ou idealistas, como queiram). Na prosa da ficção, toda a nossa atualidade está influenciada na "praxis". Exs. Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Melo Mourão, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Antônio Callado, Adônis Filho, Ayrton Dourado, Murilo Rubião, Ricardo Ramos, Osman Lins. Não é pretensão minha acirrar mais os ânimos em torno do assunto. É apenas um aparte, para que o tema (importantíssimo na nossa literatura) não se torne vulgar nas mãos de interesses pessoais,

ou mesmo rixas e antipatias entre defensores e cultores das nossas letras e artes. É só. (Elizabeth, "Filha de Orejona" - Ourinhos, SP)

#### Cardápio completo

Wladyr, mio caro: Chegou o nº 24. Um particular prazer pra mim, sair nesse número. É tão cabalístico... Mas cê vê só como o papel encorpado contribui na qualidade dum periódico desse tipo? Que diferença do número anterior pra este! Mesmo encarecendo o preço, fica melhor (a FICÇÃO já tá a vinte...) O papel-jornal é bom pra publicações de folhas grandes, soltas, tablôides e tal. Já pensou a INEDITOS em papel-jornal? Bom, mas deixemos de lado o materialismo dialético e vamos às questões metafísicas. O número tá bastante equilibrado. Tem um pouco de tudo, na dose certa. Acho que, se a revista mantivesse essa proporção, estaria irreprensível. Só uma falha: faltaram as cartas. Cadê? Pessoalmente, e exceto o conto do Valdomiro (isso eu chamo escrever, caramba!), creio que o forte do número são as duas entrevistas (equilíbrio é isso: falar de criação e de comercialização, as duas faces da atividade literária). O resto não me diz nada de novo. O Fábio Lucas enrola uma terminologia toda "signolinguística" pra repetir que as "falsas" vanguardas são subversivas ao colonialismo cultural. Ora, isso o Gullar e o Merquior já disseram (aliás, é essa a bandeira "publicitária e narcisista" desses caras: criticar as vanguardas; graças às mesmas é que são tão citados, não é?). Quanto ao colonialismo cultural, o Fábio fala em "falsa" vanguarda, mas não diz qual ele acha "verdadeira". Pra mim, esses críticos-da-vanguarda são bobos ou se fazem de miguél. Fingem que não entendem a proposta dos vanguardistas e ficam acusando a turma de alienada. Será que eles não percebem que as vanguardas não podem ser encaradas com seriedade porque a seriedade é tão obsoleta quanto a dialética com que as criticam? As vanguardas "assumem" e "assimilam" o nosso subdesenvolvimento, coisa com que os "dialéticos" não se conformam. Mas é que elas são visceralmente satíricas, e só assim podem ser encaradas e entendidas, porque a sátira é a única atitude verdadeiramente "séria" diante das realidades opressoras e implacáveis, que os idealismos não conseguem mudar. Mas não adianta discutir isso com os "ensaístas". Pois, se eles não forem ingênuos, que cuidem de não transgredir, já que dessa teimosia resultaria dependência sua notoriedade e o equilíbrio universal das sentenças nas cucas. A eles o "obrigado igualmente" de todos os vanguardistas. Sobre o resto, pouco a dizer. O Rawet tá meio esquentado, isso passa. O Cortázar tá "muy obvio" (quer dizer que o conto breve não estrutura de prosa? Claro, toda síntese é poesia! Mas não é preciso deixar de ser prosa pra ser poesia. Tudo pode ser poesia. Basta que comunique "desde", e não "por meio". Obra aberta. Obvio). A Marisa Lajolo fala em assumir o subdesenvolvimento como uma trágica autocritica. Preocupação honesta mas inútil. Bolle defende tese, e eu não me meto com fórmulas de análise. Não sou dado às ciências exatas. Só se for pra usá-las como poesia. Enfim, há pratos pra todos os paladares. O nº 24 é um cardápio completo. Dá pra representar, por amostragem, o espírito da revista ao longo dos dois anos de vida. Uma iniciativa bem sucedida, eu acho, embora oscilante. Saldo positivo é constatar que nas novecentas e tantas páginas de vinte e quatro números compareceu a maior parte dos chamados "novos", como colaboradores, missivistas ou candidatos. A revista tem abrigado quase todas as manifestações e tendências mais ventiladas, exceto a vanguarda de expressão gráfico/visual, o que considero sua grande omissão - em que pese ter dedicado demasiado espaço a polemizar essa mesma vanguarda, coisa que só beneficia os "ensaístas". Pra finalizar. Concordo com Pellegrini que o Caio Fernando é dos melhores em termos de qualidade, mas discordo que

essa qualidade seja "anódina". Ele, Pellegrini, é um dos melhores. Mas anódino é atribuir missões à qualidade. Não façamos crítica programada. O Caio é bom e acabou. Sem ressalvas. Pela atenção dispensada, subscrevo-me grato, a<sup>o</sup> e an<sup>o</sup>, Glauco dos Anzóis Mattoso - (Rio de Janeiro - RJ).

#### Polêmica saudável

Tomando conhecimento das cartas - reclamei-as na minha última - acusadoras e sentidas, à entrevista feita por você ao sr. Franklin Vassão - armei-me desta para, em alguns pontos, defender o dito acusado e, na mesma, concordar com os acusadores sentidos. Concordo piamente com os pontos de vistas do F. V. sobre alguns livreiros, editores e, acima de tudo, sobre os "empregados" das livrarias, que não sabem realmente atender um cliente, que não lêem - a maior parte - e que, se acham pura e simplesmente, empregados. Agora, sobre o problema de culpa, todos nós temos a nossa parcela, essa é a boa verdade. Sabe, em lugar de ficarmos brigando, acusando A ou B, julgando esse ou aquele, devíamos, sim, nos unirmos todos em prol dessa causa comum e juntos - olha que a união "ainda" faz a força - entrarmos de corpo e alma nessa guerra, mas com a mente voltada para a vitória, pois acho que já é hora de possuímos a dita. Apontar erros, corrigi-los da melhor maneira possível, tudo bem, mas, ficar nessa de juiz, isso eu não acho lá muito certo. Ninguém é perfeito e, às vezes, o que é certo para um é errado para outro e vice-versa. Dizem que o negócio do livro não é rentável. Mentira. Todos sabem que é mentira. Ai eu concordo com o F.V., assim mesmo em parte. O mal de todo e qualquer comer-

ciante é que ele quer ver retornar o dinheiro investido, daqui a pouco, não amanhã ou depois, e o mercado do livro é um investimento a longo prazo, não é um investimento rápido - a não ser nas raras exceções dos "boom" literários, escritores-gênios -, daí a dificuldade no ramo. Concordo que o hábito da leitura não se cria da noite pro dia, mas, também, as livrarias têm a sua parcela de culpa, não bem a livraria, mas os que administram a mesma, pois às vezes você vai comprar um livro e o cara que vem te atender não entende patavinas de livro e você acaba desistindo da compra. Isso também prejudica. Agora, acho que hoje em dia, cada vez mais o brasileiro está consciente que existe o livro, que ele é para ser lido e não somente colocado na estante como enfeite. É só dar uma olhada nas edições que se esgotam rapidamente. Agora, a propaganda também faz parte do negócio e ela é uma peça importantíssima, certo? Até os chamados "inéditos" dão lucro, pois os mesmos, quando editados, além de fazerem a propaganda do material - dele -, também o faz do veículo, ou seja, da revista ou livro, editora e livraria, e assim por diante. E só ver como as editoras "para-que-distas" estão investindo nos mesmos. Afinal, se lê ou não se lê nessa terra? Realmente, o mercado do livro é ingrátissimo - isso por aqui - pois é daí que há essas brigas e desavenças, sempre, sempre... O que falta mesmo é um investimento em massa - não como o F. V. falou, investir 10 bi sem retorno, isso é loucura ou então falta do que fazer - mas sabendo das realidades da estrada a ser percorrida. Mas, cadê o super-homem? Haverá por acaso algum Don Quixote, que não seja aquele nosso conhecido? Acho que o F. V., em

algumas das suas declarações, além de misturar as estações, foi precipitado. Ele mesmo poderá constatar isso, se ler e reler tudo que disse com calma e de cabeça fria. Acertou de um lado, mas falhou de outro. Digo isso, não numa de julgador, mas apenas de bom observador e xereta. Discordo da sua afirmação sobre as editoras "para-que-distas", pois, são as mesmas que, corajosamente, estão aí mostrando que o mercado do livro não é nenhum bicho papão, que existe e está aí para ser explorado e que vale a pena. Discordo da afirmação de que, foi vetada a co-edição em português no exterior.

Isso seria assinar, com firma reconhecida o diploma de burro. Discordo dessa de misturar tabaco e livro. Seria o mesmo que pegar o quitandeiro e fazê-lo, de hoje para amanhã, livreiro. Não dá, seria uma bela e supimpa porcaria. Enfim, valeu a pena a entrevista e a polêmica que gerou a mesma. Foi como se tivesse mexido numa casa de marimbondos. Precitava. Foi válido. Agora, que tal uma entrevista com os senhores donos das cartas publicadas? Que tal a publicação, dos artigos enviados pelo senhor Enio M. Guazzelli? Atento também para a pauta do Fábio Lucas, com quem concordo plenamente. Tal o exemplo que deveria ser tomado como base nas lutas diárias. Por último, volto a reclamar da nova encadernação, pois, como disse em carta anterior, se continuar assim, deixaremos comprar dias revistas: uma para ser manuseada e outra só para ficar guardada na estante, para fazer parte da coleção. Sobre o papel que eu reclamei há muito tempo atrás, tudo bem, vale os Cr\$ 25,00 pagos. Foi isso que eu tentei dizer "naquela" carta. (Carlos Araújo, Há Gente - São Paulo, SP)

## ASSINATURAS DE PUBLICAÇÕES DA VERTENTE

Assinale com um X o(s) título(s) de sua preferência:

- |                          |  |             |
|--------------------------|--|-------------|
| <input type="checkbox"/> | Escrita anual sem direito a número atrasados .....                             | Cr\$ 250,00 |
| <input type="checkbox"/> | Escrita anual com direito a três números atrasados: .....                      | Cr\$ 300,00 |
| <input type="checkbox"/> | Escrita semestral sem direito a números atrasados. ....                        | Cr\$ 125,00 |
| <input type="checkbox"/> | Escrita semestral com direito a dois números atrasados: .....                  | Cr\$ 150,00 |
| <input type="checkbox"/> | Escrita/Ensaio anual (seis números) com direito a dois números atrasados ..... | Cr\$ 150,00 |

- Observações: 1 - As assinaturas para Ovelha e Outrossim estão temporariamente suspensas.  
2 - Favor colocar os números atrasados após os dois pontos, nas respectivas linhas.  
3 - Não poderemos fornecer números atrasados de Escrita 1, 2, 4 e 13.

Favor preencher o quadro abaixo:

Nome: .....  
Endereço: .....  
Cidade: ..... CEP: ..... Sigla do Estado: .....

- Segue cheque visado para  
 Segue vale postal para

Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: - 62.3699 e 262.8861.  
05007 - São Paulo (SP)



**CEM POEMAS CHINESES**



HUGO DE CASTRO

26

Aqui a poesia chinesa está representada desde os seus primórdios, num trabalho de pesquisa de Hugo de Castro. Também Mao Tse Tung está presente. Cr\$ 50,00



O Rei dos Cacos  
Vênice de Assis Vênice

25

A infância feliz é revivida neste segundo livro da autora de "O Dia de Ver Meu Pai", também feito para crianças. Ilustrações de Matuck. Cr\$ 25,00



24

Asa Curta é também o nome do herói desta história que o jornalista Gilberto Mansur escreveu para crianças e Sandra Abdalla ilustrou. Cr\$ 30,00

**OS MENINOS**



Domingos Pellegrini Jr.

23

Todos os contos deste terceiro livro de Pellegrini tratam de meninos e interessam especialmente a professores secundários e educadores. Cr\$ 55,00



22

As melhores crônicas publicadas por Contente na Última Hora paulista estão nesta coletânea, também de textos inéditos. A capa é de Octávio. Cr\$ 70,00



Samuel Rawet

16

Segunda edição de um livro de contos considerado difícil mas que leva o leitor a constantes desafios. Rawet é também autor de peças e ensaios. Cr\$ 40,00



15

Os pais podem afinal entender os filhos: através de cartuns e de um texto leve, este livro mostra o que há por trás do jargão freudiano. Cr\$ 50,00



14

A ambigüidade sexual é o assunto de Yukio Mishima, um dos grandes autores japoneses da atualidade, em "Confissões de uma Máscara", romance. Cr\$ 60,00



13

Um bom leão e um touro leal são os personagens centrais deste livro ilustrado por Matuck e Sandra Abdalla e traduzido por Hélio Polvora. Cr\$ 40,00



12

"A Festa" não é só o romance dos anos 70. Também formalmente ele é revolucionário, o que a própria crítica já reconheceu. 2ª edição. Cr\$ 80,00



5

A partir daqui Wladyr Nader trocou a ficção científica e as histórias fantásticas pela ficção urbana. São contos, como em "Cafarnaum". Cr\$ 45,00



4

As histórias que deram a Luiz Vilela prêmios no I e II Concurso Nacional de Contos, do Paraná, também estão em "Tarde da Noite", lançado em 1970. Cr\$ 70,00



3

Em 1870, segundo Philippe Soupault, Lautréamont, autor maldito, desencadeou uma tempestade formidável. Ilustrações de Maninha. Cr\$ 90,00



1

Recusada por duas editoras, esta coletânea de histórias fantásticas e de ficção científica foi seguida de outra, que ainda hoje permanece inédita. Cr\$ 45,00

**ESGOTADOS**

2  
Isto o Jornal Não Conta  
- coletânea de contos -

6  
Brinquedo  
- Hamilto.. Trevisan -

**CATÁLOGO DA VERTENTE**



 <p>21</p> <p>O norte-americano William Faulkner não escreveu apenas mais uma estória de caçada. Sua pequena obra-prima tornou-se um clássico do gênero. Cr\$ 60,00</p>	 <p>20</p> <p>Com este romance, o baiano Antônio Possidônio Sampaio obteve o prêmio do I Concurso Escrita de Literatura, na categoria, em 1976. Cr\$ 20,00</p>	 <p>19</p> <p>O Scliar mais inventivo, mordaz e irônico está nesta coletânea de contos que lhe deu o primeiro lugar no I Concurso Escrita, na categoria. Cr\$ 20,00</p>	 <p>18</p> <p>Dividiu com Moacyr Scliar o prêmio do I Concurso Escrita de Literatura - Contos. Seu passado de operário inspirou as estórias deste livro. Cr\$ 20,00</p>	 <p>17</p> <p>Terceira coletânea de contos de Wladyr Nader, editor da revista Escrita. O alvo do autor é a classe média amorfa e cheia de preconceitos. Cr\$ 55,00</p>
 <p>11</p> <p>Numa caixinha, três estórias infantis de Antônio Dias de Moraes, em volumes independentes e ilustrados por José Américo Mikas. Cr\$ 35,00</p>	 <p>10</p> <p>Romance-desabafo do autor de "Lições de Pânico", tendo como anti-herói um paulistano descontente com sua cidade e com o mundo ocidental. Cr\$ 45,00</p>	 <p>9</p> <p>Zélio encontrou a saída: um livro de cartuns que, lançado em 1974, ainda hoje é um prato cheio para os apreciadores do seu humor cortante. Cr\$ 55,00</p>	 <p>8</p> <p>As crianças que estão começando a ler aprendem muito com esta pequena obra escrita e ilustrada a cores por Maria Magdalena Lana Gastelois. Cr\$ 8,00</p>	 <p>7</p> <p>Faulkner deu este conto infantil de presente à enteada Victoria, quando ela completou oito anos. As ilustrações são de Sandra Abdalla. 2ª edição. Cr\$ 45,00</p>
<p><b>A</b> <b>Escrita</b></p> <p><i>Revista mensal de Literatura</i> <b>O b:</b> N<sup>os</sup> .1,2,5,6 13 esgotados</p>	<p><b>B</b> <b>Escrita/Ensaio</b></p> <p>B1 Cultura Brasileira Carlos N. Coutinho, Nelson Werneck Sodré, Otto Maria Carpeaux, Dyonélio Machado, J. Ramos Tinhorão, Ferreira Gullar, B2 Crise: O Fim das Ilusões? B3 Empresa Nacional: A Luta pela Sobrevivência</p> <p>Cr\$ 25,00</p>	<p><b>C</b> <b>Escrita/Livro</b></p> <p>C1 Ficção Brasileira Hoje Osman Lins, Ivan Angelo, Ricardo Ramos, Samuel Rawet, Gilberto Mansur, Moacyr Scliar C2 Confissões de um Comedor de Ópio Thomas de Quincey (comentado por Baudelaire)</p> <p>Cr\$ 25,00</p>	<p><b>D</b> <b>Ovelha</b> (suspensa temporariamente)</p> <p>D1 - Especial D2 - nº 5 D3 - nº 6 D4 - nº 7</p> <p>Cr\$ 10,00</p>	<p><b>E</b> <b>Outrossim</b> (em fase de preparação)</p>

## Reembolso Postal

Favor preencher o quadro abaixo:

Nº (s) do(s) livro(s) solicitado(s): ..... Letra(s) da(s) revista(s) solicitada(s) .....

Nome: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... CEP: ..... Sigla do Estado .....

( ) Segue cheque visado para  
( ) Segue vale postal para

Vertente Editora Ltda. Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: 62.3699 e 262.8861 05007 - São Paulo (SP)



# A Vertente também está na Graphis

187 GRAPHIS



Paul Brantley, Brasil

Paul Brantley nasceu em 1924, em Chicago, Illinois. Estudou na Universidade de Chicago e trabalhou como ilustrador para a editora Random House. Em 1950, mudou-se para o Brasil e trabalhou como ilustrador para a editora Graphis. Em 1955, fundou a própria editora, a Paul Brantley Editora, em São Paulo.



Este livro é uma adaptação de um conto de Ernest Hemingway, escrito em 1925. A história conta a história de um homem que se apaixona por uma mulher e tenta conquistá-la. O livro é ilustrado por Sandra Abdalla e é destinado a crianças.



Este livro é uma adaptação de um conto de Ernest Hemingway, escrito em 1925. A história conta a história de um homem que se apaixona por uma mulher e tenta conquistá-la. O livro é ilustrado por Sandra Abdalla e é destinado a crianças.



Este livro é uma adaptação de um conto de Ernest Hemingway, escrito em 1925. A história conta a história de um homem que se apaixona por uma mulher e tenta conquistá-la. O livro é ilustrado por Sandra Abdalla e é destinado a crianças.

Este livro é uma adaptação de um conto de Ernest Hemingway, escrito em 1925. A história conta a história de um homem que se apaixona por uma mulher e tenta conquistá-la. O livro é ilustrado por Sandra Abdalla e é destinado a crianças.

Este livro é uma adaptação de um conto de Ernest Hemingway, escrito em 1925. A história conta a história de um homem que se apaixona por uma mulher e tenta conquistá-la. O livro é ilustrado por Sandra Abdalla e é destinado a crianças.

## Hemingway para Crianças

- ilustrado a cores por Sandra Abdalla -  
Cr\$ 40,00

Nas livrarias ou por reembolso postal  
Pedidos à  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Dr. Homem de Melo, 446 - Fones: 62-3699 e 262-8861  
05007 - São Paulo (SP)

